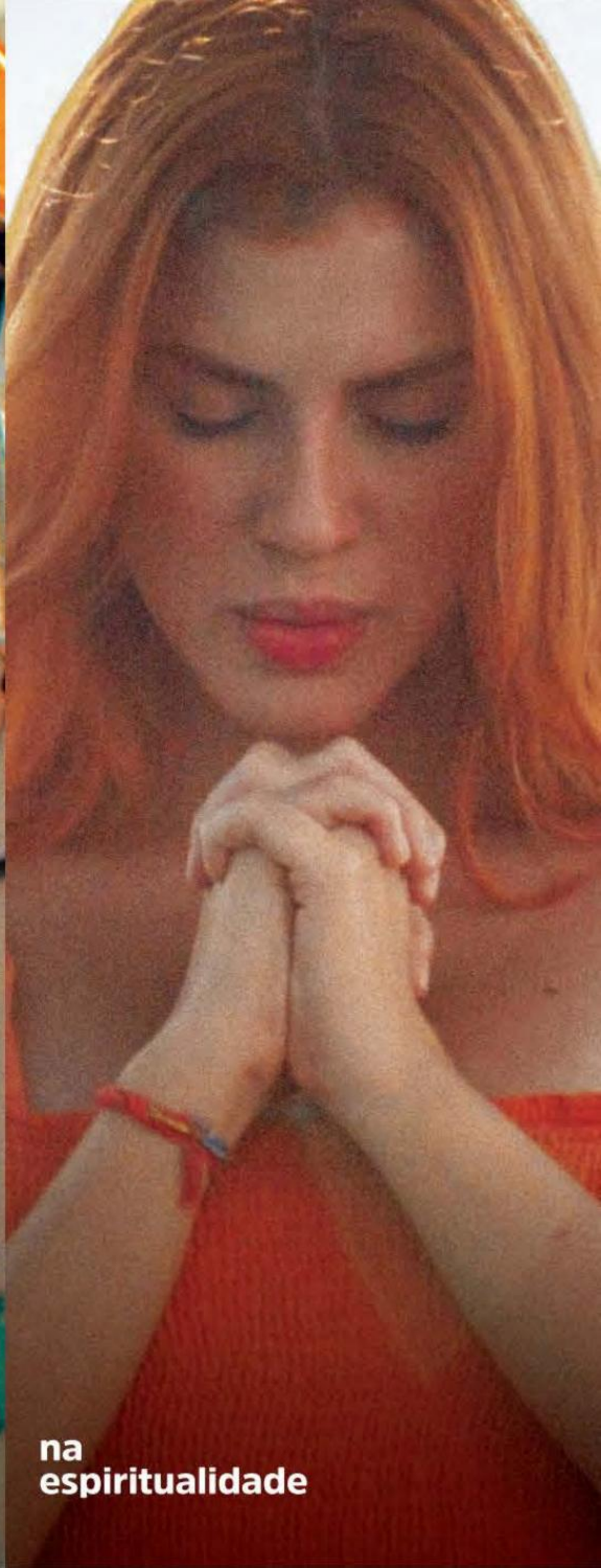
Editora ABRIL
edição 2760 - ano 54 - nº 41
20 de outubro de 2021

veja

www.veja.com

O RECOMEÇO

Com o avanço da vacinação e a queda consistente no número de mortes, países reabrem as portas aos brasileiros, escolas retornam 100% presenciais, shows e peças voltam aos palcos e a vida, aos poucos, é retomada em todo o Brasil

Refit
no
trabalho
na
espiritualidade

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2760 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 41. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR

AOS POUCOS, A RETOMADA: Aeroporto de Congonhas, estádio de futebol e capa da VEJA: o avanço da vacinação está permitindo a vitória sobre a doença

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS; ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

A VIDA DE VOLTA

NO CARNAVAL DE 2020, celebrado no fim de fevereiro, era difícil imaginar o que aconteceria no Brasil e no mundo a partir do mês seguinte. O coronavírus já tirava vidas na China, mas poucos poderiam prever que a doença alcançaria o status de pandemia e alteraria drasticamente o cotidiano do planeta inteiro — e por tanto tempo. Não é exagero dizer que foi uma reação em cadeia de proporções épicas. Países se fecharam, pessoas foram obrigadas a ficar em casa por meses, comércios de todos os tipos e tamanhos cerraram as portas e, mesmo com bilhões seguindo as recomendações médicas, cerca de 5 milhões de pessoas morreram (por aqui, infelizmente, alcançamos recentemente a marca de 600 000 brasileiros). Trágica sob vários aspectos, tal experiência entrou para a história da humanidade e será lembrada pelas atuais gerações por décadas.

Como o combate ao coronavírus variou de governo para governo, assim como a extensão alcançada, o retorno à normalidade tem sido diferente nos países. Na Inglaterra, que aplicou rapidamente a imunização em sua população — 68% dos ingleses estão totalmente imunizados —, a retomada foi feita em maio. Na França, desde que se apresente o passaporte de vacinação, a rotina hoje é praticamente idêntica ao que era antes da pandemia. Nos Estados Unidos, por exemplo, já não há a obrigação de usar máscara em locais abertos. No Brasil, depois de muitas trapalhadas do governo Bolsonaro, finalmente estamos dando braçadas firmes para este recomeço. Um ano e meio depois da chegada do "apocalipse", torcedores estão frequentando estádios de futebol, os shows recomeçaram, diversas escolas e universidades voltaram com as aulas presenciais e cidadãos nacionais já podem viajar para países que antes proibiam a nossa presença. A vida, aos poucos, retorna ao normal.

Na reportagem que começa na página 56, VEJA explica os números que possibilitam essa retomada, bem como os efeitos que ela vem provocando na economia e no dia a dia dos brasileiros. Embora alguma cautela seja recomendável, o quadro geral é bastante promissor, indicando uma melhora consistente dos dados. Depois de um atraso indesculpável, o Brasil tem 47% da população totalmente vacinada, uma taxa de transmissão de 0,60 (ela chegou a 2,81 em abril de 2020) e UTIs com capacidade ociosa. É possível dizer, sim, que o pior já passou e que não há nenhuma probabilidade de colapso do sistema de saúde, situação que chegou a ser cogitada durante os piores momentos da pandemia. As tais variantes que preocupavam especialistas não causaram o mal que poderiam — mais um sinal da eficácia das vacinas atuais. Lamenta-se, evidentemente, que a média móvel ainda esteja perto de 400 mortes diárias. Mas esse número ultrapassou os 3 000 e vai continuar a cair nas próximas semanas. Hoje, portanto, é razoável projetar algo impensável há alguns meses: um Carnaval alegre e pujante em 2022. Com todos os cuidados necessários, claro. ■

"VOU SER PRESIDENTE"

Após três desistências, o apresentador jura que vai estrear em eleições como candidato ao Planalto, critica Bolsonaro e diz que a ascensão dele ocorreu por causa dos erros do PT

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS

EGBERTO NOGUEIRA/IMÃFOTOGALERIA

DEPOIS DE ENSAIAR algumas incursões nas urnas, o apresentador de TV José Luiz Datena deve, enfim, estrear na política em 2022. E, se depender de suas pretensões, direto na disputa pela Presidência da República — segundo a última pesquisa Datafolha, de setembro, ele tem 4% das intenções de voto e apenas 19% de rejeição do eleitorado. Lançado candidato ao Planalto pelo PSL, o seu sexto partido, antes do anúncio da fusão com o DEM (que vai criar o União Brasil), ele declara que aceitaria o desafio de disputar prévias com outros presidenciáveis como o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. Se perder, no entanto, poderia ir para o PDT e aceitar o convite para ser candidato a vice de Ciro Gomes. Em entrevista a VEJA na sede da TV Bandeirantes, no bairro do Morumbi, onde comanda o *Brasil Urgente*, programa popularesco que é líder de audiência da emissora na Grande São Paulo, Datena faz críticas ao governo Jair Bolsonaro — em especial à economia —, afirma que o capitão chegou ao poder graças aos erros cometidos pelos governos do PT, mas fustiga também João Doria (PSDB) e Sergio Moro (segundo a definição do jornalista, bem ao seu estilo, o ex-juiz não é a freira que entrou na boate).

O senhor já desistiu três vezes de entrar na política. Como acreditar que agora é mesmo para valer? A eleição que eu fiquei mais próximo de disputar foi a última, em 2020, quando, nu-

ma reunião na casa do João Doria, com Rodrigo Maia, Baleia Rossi e Bruno Covas, ficou acordado que eu seria candidato a vice-prefeito. E assim foi durante mais ou menos um mês e meio. No caminho, percebi que houve interferências políticas de um lado que não queria que eu fosse o vice do Bruno. Aí eu disse: "Bruno, não dá, tem muita gente contra, não quero criar problema". Uma vez o Wilson Witzel me perguntou: "Por que você refugou três vezes?". Eu falei: "Não quero passar o ridículo que o senhor está passando, de ser quase preso, quase levar sua senhora à cadeia e ser impichado". Foi por isso que não fui para outras eleições. Porque tem o contato inicial, aí você vai conhecendo as pessoas e chega à conclusão de que não eram corretas. Hoje, sou o único candidato do PSL à Presidência, lançado pelo presidente *(Luciano Bivar)*, e continuarei candidato.

Mas, após a fusão com o DEM, haverá outros presidenciáveis nesse páreo... Eu aceito prévias contra Luiz Henrique Mandetta e Rodrigo Pacheco, porque sou um democrata. Posso participar e ganhar. Agora, se eu perder, não quero ficar e ser candidato nem a governador nem ao Senado, porque tenho convites de outros partidos. Gilberto Kassab já me convidou para ser candidato e tive uma conversa com Ciro Gomes *(PDT)*, que me ofereceu a possibilidade de ser candidato a vice dele ou a governador. Então, dessa fusão, eu só saio candidato a presidente.

Tem recebido apoio da Band e da sua família, que já foi contrária em outras ocasiões? Minha família é contra, não quer. A Band é muito democrática nesse aspecto. O Johnny Saad, que é o diretor-presidente da emissora, me deixou tranquilo para concorrer a qualquer coisa. Lógico que eu tenho que sempre fazer consulta a ele, porque afinal é meu empregador.

"Há uma rejeição da grande imprensa ao tipo de programa que faço, que seria policialesco. Mas ele hoje é muito mais social do que policial. Não gosto de fazer, mas acho que faço bem"

Mas ele é mais do que isso, é um amigo, é um irmão mais velho.

O senhor já foi do PT, PP, MDB, DEM, PRP e, agora, PSL. Como se define ideologicamente afinal? Nunca fui engajado na política desses partidos e não se pode dizer que eu tinha a ideologia deles. Minha ideologia é constitucional, independe de direita, esquerda, centro, e parte do princípio básico de um governo para o povo. Sou completamente contra qualquer ideologia que beire o fascismo, seja contra e arranhe a democracia.

Por que acha que pode disputar a Presidência? Só por ser popular? Popularidade não dá voto. Além dela, o que interessa é credibilidade. A televisão mostra sua alma, não estaria exposto há trinta anos se não tivesse credibilidade. Sou um cara que não rouba, sou honesto. Quando o dever público te chama, é importante que atenda. Se não, será governado pelos maus. Diferentemente do que Lula disse, que a eleição estava parecendo um Enem *(em referência à busca por uma terceira via)*, a política está perdendo credibilidade, não porque procura a mim ou ao Luciano Huck ou a outro nome de fora, mas por gente como ele e Bolsonaro.

Como recebe as críticas a respeito do conteúdo do seu programa na TV, *Brasil Urgente*, que explora dramas pessoais e casos de polícia? Há uma rejeição da grande imprensa ao tipo de programa que faço, que seria policialesco. Ele é policial, mas hoje é muito mais social do que policial. Não sou repórter policial, eu estou apresentador de programa policial porque foi o que sobrou para mim. Já fui repórter esportivo, narrador esportivo, caí num programa policial quando acabou o esporte na Record. Não gosto de fazer, mas acho que faço bem.

Quais são os principais problemas do país? É a fome, o povo desassistido, a divisão de renda injusta. Nosso ministro da Economia, Paulo Guedes, que faz uma péssima gestão, só governou contra o povo. Quando precisava de auxílio emergencial justo, ele propôs 200 reais. O poder de compra está sendo corroído, destruído pela política econômica dele. O brasileiro precisa desesperadamente desse auxílio emergencial miserável, precisa desse auxílio miserável do Bolsa Família, mas o que quer de verdade é emprego.

O próximo presidente pode herdar o país com inflação e desemprego em alta. Quem seria o seu ministro da Economia? Alguém que pensasse a favor do povo. "Ah, mas o cara não está agradando ao mercado financeiro." Duvido que a turma da Faria Lima esteja satisfeita com o Paulo Guedes. Se eu for eleito por um partido desse tamanho *(União Brasil)*, haverá um plano de governo definido por uma série de cabeças. O presidente não pode ser uma cabeça, uma sentença, ele tem de ser um representante do povo que di-

vida as funções para governar. Mas para ajudar a população é preciso taxar mais os que ganham muito, enxugar o Estado e gastar direito.

O senhor é hoje muito crítico a Bolsonaro. Decepcionou-se com o governo dele? Tive todas as decepções, como todo cidadão que votou nele. Mas não esperava muito, sinceramente. Quem criou Bolsonaro foi a esquerda, o Lula indo para a cadeia, o Lula criando a Dilma, o pior governo de todos os tempos, que jogou o país no nosso pior período recessivo. Bolsonaro não foi eleito pelos méritos dele. Quem o elegeu foi a péssima condução dos regimes de esquerda. A incompetência da esquerda elegeu Bolsonaro, e a incompetência do governo Bolsonaro está agora trazendo Lula de volta.

Bolsonaro cometeu crimes na condução da pandemia? O fato de estimular as pessoas a não tomar vacina é crime? É crime pra caramba, é crime contra a humanidade. O fato de não usar máscara e provocar aglomerações também. Mas quantos como ele cometeram o mesmo crime e foram cínicos se dizendo adeptos da ciência? O que foi feito nas eleições? O Doria, por exemplo, recebeu um comunicado do centro de contingência do coronavírus de que o estado não deveria estar aberto como estava no mês das eleições. Mas ele preferiu arriscar. Eleito o prefeito, o que fez? Passou o estado inteiro para a fase amarela e foi viajar para Miami. Depois pediu desculpas. Quantas pessoas morreram com isso? Isso é negacionismo, e não foi só o Doria. A maioria dos governadores, para eleger seus prefeitos, fez a mesma coisa. Então boa parte desses caras foi negacionista também.

O senhor disse certa vez ter certeza de que Bolsonaro não é "ladrão". Mantém a confiança na honestidade dele? Não teria capacidade hoje de responder à pergunta com essa convicção. Talvez ele mesmo não tenha roubado nada, duvido que tenha roubado, mas não sei se permitiu que roubassem ou se gente roubou em nome dele sem ele saber, ou com ele sabendo. Que os órgãos competentes apurem.

Acredita que em 2022 o eleitor vai apostar outra vez em um candidato *outsider* depois da decepção com Bolsonaro? Primeiro que o Bolsonaro não é um cara de fora da política, está na política há trinta anos. Se tem um cara que é político, na acepção real do termo, com todos os defeitos ou acertos da política, é o Bolsonaro.

Mas ele se apresentou com um discurso de alguém de fora. Ele aproveitou o momento para se apresentar assim, mas não era de fora da política, não era *oustsider,* foi político a vida toda. Foi mais político do que militar.

Como avalia uma candidatura do ex-juiz Sergio Moro, que também pode usar esse discurso antipolítica? Ele é uma pessoa honesta, mas não acho que seria um bom candidato, um bom presidente. Parece que ele julgou mal Lula, trocou informações que não deveria ter trocado com os procuradores. Isso não é uma coisa correta. Acho que ali ele pisou na bola, ainda mais assumindo depois disso o ministério de Bolsonaro. Isso não significa que ele seja desonesto. Às vezes o cara dá um escorregão na vida. Outra coisa é essa história de trabalhar para uma empresa que defende os interesses de uma companhia que ele condenou, como a Odebrecht. Prova que ninguém é anjo, ele não é a freira que entrou na boate.

É possível quebrar a polarização Lula-Bolsonaro? A polarização é, acima de tudo, uma estupidez, pregar o ódio. Polarizar é dividir em dois o que pode ser dividido em muitos, dar mais chance para que o brasileiro escolha. Tem de abrir o leque para que a disputa ideológica continue, porém mais aberta. Talvez esse número de indecisos, ou quem está ainda pensando em votar em Lula ou Bolsonaro, mude de posição com alguém que tenha ideias mais próximas de um Brasil que precisa mudar. Com esses dois, não vai.

O senhor vê alguma semelhança entre Lula e Bolsonaro? Ideologicamente, tudo diferente. De parecido, quase todo o resto, tanto que um levou ao outro — e vice-versa.

Qual dos dois o senhor acha que tiraria do segundo turno? Bolsonaro, com certeza. Ele é quem está perdendo voto, é o que dizem as pesquisas. Mais fácil tirar ele do que Lula.

Mas se os dois passarem, em quem afinal o senhor votaria? Não votaria em nenhum deles. Tenho certeza de que vai dar tudo certo e eu serei o próximo presidente da República. ■

"Quem criou Bolsonaro foi a esquerda, o Lula indo para a cadeia, o Lula criando a Dilma, o pior governo de todos os tempos. Bolsonaro não foi eleito pelos méritos dele"

VIOLÊNCIA QUE NÃO ACABA

DENUNCIADO, julgado e condenado em alguns episódios, o tratamento dispensado aos negros pela polícia americana continua mesmo assim sendo uma ferida exposta que vira e mexe volta a infeccionar. Em Dayton, Ohio, mais um vídeo revoltante, gravado pelas minicâmeras que os próprios policiais portam nas patrulhas, **mostra Clifford Owensby, 39 anos, paraplégico, sendo arrastado para fora do carro pelos braços e pelos cabelos.** Parado em uma barreira ao deixar uma casa onde havia suspeitos de tráfico de drogas, ele recebeu ordens de sair do veículo. Repetiu reiteradamente que não conseguiria, por não ter o uso das pernas.

Na filmagem, ouve-se o policial lhe dando duas opções: ou sai ou será removido à força. Em seguida, é puxado violentamente para fora. "Eles me arrastaram como um cachorro, como lixo. Foi uma humilhação", disse depois. A polícia divulgou que Owensby tem "um histórico de crimes". A revista do carro encontrou 22 000 dólares em espécie, mas nenhuma droga, e ele foi liberado sem acusação. Na ação mais escandalosa do gênero, em 2020, o policial Derek Chauvin passou nove minutos e 29 segundos comprimindo com o joelho o pescoço do negro George Floyd, à vista de todos. Floyd morreu asfixiado, desencadeando a maior onda de protestos raciais nos Estados Unidos desde o movimento pelos direitos civis dos anos 1960. Levado a julgamento, o que raramente acontece, Chauvin foi condenado a doze anos de prisão por homicídio. Pelo jeito, a punição — muito louvável — não serviu de lição. ■

Ernesto Neves

BRUNO CASTILHO/FUTURA PRESS

“Pátria amada não pode ser pátria armada.”

DOM ORLANDO BRANDES, arcebispo de Aparecida, mandando recado ao governo na missa celebrada no dia da padroeira do Brasil

“Lamentavelmente, o hospital não tem mais condições de suportar o ônus financeiro e humano decorrente da vigilância privada.”

HOSPITAL SAMARITANO da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, pedindo que o ex-deputado Roberto Jefferson volte para a cadeia, pois tem condições de alta imediata. Ele passou por um cateterismo

“Um dos mais sérios fracassos na área da saúde que o Reino Unido já experimentou.”

RELATÓRIO da comissão do Parlamento britânico encarregada de avaliar a estratégia do governo contra o novo coronavírus. A crítica se refere apenas aos primeiros meses

“Os alunos merecem se reconhecer nos que aprendem.”

GAVIN NEWSOM, governador da Califórnia, ao anunciar a introdução no currículo escolar de uma nova matéria obrigatória: estudos étnicos

“Garanto que não voltará a acontecer.”

JAY Y. LEE, vice-presidente da Samsung e filho do fundador, ao confessar que usou uma substância ilegal, propofol, durante cinco anos. Ele também é julgado por manipulação de ações e já foi condenado por suborno e desfalque

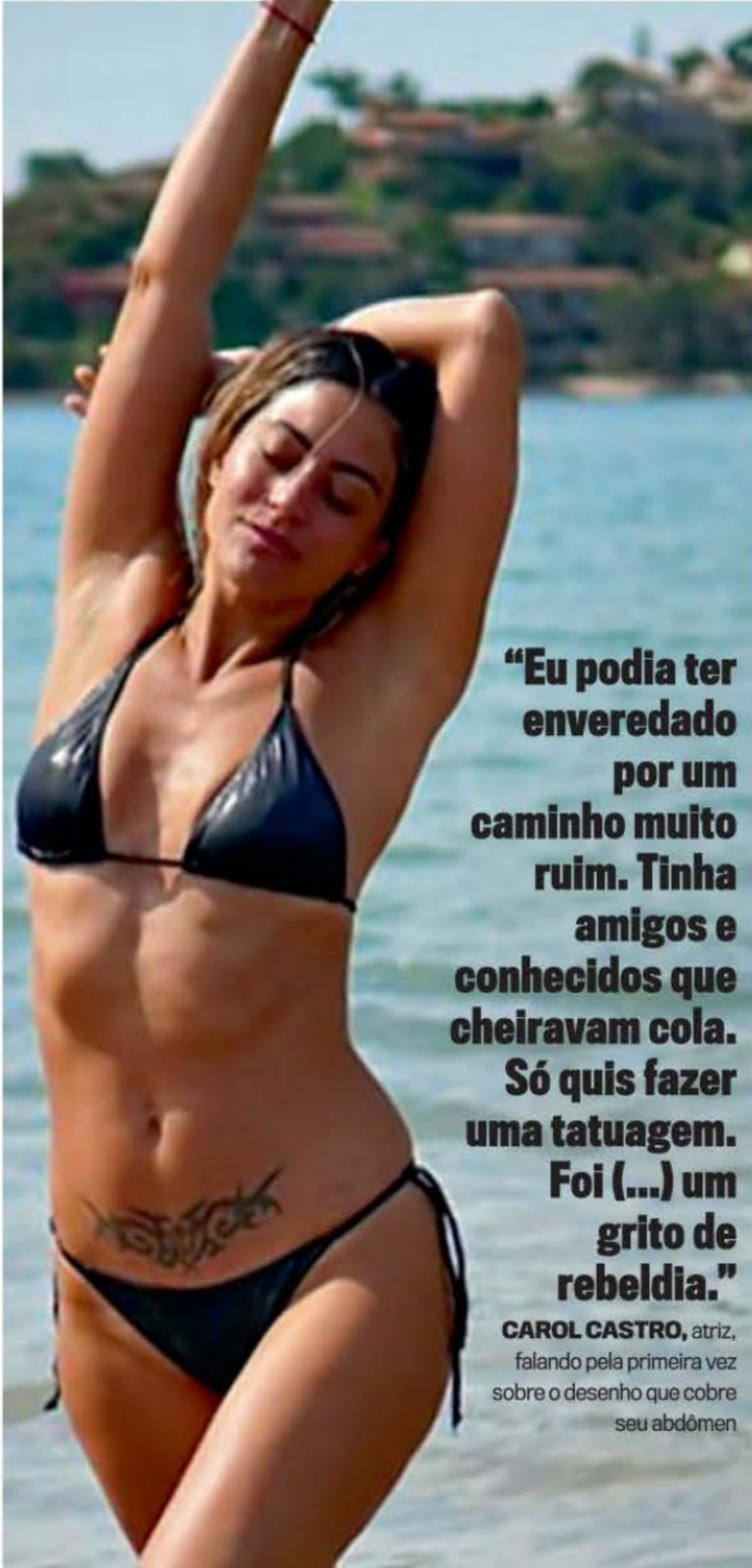
“Queremos tornar o Lego mais inclusivo. Incentivar meninos e meninas a brincar com os cenários que tradicionalmente são vistos como impróprios para eles.”

JULIA GOLDIN, diretora de produto e marketing da fabricante de brinquedos, que decidiu remover da caixa dos produtos a indicação “para meninas” e “para meninos”

“Nem pensei na possibilidade de as crianças assistirem. Essa obra não é para elas. Estou perplexo que estejam vendo.”

HWANG DONG-HYUK, diretor da série coreana *Round 6*, o novo – e violentíssimo – megassucesso da Netflix

“Será que não entenderam que é uma canção sobre os horrores da escravidão? Estão tentando enterrá-la.”

KEITH RICHARDS, guitarrista, inconformado com a remoção de *Brown Sugar*, composta por ele e Mick Jagger e criticada pela letra politicamente incorreta, do repertório dos shows dos Rolling Stones pela primeira vez em décadas. Jagger contemporizou: “Vamos ver. Talvez ela volte”

“Eu podia ter enveredado por um caminho muito ruim. Tinha amigos e conhecidos que cheiravam cola. Só quis fazer uma tatuagem. Foi (...) um grito de rebeldia.”

CAROL CASTRO, atriz, falando pela primeira vez sobre o desenho que cobre seu abdômen

INSTAGRAM @CASTROCAROL

“Substituir Clark Kent por outro salvador branco e hétero me pareceu uma oportunidade perdida.”

TOM TAYLOR, autor do novo Super-Homem, Jonathan Kent, filho do original com Louis Lane, que é bissexual e beija um rapaz logo na primeira história

“A intenção (...) é destruir a masculinidade dos mais tolerantes para dominar esses cordeiros e instigar o ódio nos mais resistentes (...) para depois a esquerda se dizer protetora dos gays.”

EDUARDO BOLSONARO, deputado (PSL-SP), detectando um complô maligno no mundo dos quadrinhos

“Ir ao banheiro, só se for uma emergência grande.”

RENATA VASCONCELLOS, apresentadora, contando no Instagram o que pode e o que não pode na bancada do *Jornal Nacional*

“Por ter sido modelo, sempre tive essa vida de trocar de roupa na frente dos outros entre os desfiles.”

AGATHA MOREIRA, atriz, afirmando que, para ela, nudez “nunca foi um grande tabu”

“Em nome das minhas inseguranças e por acreditar que ele me amava, segui por anos sofrendo todos os tipos de abusos psicológicos e emocionais dentro de casa.”

LUISA MELL, apresentadora, que acusa o ex-marido Gilberto Zaborowsky de assédio e ameaças. Eles se separaram em julho

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

MANIA DE VOCÊ João Lee: sucesso em festivais de música eletrônica e missão de cuidar do legado da estrela

"MINHA MÃE NUNCA DESISTIU DE LUTAR"

Aos 42 anos, o DJ e filho de Rita Lee conta como nasceu a mostra de cinquenta anos de carreira da cantora no MIS, em São Paulo — e diz que ela enfrenta o tratamento de um câncer de cabeça erguida

Depois de uma carreira de 25 anos como DJ, como se converteu em curador da mostra sobre sua mãe, Rita Lee, em São Paulo? Quando minha mãe terminou de escrever sua autobiografia, há cinco anos, ela me deu uma missão: coordenar todos os produtos derivados do livro, incluindo a exposição. Há anos venho juntando materiais, de documentos da época da ditadura a cartas de família. Foi um verdadeiro garimpo. E ela não para: continua compondo e lançando músicas inéditas, e está terminando de escrever um novo livro infantil.

Além da exposição, como foi revisitar as músicas da sua mãe em um álbum com remix de seus sucessos? Desde pequeno, sempre gostei de atuar no estúdio. Aos 17 anos, ganhei uma vitrola e um mixer. Comecei a inventar músicas e não parei mais. Esse foi um projeto de fusão entre a vida dos meus pais e a minha. Foram cinco anos trabalhando nas fitas originais e digitalizando-as. Foi como montar um quebra-cabeça de estilos.

Em maio, sua mãe revelou que tinha um câncer. Como está a saúde de Rita Lee? Ela fuma desde cedo, né? E cigarro não faz bem à saúde. Ela sabia dos riscos. Mesmo assim, o lado positivo é que identificamos o câncer no pulmão bem no começo e conseguimos tratar. Em breve, as sessões de quimioterapia vão acabar e faremos exames para saber se deu tudo certo. Os prognósticos são de que ela ficará curada.

Aos 73 anos, como ela reagiu ao tratamento? Minha mãe nunca desistiu de lutar. É uma batalha intensa em que você reflete muito sobre tudo, inclusive a morte. Ela sempre acreditou que iria se curar. Apesar do susto, eu vi minha mãe encarando a doença de cabeça erguida. É uma característica dela, a de ser positiva. Ela sempre me disse: "Eu vou conseguir". Esse foi o lema que adotou nesses momentos.

Como foi a vida de Rita e de seu pai, o guitarrista Roberto de Carvalho, durante a pandemia? Eles ficaram superisolados, e eu passei boa parte da pandemia morando com eles — até porque, dos três irmãos, sou o único que não tem filhos. Meu pai ficou 24 horas por dia acompanhando minha mãe em absolutamente tudo. Eles são os melhores parceiros e amigos. Foi muito bonito ver o amor deles. ■

Felipe Branco Cruz

PÃO

O COMPANHEIRO DE TODAS AS HORAS

APÓS ANOS DE HISTÓRIA, ELE RESSURGE NA SUA VERSÃO MAIS CLÁSSICA, FEITA COM FERMENTAÇÃO NATURAL, E PROVA QUE O QUE É BOM NUNCA SAI DE MODA

Único e universal, o pão surgiu no Egito Antigo há mais 14 mil anos e até hoje faz parte das mais diversas culturas. Italianos, portugueses, sírios, franceses, cada país tem um pão para chamar de seu.

Este alimento simples, resultado da mistura de farinha e água, mas ao mesmo tempo complexo, que envolve reações biológicas impressionantes. Versátil, ele que pode fazer parte do café da manhã, almoço e jantar – e até do lanchinho entre as refeições, quando bate aquela fome.

O pão é tão essencial, que sua história chega a se misturar com a própria história da humanidade. E, agora, esse alimento ancestral está em alta e na sua versão mais clássica, com a massa feita com fermentação natural.

O processo, milenar, começa com a criação do fermento natural através da mistura de água, farinha e uma fonte de açúcar (como o suco de uma fruta cítrica). Também conhecido como massa madre ou levain, ele nada mais é que uma colônia viva de lactobacilos e leveduras que reagem lentamente, fazendo a massa crescer. O resultado é um pão com sabor e textura únicos.

UM REENCONTRO COM AS ORIGENS

O isolamento social provocado pela pandemia mudou a relação das pessoas com o tempo e, livres da correria do dia a dia, elas puderam resgatar antigos hábitos como o cultivo de hortas no quintal e o preparo de pães caseiros. O interesse por tais receitas foi tão grande que esse período acabou recebendo o apelido de pãodemia.

Sovar, esperar crescer, assar, compartilhar. Gestos que trazem conforto e aconchego, despertam o aroma da casa da avó e o prazer de saborear um alimento feito com amor e carinho. Um ritual que, incorporado à rotina de muitas famílias, ajudou a atravessar este período com mais afeto e leveza.

Porém, com a retomada gradual das atividades e, consequentemente, a volta da correria diária, o preparo do pão caseiro vai sendo colocado de lado. Mas, nem por isso você precisa deixar de comer um pão produzido com todo cuidado e qualidade. É que a Bauducco conta uma linha de pães feitos com Fermentação Natural, com uma massa madre que já tem 70 anos!

TRADIÇÃO E CUIDADO

Em 1952, Carlo Bauducco trouxe da Itália uma receita de família e uma porção de fermento natural que é usada até hoje na produção de vários produtos, como o Panettone©, o Chocottone© e a Colomba©, além da linha de pães da marca. O cuidado é algo que se sente desde o preparo até a primeira mordida. A massa madre é um ingrediente tão especial, que demanda um tratamento diferenciado. Ela fica guardada em uma sala climatizada apelidada de "berçário", onde é alimentada diariamente com água e farinha por um mestre de fermentação natural com mais de 30 anos de experiência. A massa madre é o segredo para deixar os Pães Bauducco feitos com Fermentação Natural tão fofinhos, leves, de fácil digestão, com textura e sabor diferenciados, como o tradicional, o integral e os grãos clássicos.

FOTO: ISTOCKPHOTO

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

DESTRUIDORES DE DOGMAS

O Prêmio Nobel de Economia deste ano, concedido ao trio formado pelo canadense David Card, o americano Joshua Angrist e o holandês Guido Imbens, lançou luz sobre como políticas econômicas têm impacto em diversos setores da sociedade. No início da década de 90, Card, da Universidade da Califórnia, analisou as consequências do aumento do salário mínimo sobre as taxas de emprego em Nova Jersey, nos Estados Unidos. O estudo levou a uma revisão da ideia aceita anteriormente de que os ajustes provocariam a inevitável expansão do desemprego. Graças ao trabalho deles, um antigo dogma se desfez.

As conclusões de causa e efeito no trabalho do canadense só foram estabelecidas graças às contribuições de Angrist, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), e Imbens, da Universidade Stanford. Um quarto integrante do grupo receberia a honraria se não fosse uma tragédia. O economista americano Alan Krueger, ex-assessor dos presidentes Bill Clinton e Barack Obama, coassinou alguns dos pioneiros trabalhos realizados por Card e Angrist no início dos anos 90. Em março de 2019, porém, Krueger se matou, aos 58 anos. De toda forma, a história fez jus ao seu legado. "A pesquisa deles melhorou substancialmente a nossa capacidade de responder às principais questões causais, o que foi de grande benefício para a humanidade", disse Peter Fredriksson, presidente do Comitê de Ciências Econômicas do Nobel. O prêmio de 10 milhões de coroas suecas, o equivalente a 6,3 milhões de reais, será dividido entre Card, que receberá a metade do valor, e Angrist e Imbens, que embolsarão a segunda parte. O anúncio foi feito em 11 de outubro.

EPA/EFE

TRIO Guido Imbens, Joshua Angrist e David Card: novas metodologias de pesquisa

A ÚLTIMA LENDA DA DISNEY

A animadora americana Ruthie Thompson gostava de dizer que cresceu ao lado de Mickey Mouse. A se considerar que ela trabalhou durante quarenta anos na Walt Disney Company e participou das principais produções do estúdio, desde *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) até *Bernardo e Bianca* (1977), ela não estava exagerando. Ruthie começou a carreira nos anos 20 como referência viva para os primeiros curtas animados da Disney. Depois, já adolescente, entrou para o mundo da animação, indo da colorização até abraçar de fato o trabalho como animadora. Ela também quebrou barreiras ao ser uma das primeiras mulheres admitidas no sindicato dos fotógrafos, em 1952. Funcionária do estúdio com o maior histórico de trabalho com os irmãos Walt e Roy Disney, Ruthie foi reconhecida em 2000 pela empresa como uma "Lenda Disney". Morreu em 10 de outubro, aos 111 anos, durante o sono, em um asilo para artistas da indústria do cinema na Califórnia.

TWITTER @WALTDISNEYCO

PIONEIRA Ruthie: ela trabalhou com Walt Disney

CONDENAÇÃO NOS EUA

O empresário brasileiro José Carlos Grubisich, ex-presidente da Braskem, foi condenado a vinte meses de prisão pela Justiça dos Estados Unidos por ter participado de um plano para subornar funcionários da Petrobras. O processo é resultado das investigações no âmbito da Operação Lava-Jato. Além de ir para a cadeia, Grubisich terá de pagar 3,2 milhões de dólares. A sentença foi anunciada em 12 de outubro, em Nova York. ■

SILVIA ZAMBONI/VALOR/O GLOBO

SENTENÇA Grubisich: prisão e multa de 3,2 milhões de dólares

FERNANDO SCHÜLER

A ONDA ENCOLHEU?

HOUVE UM TEMPO em que a esquerda detinha ampla hegemonia na vida brasileira. Isso vem de longe. No regime de 64, o poder estava com os militares, mas não a hegemonia no mundo da cultura. Esta sempre pertenceu à esquerda, e não vai aqui nenhum juízo de valor. Em seu *Cultura e Política*, do fim dos anos 60, Roberto Schwarz já observava que "há relativa hegemonia cultural da esquerda. Ela pode ser vista nas livrarias de São Paulo e Rio, cheias de marxismo, nas estreias teatrais...". E conclui: "nos santuários da cultura burguesa a esquerda dá o tom".

À DIREITA Passeata contra o aborto: a pauta de costumes ganhou força no país

Nos anos 80, com a redemocratização, a esquerda consolidou sua hegemonia nos sindicatos, nas universidades, na feitura dos livros didáticos, no mercado editorial. "Editoras grandes não topavam publicar nossos livros", me comentou tempos atrás um velho dirigente liberal, "então recorríamos a editoras pequenas, e praticamente tínhamos de comprar toda a edição." Antonio Candido observou, em seu *Direito à Literatura*, de 1988, que era raro, naqueles anos, topar com algum empresário ou político que arriscasse se dizer um conservador. "São todos invariavelmente de centro, até de centro-esquerda, inclusive os francamente reacionários."

O auge dessa hegemonia se deu em algum momento da virada dos anos 2000. A vitória de Lula, em 2002, foi uma expressão disso, mas curiosamente também o início de uma lenta virada. Quando Lula sai do poder, em 2010, com seus mais de 80% de aprovação, uma transformação silenciosa vinha ocorrendo. Movimentos liberais, antes marginais, ganhavam espaço. Crescia a presença de vozes "conservadoras" na imprensa. A longa permanência no poder cobra seu preço, nesse caso acrescido pelo sabor amargo dos escândalos de corrupção. "Todo império cai", me observou, à época, um bom amigo. A esquerda ocupou Brasília, mas perdeu muito de sua sintonia com a sociedade.

Uma "nova direita" ganhou expressão no país nos inícios dos anos 2010. Em parte, ela foi o resultado não intencionado da própria lógica de polarização empreendida por Lula na Presidência. A retórica excludente simbolizada pela repetição exaustiva do "nunca antes neste país", que inundou o debate público. Lula consagrou, em grande estilo, a ideia do presidente-parte. Alguns gostam, outros não. Não julgo. A "nova direita" que hoje ocupa Brasília faz o mesmo, e diria que de um modo bastante menos sutil.

A carga ideológica, de um lado, leva à reação na mesma moeda, do outro. Há muito disso na gênese da onda conservadora brasileira. Seu ecossistema foi a internet, um ambiente livre e fora do controle das instituições, sejam partidos, sindicatos, academia ou mídia convencional. A internet deu poder aos indivíduos e fez explodir pautas antes contidas pelo filtro das instituições. Pautas ligadas à religião e aos costumes, em um país com 30% de população evangélica. Em 2011, quando o Supremo legalizou a união homoafetiva, o ibope mostrou que 55% da população era contra (hoje são 33%). Se alguém acha que o Brasil é mais conservador hoje do que era dez anos atrás, observe os dados.

Acho graça quando escuto discussões sobre a "natureza" da onda conservadora que ajudou a levar Bolsonaro à Presidência. "Não se trata da grande tradição conservadora", muitas vezes escutei. Por óbvio. O que andava pela cabeça das pessoas era menos Burke e mais os sermões do pastor Malafaia, de Olavo de Carvalho e, claro, o salvacionismo popularesco de Bolsonaro. A nova direita que emergiu, sob muitos aspectos, é a antítese de valores básicos da tradição liberal-conservadora e seu gosto pela prudência, vezo antipopulista e cuidado com as instituições e sistemas de freios e contrapesos.

O tipo de conservadorismo que Bolsonaro expressou é um fenômeno próximo ao que Pippa Norris e Ronald Inglehart descreveram em seu livro *Cultural Backlash*. A reação, feita "pela ge-

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

ração mais velha, homens e menos educados" à longa revolução silenciosa ocorrida nas democracias, desde os anos 70, envolvendo uma "crescente tolerância à diversidade sexual, direitos LGBT, identidades fluidas de gênero, hábitos e valores descolados da religião, estilos de vida multiculturais e suporte cosmopolita a agências multilaterais". É difícil não enxergar nessa lista todos os ingredientes em torno dos quais se organizou a retórica que levaria Bolsonaro à Presidência em 2018.

Interpretação mais compreensiva do fenômeno foi dada pela socióloga de Berkeley Arlie Hochschild, que buscou quebrar a visão binária progressistas X regressistas culturais. Hochschild foi a campo investigar a angústia conservadora, e o fez indo morar numa cidade sulista, tradicionalista e esmagadoramente republicana. É dela a conhecida metáfora da fila em que todos esperam, pacientemente, seu ingresso no sonho americano, até perceber que há pessoas passando na frente. Não importa exatamente se são brancos, negros ou imigrantes. A imagem dos fura-filas de certo modo inverte o jogo: são os conservadores que se põem na defesa das regras do jogo, que uma miríade de grupos bem organizados pretende "ajustar" segundo sua agenda política e cultural.

O estudo de Hochschild fala da pluralidade do mundo social. Muita gente ainda teima em julgar como não legítima a emergência de posições conservadoras em seus diferentes matizes. Muito do que se viu, no Brasil dos últimos anos, foi isso. A recusa de quem sempre controlou o jogo em dividir o palco com "essa gente", em geral brega, barulhenta, com valores e uma estética "inacreditável", como tantas vezes escutei em eventos elegantes por estes anos.

O ponto é que as coisas agora mudaram. A internet, espaço outrora livre, é crescentemente vigiada. Um espaço "recolonizado", como li por estes dias, pelas instituições, pela maré dos cancelamentos, pela ação das big techs. Boa parte do que se passou a discutir sobre o iliberalismo progressista, em especial o rápido declínio dos valores associados à liberdade de expressão.

No plano político, Bolsonaro ainda tem força para reunir multidões, mas seu governo, de um modo geral, vem perdendo o jogo. Não redundou em "golpe" nenhum, como prometiam seus inimigos. Apenas segue claudicante, produto das próprias inconsistências. Seu governo tem 58% de rejeição (PoderData). As reformas andaram pouco, a inflação a dois dígitos, e nossa economia continua fechada como sempre. A agenda anticorrupção foi embora, com Sergio Moro, a difusa pauta conservadora morreu no Congresso, e o discurso antissistema terminou em um abraço com o Centrão. Bolsonaro, e não faço aqui juízo de valor, vai pavimentando a volta, em grande estilo, da hegemonia da esquerda no país. Os sintomas disso são claros. A rejeição a Lula foi de 57%, no início de 2016, a 38% (Datafolha), e é fácil observar a alegria do entorno do ex-presidente com a perspectiva de enfrentar Bolsonaro no ano que vem.

"Bolsonaro ainda tem força para reunir multidões, mas vem perdendo o jogo"

A onda conservadora encolheu. A política é dinâmica, o vento sempre pode mudar, mas não há sinais nessa direção. O mais provável é que logo poderemos voltar a dizer que nossos políticos e empresários "são todos de centro, até de centro-esquerda", como fez o mestre Antonio Candido lá atrás. Que isto seja bom ou não para o país cabe a cada um julgar, como é próprio a uma grande democracia, como a brasileira. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

EDER JOFRE
O supercampeão brasileiro nos pesos-pena e galo recebeu uma das maiores honrarias do boxe mundial: seu nome foi confirmado para o Hall da Fama da Costa Oeste dos Estados Unidos.

SÃO PAULO
A metrópole foi eleita pela revista *Time Out* como a melhor cidade do mundo para *match* em aplicativos de encontros.

VENOM 2
O longa se tornou a melhor bilheteria de estreia em tempos pandêmicos no Brasil: já levou quase 900 000 pessoas aos cinemas do país.

DESCE

SÉRGIO CAMARGO
A Justiça determinou que o presidente da Fundação Palmares seja afastado da gestão de pessoas da entidade. Assim, ele fica proibido de nomear e exonerar servidores.

LUIZ FELIPE SCOLARI
Em mais um vexame em sua carreira, o técnico do 1 a 7 do Mundial de 2014 foi demitido pelo Grêmio, que luta contra o rebaixamento no Brasileirão.

BROWN SUGAR
Para fugir de acusações de possíveis conotações racistas da letra, os Rolling Stones tiraram o hit do set list de seu show.

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

CANSEI Moraes: desabafo sobre ameaças de radicais bolsonaristas a familiares

Acordo de paz

Um mês depois dos atos golpistas de 7 de setembro, conselheiros de Michel Temer e colegas de **Alexandre de Moraes,** no STF, narram versões parecidas da sigilosa conversa que selou o cessar-fogo entre a Corte e Jair Bolsonaro.

Sofrimento dos inocentes

Ao topar "dar um tempo" nas decisões contra Bolsonaro e seus filhos, Moraes teria desabafado a Temer que estava "cansado de briga" e preocupado, sobretudo, com a família. Sempre cercada por seguranças, a prole do ministro chegou a ser ameaçada por radicais.

Moleza

A defesa de Sergio Moro sentiu o cheiro de queimado no STF. Bolsonaro pode ter o benefício de depor no inquérito sobre interferência na PF sem ter de responder a perguntas dos advogados de Moro. Mamão com açúcar.

Enfim, a normalidade

Sem ameaças golpistas nem atritos entre os poderes, veja só, sobrou tempo até para o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, receber em Brasília uma comitiva do... Colégio de Defesa Nacional de Bangladesh.

Tem volta

Depois de Davi Alcolumbre sequestrar a indicação de André Mendonça ao STF — num movimento que beneficia nomes do Centrão contra o lobby evangélico —, Bolsonaro passou a se referir a Alcolumbre não pelo nome, mas por um adjetivo: "Ingrato".

O último apaga a luz

Além de travar a vida de Mendonça, Alcolumbre segura cinco indicações de conselheiros ao CNJ. A situação é tão bizarra que o conselho pode sofrer um apagão na próxima semana, quando ficará sem quórum para as sessões.

Só no ano que vem

Humberto Martins marcou para quinta a reunião do STJ que definirá a data da eleição da lista de desembargadores dos TRFs que será enviada a Bolsonaro para escolha de dois ministros da Corte. Coisa para fevereiro de 2022.

Fair play

Num gesto magnânimo, Rodrigo Pacheco ligou para Marcos Pontes e colocou à disposição do ministro a assessoria de Orçamento do Senado para tentar reverter o corte milionário de verbas na Ciência e Tecnologia.

Realidade alternativa

A ala governista da CPI da Pandemia prepara um relatório paralelo para dar um discurso ao bolsonarismo quando Renan Calheiros liberar seu petardo contra Bolsonaro. Quem ajuda nesse relatório? Ele: Eduardo Pazuello.

Garota-propaganda

De olho no Dia das Crianças, militares realizaram uma ampla campanha de arrecadação de brinquedos nos quartéis. Na hora de doar, quem apareceu? Michelle Bolsonaro.

Péssima influência

Inimigo declarado da vacina, Bolsonaro ainda chama **Arthur Weintraub,** o pai do "negacionismo-cloroquina" do Planalto, de "geniozinho". Depois de 1 000 dias de governo, o presidente continua ouvindo as pessoas erradas.

Sanfoneiro fora do tom

Nessa farra das viagens a Dubai, não foi só o secretário de Pesca, Jorge Seif, que passou vergonha. Gilson Machado passou pelo papelão de ser advertido por não usar máscara no paraíso árabe.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Alvo errado

Carlos Lupi e Ciro Gomes voltaram a se estranhar no PDT. O cacique tenta de todo jeito convencer Ciro a deixar de bater em Lula — e agora em Dilma.

Tô fora

Por causa dessa postura contra Lula, o PDT deixou de filiar Roberto Requião no Paraná. Ciro, claro, foi cobrado.

Dupla dinâmica

Advogado eleitoral de Bolsonaro, o ex-ministro do TSE Admar Gonzaga tem aconselhado Eduardo Cunha nessa tentativa de retorno eleitoral em 2022.

O monge do Jaburu

Bem colocado nas pesquisas para 2022 no RS e no RJ, Hamilton Mourão não se aborrece com as provocações de Bolsonaro. "Calmo e sereno", diz.

Olho no olho

Paulo Guedes e João Roma tiveram uma dura conversa há quinze dias. Roma apareceu no gabinete de Guedes depois de ouvir críticas do "PG" a uma fala dele sobre questões econômicas. Roma lembrou a Guedes que a falta de definição da Economia sobre o orçamento social é uma bomba prestes a explodir no colo dele.

MARCOS CORRÊA/PR

EQUÍVOCO Weintraub: ex-assessor continua influenciando Bolsonaro

DIVULGAÇÃO

CONTEÚDO ADULTO Maite: novela com a atriz levou o MPF a investigar o SBT

Visões opostas

Na visão de Roma, o fim do auxílio emergencial vai castigar milhões de brasileiros. "O seu ministério é da riqueza. O meu, da pobreza. Preciso agir", disse ele a Guedes.

Fim de papo

O MP arquivou um inquérito aberto no ano passado contra a irmã de Dias Toffoli, Maria Esther. A acusação, improcedente, era de nepotismo cruzado.

Boa impressão

Numa reunião com investidores, nos EUA, em que apresentou a lista de leilões de infraestrutura realizados no Brasil, Tarcísio de Freitas recebeu até proposta de emprego. "O senhor tem green card?", questionou um deles.

Vai passar

Arthur Lira falou sobre os rumos do país num evento para quinze CEOs de multinacionais da França. A crise passará.

Razão para brindar

João Doria anuncia nos próximos dias um investimento privado de 12 bilhões de reais. A cervejaria espanhola Estrella Galicia abrirá uma fábrica em Araraquara. Serão 2 000 empregos diretos e 3 000 indiretos.

Os sumidos apareceram

Dados do Banco Central mostram o impacto do Pix no país, após um ano em vigor: 40 milhões de brasileiros bancarizados por causa do serviço.

Proibido para menores

A pedido do Ministério da Justiça, o MPF acaba de abrir um inquérito sobre o SBT por seguidas violações de regras de classificação indicativa envolvendo a exibição de novelas como *Triunfo do Amor*, protagonizada pela bela atriz mexicana **Maite Perroni,** com conteúdo sexual e proibido para menores em pleno fim de tarde. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

ATAQUE ESPECUL

ATIVO

Aliados do governo aproveitam o mau momento da economia para fragilizar Paulo Guedes e pressionar por mais gastos em ano eleitoral. O ministro, porém, continua respaldado pelo presidente

DANIEL PEREIRA

FIRME NO CARGO
Bolsonaro e o ministro da Economia: aposta na recuperação a partir de janeiro de 2022

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

Há consenso entre políticos e especialistas de que a economia será decisiva para o resultado da próxima eleição presidencial. Com o avanço da vacinação contra a Covid-19, temas como crescimento do PIB, desemprego e inflação subiram posições na lista das principais preocupações do eleitor. Nessa seara, Jair Bolsonaro enfrenta um momento desfavorável. Apesar de uma leve redução nos últimos meses, o desemprego atinge 14 milhões de pessoas. A inflação oficial ultrapassou a casa dos dois dígitos nos doze meses encerrados em setembro e deve fechar o ano acima da meta fixada pelo governo mesmo com os sucessivos aumentos da taxa básica de juros promovidos pelo Banco Central. O Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para baixo a previsão de expansão da economia brasileira em 2022, de 1,9% para 1,5%. Já a pobreza voltou a subir, segundo a Fundação Getulio Vargas (FGV). Candidato à reeleição, Bolsonaro alega que não pode ser responsabilizado sozinho por esses problemas, mas o fato é que, conforme as pesquisas, a maioria dos entrevistados culpa o presidente pelas mazelas econômicas, o que ajuda a explicar a reprovação recorde a sua administração — de 53%, de acordo com o Datafolha.

Em conversas com aliados, Bolsonaro admite sua preocupação com a situação, mas prefere manter o otimismo com relação a 2022. Ele acredita nas projeções do ministro da Economia, Paulo Guedes, para quem a economia crescerá 5% este ano — na comparação com a base achatada de 2020, quando houve retração de 4% — e estará a pleno vapor durante a campanha eleitoral. O presidente também espera que Guedes e a base aliada no Congresso cheguem a acordos que destravem medidas de forte apelo popular, sobretudo a ampliação do principal programa federal de transferência de renda, o Bolsa Família, que será rebatizado de Auxílio Brasil. O plano governista destinado a estender a rede de proteção social parece exequível, mas o diabo, como reza a sabedoria popular, está nos detalhes. Não bastassem as dificuldades de mérito, como a indefinição sobre uma fonte para custear o Auxílio Brasil turbinado, a relação entre Guedes e o Centrão, que nunca foi das melhores, degringolou nos últimos dias. A rusga ficou visível com a decisão do plenário da Câmara dos Deputados de convocar o ministro para explicar os recursos que ele mantém em paraísos fiscais. Não há nenhuma irregularidade nisso, mas o desgaste é inevitável.

A votação trouxe dois recados contundentes para o chefe da equipe econômica, que diz ter declarado os valores aos órgãos competentes e não ter cometido ilegalidade. Primeiro recado: a convocação foi aprovada por 310 a 142, portanto recebeu apoio superior ao necessário para aprovar até mudanças na Constituição. Segundo recado: a nata do Centrão — formada pelo PP do ministro Ciro Nogueira (Casa Civil), o PR do ministro João Roma (Cidadania) e o PL da ministra Flávia Arruda (Secretaria de Governo) — aderiu à ofensiva contra o ministro. A base de apoio a Bolsonaro não quer a demissão de Guedes. Parte dela até sonha com isso, mas sabe que o presidente não tomará uma decisão nesse sentido, já que o ministro ainda é uma âncora importante do governo

ALAN SANTOS/PR

ÂNCORA FISCAL João Roma: divergências sobre a prorrogação e o valor do auxílio emergencial do governo

ao simbolizar compromissos com o teto de gastos e a modernização do Estado. Na prática, Guedes segura parte relevante do mercado financeiro, entre outros atores, na aliança bolsonarista. Não é pouca coisa, ainda mais no momento de maior fragilidade política do mandatário.

Com o cerco em curso, os parlamentares pressionam o ministro a atender a uma série de demandas, de cargos à liberação de recursos orçamentários, principalmente para obras na Região Nordeste, assunto que provocou desgaste entre Guedes e o ministro do Desenvolvimento Regional, o ex-deputado Rogério Marinho (RN). Pode ser só coincidência, mas, depois de aprovada a convocação de Guedes pela Câmara, o Ministério da Economia anunciou a saída da economista Solange Vieira da presidência da Superintendência de Seguros Privados (Susep). Ainda não foi escolhido o sucessor dela no cargo, que é cobiçado há bastante tempo por políticos do PP e do PTB. Alguns aliados de Bolsonaro também querem aproveitar o momento para tentar convencer o presidente a retirar atribuições de Guedes, recriando, por exemplo, o Ministério do Planejamento. Eles argumentam que o chefe da nova pasta poderia oxigenar o debate sobre os rumos da economia dentro do governo, que hoje nem sequer existe. "O Guedes está muito desgastado no Congresso, mas é muito difícil ser demitido pelo presidente, que aposta na recuperação da economia a

POPULISMO Rogério Marinho: desgaste diante das demandas para a liberação de recursos orçamentários e obras

partir de janeiro", diz um dos mais influentes ministros do governo.

Líderes do Centrão que estão fechados até aqui com o projeto de reeleição de Bolsonaro cobram mais comprometimento do Ministério da Economia com iniciativas capazes de melhorar a popularidade da cúpula do governo — e não só do presidente da República. Como ainda não foi encontrada uma forma de bancar o aumento do valor do benefício e do número de beneficiados pelo Bolsa Família/Auxílio Brasil, alguns integrantes da ala política do governo defendem a prorrogação do auxílio emergencial, que acaba este mês. A equipe econômica é contra. Em entrevista nos Estados Unidos, Guedes declarou que só haverá extensão do auxílio emergencial caso haja recrudescimento da pandemia no Brasil: "Se tivermos um aumento na doença, faremos o mesmo que antes. Nós aumentaremos os gastos com proteção para os mais vulneráveis. Mas não é isso o que está acontecendo, com vacinação em massa e volta segura ao trabalho". Contrariados, os políticos pressionam para que o ministro adicione novos ingredientes a sua análise, que, segundo eles, não pode levar em conta apenas a situação fiscal. O recrudescimento da pobreza e da fome, com seus impactos explosivos em termos eleitorais, também deveria ser considerado, costumam repetir expoentes do Centrão.

Eles lembram que em 2020, quando implantou o auxílio emergencial com a ajuda do Congresso, o governo Bolsonaro bateu seu recorde de aprovação — 37%, de acordo com o Datafolha. Do fim do ano passado para cá, a curva se inverteu, e a rejeição disparou, inclusive entre quem ganha até dois salários mínimos, a base da pirâmide social e do eleitorado. Uma nova prorrogação do auxílio emergencial seria uma forma de tentar estancar essa sangria, que pode inviabilizar não apenas a reeleição de Bolsonaro, mas as chances eleitorais de ministros como João Roma, pré-candidato ao governo da Bahia. Titular da Cidadania, pasta responsável pelos projetos sociais da administração federal, Roma, que é deputado federal licenciado, tem se estranhado com Guedes. Por enquanto, o ministro da Economia resiste à pressão, rejeita a prorrogação do auxílio emergencial e planeja o reajuste do Bolsa Família (Auxílio Brasil) para 300 reais, valor superior ao do tíquete médio do programa, que hoje é de 189 reais. Guedes também estuda ampliar o número de beneficiários, de 14,7 milhões para 17 milhões. Tudo isso, claro, se o Congresso aprovar uma fonte para bancar a iniciativa.

O núcleo político do governo quer uma meta mais ousada e um valor de pelo menos 400 reais, sob a alegação de que a inflação "comerá" o ganho proposto por Guedes e, assim, reduzirá as chances de os governistas recuperarem a popularidade. Para o ministro da Economia, há exagero e alarmismo nesse raciocínio. Nas conversas com Bolsonaro, Guedes alega que, com o avanço da vacinação, o retorno do trabalho presencial e a retomada da produção, a economia voltará aos trilhos. A inflação, por exemplo, já teria batido no teto e tenderia a recuar daqui em diante. Outro ministro acrescenta que a crise hídrica não se aprofundará por causa da temporada de chuvas nas regiões Sudeste e Sul. A tese é a seguinte: até o dia da votação, em outubro de 2022, a pandemia e a crise econômica serão páginas viradas no imaginário do eleitorado. O presidente acredita nisso. Guedes também. "O Banco Central está aumentando os juros para fazer frente ao aumento da inflação. E esse aumento de juros vai prejudicar a atividade econômica no ano que vem, porque o juro mais alto encarece o crédito, e o crédito mais caro afeta o investimento e o consumo", diz Felipe Salto, diretor executivo do Instituto Fiscal Independente.

Em seu duelo com o Congresso, Guedes alega que, se afrouxar o gasto público, inflação, dólar e juros subirão, e o desempenho econômico será prejudicado. O ministro insiste que a melhor saída é aprovar uma fonte de custeio para implantar imediatamente um Auxílio Brasil turbinado. Com o aval dele, está em tramitação no Congresso uma proposta de emenda constitucional que autoriza o governo a pagar apenas 40 bilhões de reais de uma dívida de 89 bilhões de reais em precatórios em 2022. A diferença seria usada para bancar o novo programa de transferência de renda, sem que houvesse qualquer prejuízo do teto de gastos. Desde que foi apresentada, a proposta enfrenta resistência. Há quem diga que é inconstitucional. Há quem diga que representa calote a credores. E há parlamentares que querem soluções mais fáceis, rápidas e nem sempre comprometidas com a saúde financeira do país. Para essa turma, Bolsonaro tem de tirar o controle da economia das mãos de Guedes, mesmo que ele continue como ministro. Até aqui, o presidente descarta essa possibilidade.

EVARISTO SA/AFP

AZEDOU Ciro Nogueira: relação de Guedes com o Centrão nunca foi das melhores

Nomeado com status de superministro, Guedes nunca teve uma relação boa com a classe política. Na sua estreia em negociações com o Congresso, recomendou uma "prensa" nos parlamentares para garantir a vo-

CRISE Protestos: fome, inflação e desemprego catalisam as manifestações da oposição contra o presidente da República

JOEDSON ALVES/EFE

tação da reforma da Previdência. Colheu antipatia. No início da pandemia, ele propôs um auxílio emergencial de 200 reais, descartado pelos congressistas, que aprovaram o valor de 600 reais. Apesar de até agora não ter conseguido tirar do papel as reformas administrativa e tributária e algumas privatizações, Guedes viu projetos importantes caminharem no Legislativo. O crédito, porém, deve ser dado principalmente aos presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), que conversam com frequência com o ministro. Os dois conhecem como poucos os humores de suas respectivas Casas e sabem que, se a economia não deslanchar a ponto de melhorar a vida dos eleitores, o cerco se acentuará. Blindado por Bolsonaro, Guedes vai ficando cada vez mais sozinho em Brasília. ■

RICARDO RANGEL

CEGOS PARA O QUE MAIS IMPORTA

Uma revolução está em andamento e ninguém parece enxergar

O SÉCULO XXI traz dois desafios fundamentais, os maiores que a humanidade já enfrentou. O primeiro é ambiental: todos os países, incluindo os maiores poluidores, sabem que ou bem o futuro será ambientalmente sustentável ou bem não existirá. O Brasil se destaca como a única exceção: nós ignoramos deliberada e olimpicamente a questão.

Ressalvadas as honrosas exceções de praxe, nossa visão é a mesma de séculos atrás: o progresso advém da exploração (e da espoliação) dos recursos naturais. Preservação ambiental e crescimento econômico são incompatíveis.

Essa visão predatória e obscurantista, dominante nas Forças Armadas, na esquerda tradicional, no centro fisiológico e em boa parte do empresariado, chega ao paroxismo no governo atual, para quem destruir o meio ambiente parece um fim em si mesmo. Às vésperas da COP26, subsidiamos combustível fóssil e fazemos manobras contábeis para ocultar o aumento da emissão de CO_2.

Não vamos progredir destruindo a natureza. Mas vamos piorar a seca, reduzir a produtividade agrícola, prejudicar a produção de energia, perder as oportunidades da economia verde, sofrer sanções econômicas internacionais.

O segundo desafio é a nova etapa da revolução digital, ou Quarta Revolução Industrial, que apenas começou, mas terá um impacto tão brutal que mal podemos vislumbrar as mudanças que trará. Duas, entretanto, são óbvias e incontornáveis.

Uma mudança é a destruição em massa de empregos. A maior parte das profissões que hoje damos de barato desaparecerá. Motoristas profissionais, por exemplo, se tornarão obsoletos em dez ou quinze anos. Carros autônomos prescindirão deles. O Brasil tem 2 milhões de caminhoneiros. Oito milhões de pessoas serão afetadas — e o mesmo se dará em muitas outras áreas. Aplicativos como o Uber, que hoje servem de bote salva-vidas para desempregados, não mais precisarão de mão de obra. A outra mudança é o aumento da concentração de renda e da desigualdade social. Os empregos que sobrarem (ou forem criados) serão para pessoas altamente qualificadas e bem remuneradas ou para pessoas sem qualificação e mal remuneradas.

> **"O violento impacto sobre emprego e renda tem potencial para gerar convulsão social. Aqui, o assunto inexiste no debate público"**

O segundo desafio o Brasil ignora literalmente. A maior parte dos brasileiros, aí incluídos políticos e empresários, nem sequer imagina o tamanho do problema que vai nos atingir. E nada faz a respeito.

Deveríamos estar investindo maciçamente em educação de ponta (o que já não seria fácil, visto que nosso ensino básico é uma tragédia), mas o governo vai na mão inversa, cortando bilhões do orçamento e vetando internet nas escolas. Deveríamos priorizar também o investimento em ciência e tecnologia, mas o orçamento da área, em queda há anos, foi fortemente reduzido no governo Bolsonaro e acaba de sofrer novo corte, de mais 690 milhões.

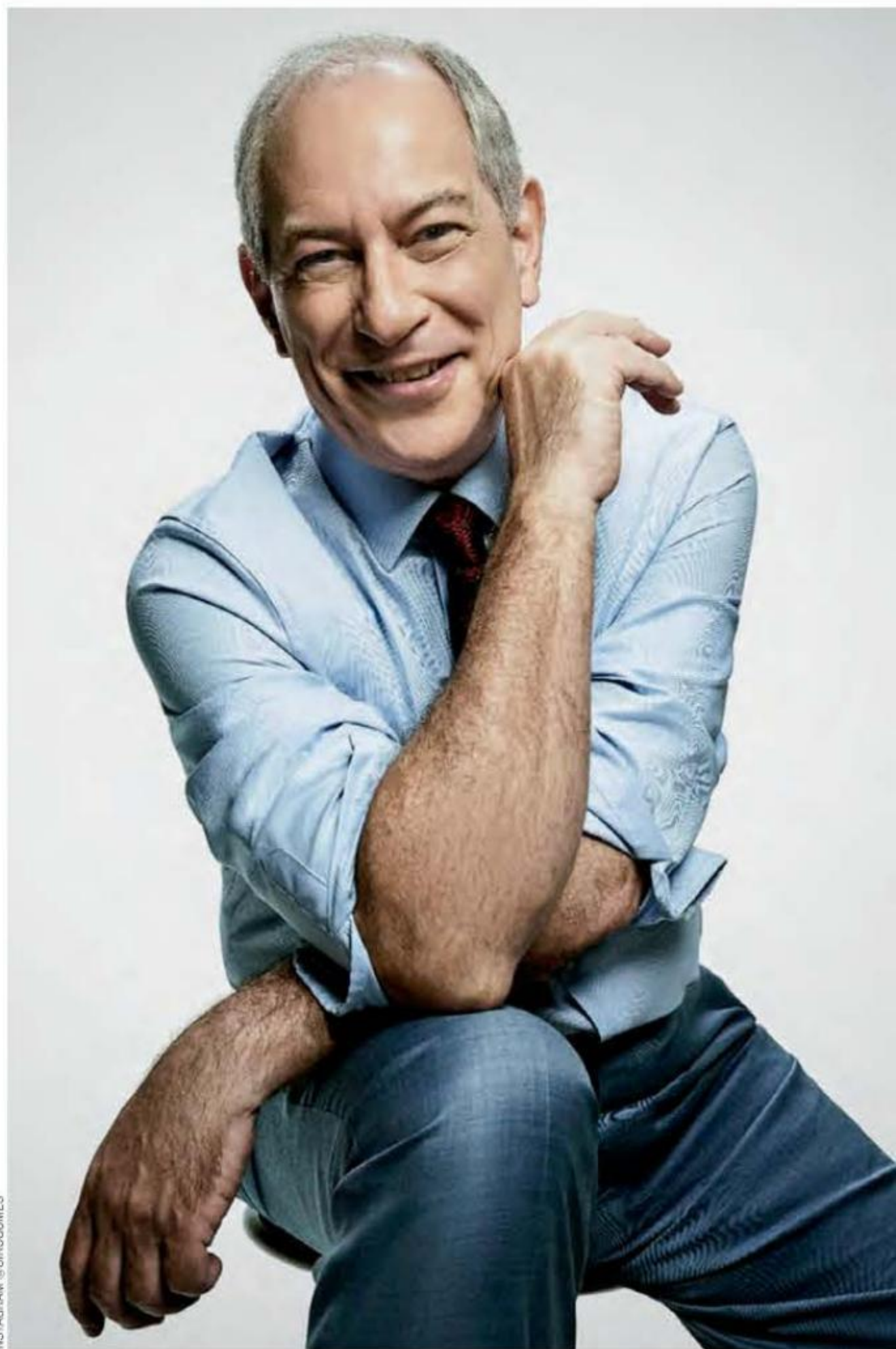
O violento impacto sobre emprego e renda tem potencial para gerar convulsão social, e muitos países desenvolvidos estão discutindo o que fazer a respeito. Aqui, onde a desigualdade já é acirrada e o potencial de ruptura é maior, o assunto inexiste no debate público.

O Brasil está cego para as duas questões mais importantes da modernidade. ■

JOGO ARRISCADO

Enquanto divide o tempo batendo ora em Lula, ora em Bolsonaro, Ciro Gomes tenta rejuvenescer a imagem com a linguagem da internet para romper o teto de votos **LEONARDO LELLIS**

A MENOS de um ano das eleições de 2022, o ex-governador do Ceará e ex-ministro Ciro Gomes (PDT) tem um problema sério a resolver se quiser ir ao segundo turno pela primeira vez desde 1998, quando estreou como candidato à Presidência. Ele está praticamente no mesmo lugar de onde saiu em 2018: estacionado em torno de 10% das intenções de voto, um porcentual muito próximo do que conseguiu nas três eleições anteriores *(veja o quadro na pág. 32)*. Esforço é o que não lhe falta. Ciro está com o seu nome na corrida desde o ano passado e tem se dedicado tanto à campanha nos últimos meses quanto Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Por enquanto, é a alternativa a esses extremos que surge melhor na fotografia momentânea das pesquisas, aparecendo na terceira posição. Embora a disputa esteja ainda no início, com muita água por rolar até 2022, há sérias dúvidas a respeito de sua capacidade de ganhar novos apoios e crescer daqui em diante.

Para tentar ultrapassar seu teto histórico de votos, Ciro passou a investir em um jogo arriscado. Uma parte fundamental da estratégia envolve uma repaginação radical da embalagem do pedetista. O objetivo é humanizar o candidato, tentando deixar para trás as cenas de truculência do passado e o farto repertório de declarações desastradas, sempre lembradas pelos adversários. No lugar disso, entrou em cena o "Cirão da Massa", codinome que usa agora para se aproximar dos eleitores, sobretudo os mais jovens (o slogan já virou até rótulo de cerveja, distribuída em evento do PDT no Rio de Janeiro). A

INSTAGRAM @CIROGOMES

LIGHT O pedetista: nova roupagem com a chegada do marqueteiro João Santana

REPRODUÇÃO

FACEBOOK @ORLANDOZACCONE

OUTROS FORMATOS Participação no podcast *Flow*, vinheta do programa e a cerveja distribuída em evento: "Cirão da Massa"

mais reluzente iniciativa dessa fase são as *lives* semanais batizadas de *Ciro Games*. Cercado de luzes coloridas e acessórios de personagens de jogos digitais como Mario Bros, ele apresenta a atração vestido de moletom, ao lado da esposa, Giselle Bezerra, e do filho Gael, com quem joga videogame. Além disso, entrevista personalidades (que vão do roqueiro Tico Santta Cruz ao padre Julio Lancellotti) e reproduz memes favoráveis a sua candidatura.

O trocadilho que dá nome aos programas surgiu em junho numa participação de Ciro no *Flow*, um podcast popularíssimo, com 3,4 milhões de inscritos no YouTube e comandado por Monark, uma subcelebridade de internet que defende a liberação da maconha — e, não raro, degusta um baseado na própria atração. Ciro também tem concedido entrevistas a outros programas de sucesso no YouTube. "Estamos trabalhando as redes sociais e a tentativa é ter um discurso mais popular, uma linguagem mais simples, com o objetivo de dar uma leveza na fala dele", afirma Carlos Lupi, presidente nacional do PDT.

Essa aposta em tentar se comunicar com o eleitorado jovem faz sentido. A faixa etária de 16 a 24 anos é aquela em que Bolsonaro é mais rejeitado (70% pelo Datafolha). Além disso, boa parte desses eleitores estava na infância ou na adolescência quando Lula comandou o país e, de certa forma, é menos suscetível à pregação do petista. Ciro tem potencial nesse segmento: ele registra 13% entre os mais jovens (contra 9% da média) e possui rejeição de apenas 23%. "Um candidato que está há 23 anos em uma corrida presidencial precisa rejuvenescer e se apresentar às novas gerações. Ele está tentando conversar com um público de 16 a 34 anos que representa cerca de um quinto do eleitorado", afirma Antonio Lavareda, cientista político e responsável pelo marketing das campanhas de FHC.

Mas, como diz o ditado, o lobo perde o pelo, mas não perde o vício. O conteúdo das *lives* em muitos momentos lembra o velho Ciro: ataques a adversários, críticas à política de preços da Petrobras, à inflação e ao encarceramento em massa e a defesa de projeto que prevê forte participação do Estado na economia — o que o iguala a Lula, de quem já foi ministro. A estratégia para fazê-lo parecer

LUIZ CARLOS MURAUSKAS/FOLHAPRESS

EX-AMIGOS Lula e Ciro: o pedetista faz ataques ao petista, de quem foi ministro

MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

mais jovem e mais popular na internet também não consegue corrigir a atração de Ciro para o confronto. Seu método continua sendo atacar os dois principais candidatos ao Planalto, na radicalização de uma aposta arriscada: a de tentar tirar eleitores de Bolsonaro e de Lula comprando briga com os dois. Na quarta 13, ele subiu o tom na sua cantilena antipetista ao dizer que estava convicto de que Lula conspirou para derrubar Dilma Rousseff, tese que despertou a ira dos petistas e da ex-presidente, que afirmou que Ciro chegou "ao fundo do poço".

O ataque do pedetista veio após o jantar do ex-presidente com caciques do MDB em Brasília. Aliás, a aproximação de Lula com velhos aliados proporcionou outra estocada meio sem sentido na semana passada. "Com quem o Lula está hoje?", provocou numa *live*, sugerindo que Lula anda de mãos dadas com os mesmos corruptos de sempre. Por ironia, Ciro é guiado hoje justamente por um grande ex-aliado petista, João Santana, guru do ex-presidente e de Dilma Rousseff. O marqueteiro caiu em desgraça na Lava-Jato e voltou à cena para chefiar a campanha do pedetista, sendo o responsável pela criação do "Cirão da Massa" e pela estratégia de disparar projéteis contra o PT. Tal jogo é de alto risco. Embora outros candidatos de centro comecem agora a voltar as baterias contra Lula, dentro de uma expectativa de que a popularidade de Bolsonaro continuará derretendo e que parte do eleitorado do capitão pode aderir a uma candidatura

A ETERNA CORRIDA AO PLANALTO

Em três disputas, Ciro chegou no máximo ao terceiro lugar

SAIA-JUSTA Ciro na Avenida Paulista: ele levou algumas vaias em ato recente contra Jair Bolsonaro

antipetista, Ciro terá muito mais dificuldades de se mostrar convincente nesse papel. "O eleitor do pedetista tem ressalvas ao PT, mas também tem elogios ao ex-presidente", observa o cientista político Adriano Oliveira, professor da UFPE.

Falar, porém, é um velho hábito. A conhecida língua ferina de Ciro já lhe trouxe outros prejuízos, como em 2002, quando chegou a alcançar 20% das intenções de voto e foi ultrapassado por José Serra, que explorou à exaustão um episódio em que o então presidenciável do PPS chamou o ouvinte de uma rádio de "burro". Na mesma campanha, Ciro ficou desgastado ao dar resposta equivocada a um jornalista que perguntara qual era o papel de sua esposa na época, a atriz Patricia Pillar. "A minha companheira tem um dos papéis mais importantes, que é dormir comigo", disse (Ciro renega hoje essa declaração). Mas o hábito de pensar pouco antes de vociferar impropérios ainda permanece. Em setembro de 2018, ele ofendeu um repórter em Roraima que lhe perguntara sobre suas críticas a uma manifestação contra a entrada de venezuelanos (ele chamara os brasileiros de canalhas, desumanos e grosseiros). "Vá para a casa do Romero Jucá, seu fdp", disse, em referência ao senador do MDB.

O temperamento feroz também atrapalha as alianças. Com a entrada de Lula na disputa, Ciro chegou até a cogitar uma guinada para tentar liderar uma coligação com partidos de centro-direita, mas isso hoje parece impossível. "A vaga de maluco já está ocupada por Bolsonaro", alfineta um influente senador do Centrão. Em busca de novas alternativas, Ciro convidou o apresentador de TV José Luiz Datena, hoje no PSL, para ser o seu vice, mas este também quer disputar a Presidência. Além disso, o aliado com quem mais contava, o PSB, está praticamente nos braços de Lula. Como se não bastasse, enfrenta dificuldades no seu próprio partido. Um dos candidatos do PDT a governador, Weverton Rocha, do Maranhão, já garantiu Lula no seu palanque. A julgar pelo seu histórico em campanhas e pela estratégia confusa que o tem embalado agora, convém a Ciro se lembrar de que, ao contrário dos games, uma eleição presidencial não permite erros. ■

Pesquisa Datafolha feita entre os dias 13 e 15/9. A margem de erro é de 2 pontos porcentuais

TONINHO BARBOSA/DEM

DESUNIDOS União Brasil: três pré-candidatos à Presidência da República e uma bancada que ainda não se entende

A BABEL ELEITORAL

O partido que conta com a maior bancada no Congresso reúne grupos que defendem de candidatura própria a aliança com o presidente Bolsonaro **LARYSSA BORGES** E **LETÍCIA CASADO**

ANUNCIADO há duas semanas como o maior partido do país, o União Brasil foi criado com a intenção de abrigar uma aliança política forte o suficiente para fazer frente à polarização entre Bolsonaro e Lula nas eleições do ano que vem. Os mentores do projeto, nascido da fusão do DEM com o PSL, gostam de reforçar que, por ser independente, a legenda reúne todas as condições de ter um candidato competitivo ou, dependendo do cenário, hospedar um nome de consenso que representaria a chamada terceira via. O desafio será encontrar um denominador comum dentro de um enorme balaio de interesses divergentes, alguns absolutamente antagônicos. Há simpatizantes de uma candidatura própria, mas também há grupos que se dividem entre apoiar o atual presidente da República, o pedetista Ciro Gomes, o ex-juiz Sergio Moro e o governador João Doria. Quando se ouve o que pensam alguns dos 82 deputados federais que compõem a mais nova bancada do Congresso, percebe-se o tamanho da babel.

O União Brasil, ao menos formalmente, nasce com três potenciais candidatos à Presidência da República — o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e o apresentador de TV José Luiz Datena —, mas não há nenhuma garantia ou sinalização concreta de que um deles vá efetivamente disputar as eleições do ano

FLAVIO CORVELLO/FUTURA PRESS

TERCEIRA VIA Mandetta e João Doria: apoio ao tucano é uma possibilidade

que vem como cabeça de chapa. Mandetta ganhou projeção nacional no início da pandemia, especialmente depois de se desentender com Bolsonaro sobre a estratégia de combate ao coronavírus. Testado nas pesquisas há mais de um ano, ele nunca conseguiu deixar a rabeira. A situação de Rodrigo Pacheco não é muito diferente. Eleito presidente do Congresso com o apoio do governo, o senador assumiu uma postura de independência em relação ao Planalto, o que lhe garantiu certa projeção, mas continua praticamente anônimo para o grande público. Dos três pretendentes, Datena é, de longe, o mais conhecido e o que aparece com mais destaque nas primeiras pesquisas de intenção de voto — o que não significa necessariamente que ele vai chegar lá.

Antes tratado como uma possibilidade remotíssima, quase uma galhofa, Datena hoje não pode ser descartado *(leia entrevista na pág. 9)*. Desde a saída de Bolsonaro, o PSL busca um nome que possa ajudá-lo a repetir a receita e manter-se em evidência como um operador político importante no cenário nacional. Conhecido por sua carreira na televisão, mas sem experiência parlamentar e partidária, Datena diz ter recebido a garantia do presidente do União, Luciano Bivar, de que seria candidato à sucessão de Bolsonaro. Não será assim tão fácil, claro. Reservadamente, os dirigentes da nova sigla ressaltam que o apresentador é visto com desconfiança pelos próprios correligionários por não ser do ramo.

Com os três pré-candidatos em dificuldades, algumas correntes do União Brasil se sentem à vontade para experimentar as mais diversas opções — inclusive a de não ter nenhum candidato a presidente. O novo partido não esconde que essa aparente desunião embute uma velha estratégia. "Temos de estar dispostos a apoiar qualquer nome que se mostre competitivo, sob pena de acabarmos isolados", afirma o deputado Elmar Nascimento (DEM-BA). A senha serve, inclusive, a Jair Bolsonaro. A despeito de relações estremecidas com o presidente, um grupo de diferentes dirigentes do DEM e do PSL avalia não ser estratégico politicamente implodir desde já as pontes com o bolsonarismo, principalmente se o segundo turno for disputado, como preveem as pesquisas de intenção de

ISAC NÓBREGA/PR

ALA CHAPA-BRANCA Bolsonaro e Onyx: o ministro pode ser candidato pelo novo partido ao governo gaúcho

votos, entre Bolsonaro e Lula. "Estamos acompanhando o desempenho dos nomes de Mandetta, Pacheco e Datena. Se não houver viabilidade deles lá na frente, o partido saberá escolher outro rumo. O apoio no segundo turno a Bolsonaro não está descartado", diz o deputado Efraim Filho (DEM-PB), que integra o comando nacional do União Brasil.

Estima-se que cerca de 25 deputados federais tidos como bolsonaristas devam deixar o partido nos próximos meses, mas nem isso pode ser considerado como absolutamente certo. Realidades regionais, como a candidatura do ministro do Trabalho, Onyx Lorenzoni, ao governo do Rio Grande do Sul e o apoio de grande parcela do agronegócio ao presidente, também podem acabar influindo na posição do partido. "A terceira via não vai se viabilizar. Havendo segundo turno é importante que o União mantenha a porta aberta e apoie a reeleição do presidente", defende o deputado Major Vitor Hugo (PSL-GO), ex-líder do governo.

Há flerte também com os tucanos, apesar da rejeição momentânea que existe hoje a João Doria. O governador de São Paulo comprou briga com a cúpula do DEM ao insuflar desavenças do ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia com a legenda, mas o União Brasil contabiliza como um ativo nada desprezível as ligações de Luiz Henrique Mandetta com o líder tucano. Depois de defenestrado do Ministério da Saúde, Mandetta despachou parte de seus auxiliares para o secretariado de Doria para coordenar políticas de combate à pandemia. O ex-ministro também integra um grupo que se reúne com frequência com o governador paulista em busca de um candidato que possa personificar a antipatia dos eleitores a Lula e Bolsonaro. "Um dos caminhos pode ser não lançar candidato e nos concentrarmos nas eleições de deputados e senadores. Eu mesmo posso não ser candidato", admite o próprio Mandetta.

Até acenos à esquerda, algo meio improvável pelo posicionamento à direita no espectro político, são feitos hoje pela sigla. E a especulação vem lá do alto. Numa demonstração de que o jogo realmente ainda está em aberto, um dos principais líderes da legenda, ACM Neto, não descarta nem mesmo uma aproximação com Ciro Gomes. "Não retiraria Ciro Gomes e o PDT desse diálogo. Apesar de não concordar com tudo que é o pen-

TONINHO BARBOSA/DEM

ESTRATÉGIA Luciano Bivar e ACM, os líderes da nova legenda: "Tempo e espaço para amadurecer os nomes"

IMPROVÁVEL Bozzella sobre Sergio Moro: "Tenho trabalhado para trazê-lo para a sigla"

INSTAGRAM @JRBOZZELLA

samento de Ciro, acho que é uma pessoa que tem espírito público e quer ajudar a construir um ambiente melhor para a política brasileira", diz Neto, secretário-geral do novo partido.

Além de Doria, Ciro, Bolsonaro e os três pré-candidatos próprios, há ainda um último grupo correndo pelas beiradas que sonha em ter o ex-juiz Sergio Moro em suas fileiras. Consultado à respeito, o ex-ministro da Justiça teria dado o consentimento para que uma sondagem nessa direção fosse feita internamente, embora ele próprio ainda não tenha decidido se vai disputar as eleições. "Não podemos descartar a discussão de uma candidatura de Sergio Moro. Tenho trabalhado para trazê-lo para a sigla", confirma o deputado federal Junior Bozzella (PSL-SP), que comanda a ala batizada de morista dentro da sigla. Como se vê, o União Brasil, ao menos por enquanto, só é unido em seu nome. ■

MURILLO DE ARAGÃO

POLARIZAÇÃO E TERCEIRA VIA

Isentões vão decidir quem será o próximo presidente

O EX-MINISTRO Sergio Moro poderá ser anunciado candidato à Presidência pelo Podemos. Em novembro, o PSDB deve definir o nome que vai concorrer pelo partido. Caso tais iniciativas se confirmem, teremos mais dois postulantes ao cargo, além de Jair Bolsonaro, Lula (PT) e Ciro Gomes (PDT). Ainda assim, existem muitas indefinições no campo alternativo à polarização Bolsonaro *versus* Lula. O PSD de Gilberto Kassab deseja lançar Rodrigo Pacheco (DEM-MG), presidente do Senado. O DEM e o PSL, que estão se unindo numa única legenda, ainda não sabem se terão ou não candidato próprio. A terceira via disputa uma fatia de aproximadamente 30% do eleitorado. Ora, quando se tem candidatos demais, não se tem nenhum.

Até agora nenhum dos nomes alternativos parece ter força para incorporar e encorpar a narrativa da terceira via. Doria tem estamina e currículo, mas encontra resistência no partido. Leite tem simpatia e potencial, porém depende de ser confirmado pelos convencionais do PSDB e se transformar em nome nacional. Rodrigo Pacheco ainda luta para encontrar seu espaço e um discurso na pré-campanha. Ciro Gomes não é considerado um nome de terceira via e sim uma alternativa de esquerda. Por isso, seu espaço fica espremido entre o centro e a candidatura petista. Moro, com seu prestígio e certa preferência nas pesquisas de opinião, poderá chegar com impacto à disputa. Mas enfrentará resistência para construir alianças e montar palanques competitivos. Muitos no meio político se lembram do que a Operação Lava-Jato fez.

As indefinições da terceira via favorecem a polarização. Uma eventual candidatura de Moro vai dividir ainda mais os antibolsonaristas e os antilulistas. Quanto mais candidatos aparecerem nesse espectro, melhor para a polarização, o que nos leva a outra reflexão. A menos de um ano das eleições, existe espaço para uma narrativa nem nem? A essa altura dos acontecimentos, o eleitor estaria disposto a bancar um projeto político que ainda não apareceu? Apesar de o tempo não parar, e cada vez ser mais estreito para grandes acontecimentos, existe espaço para uma narrativa alternativa. Isso porque Lula e Bolsonaro carregam mochilas pesadas de rejeição e de equívocos. Tal fato se espelha nas pesquisas eleitorais que apontam um porcentual de votos que não seguirá nem com Lula nem com Bolsonaro.

O fato de ambos apresentarem elevada rejeição está sendo determinante em seus movimentos. Lula faz uma pré-campanha mais do que discreta e desejaria que fosse assim até o dia da eleição. Bolsonaro radicalizou até levar um cartão amarelo do Supremo Tribunal Federal e se aquietar. Foi convencido de que, se continuasse a esticar a corda, sua reeleição estaria comprometida. A partir de agora, Lula e Bolsonaro vão abusar da ambiguidade para manter suas respectivas bases e não perder a possibilidade de se eleger. Os dois sabem que o pleito será decidido pelo eleitor não polarizado, que votará no menos pior ou simplesmente contra um deles. No final das contas, ambos vão precisar dos eleitores de centro, os "isentões". Eles vão decidir quem será o próximo presidente do Brasil. Seja ou não da terceira via. ■

FORA DE ÓRBITA

À frente de uma pasta muito criticada e com orçamento em queda, o ministro Marcos Pontes gasta um terço do tempo em viagens que já custaram meio milhão de reais **BRUNO RIBEIRO**

O TENENTE-CORONEL reformado da Força Aérea Brasileira Marcos Cesar Pontes é dono de um recorde sem previsão para ser quebrado: foi o brasileiro que voou mais alto, em 2006, até os 408 quilômetros de altura onde flutua a Estação Espacial Internacional, na órbita da Terra. Empossado titular do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações pelo presidente Jair Bolsonaro em 2019, ele mantém o hábito de ir longe. É o ministro que mais viajou para fora do país na atual gestão, com uma quilometragem que daria para realizar 454 vezes o percurso de ida e volta que fez a bordo da nave russa Soyuz na pioneira missão espacial. Levantamento feito por VEJA com base em dados do governo mostra que ele fez 107 viagens, vinte internacionais — de Paris à Antártica —, e gastou meio milhão de reais em diárias e passagens *(veja o quadro abaixo)*.

Há um contraste entre essa agenda viajandona (incluindo o gasto demandado pelos tours constantes) e a realidade da pasta que comanda. Nesta semana, ele ameaçou pedir demissão após o corte de 690 milhões de reais, ou 90%, do orçamento de pesquisa. Não só voltou atrás, como não perdeu a oportunidade de ir a outra viagem, ao lado de Bolsonaro, a Aparecida na terça 12, no interior paulista. Perto do corte, o gasto com viagens pode parecer pequeno, mas não é: ele supera o investido em projetos estratégicos como a construção do Reator Multipropósito Brasileiro, que produzirá insumos para a medicina nuclear e acabará com a dependência externa. O reator recebeu 410 000 reais em 2021.

Essas andanças tampouco resultaram em ganhos expressivos para a ciência. Em geral, elas são para a participação em congressos, inaugurações ou assinatura de protocolos. A agenda tem excentricidades como uma ida ao *Guinness Book* na Flórida para reivindicar ao Brasil o recorde de coleta de resíduos eletrônicos. Ironicamente, um dos acordos mais importantes da pasta, o que in-

TODAS AS DIREÇÕES Pontes na Antártica: afastado do cargo pelas andanças em um a cada três dias

VOLTA AO MUNDO

As viagens internacionais de Marcos Cesar Pontes como ministro

503 704,84 reais
Foi o gasto com passagens e diárias desde a posse, em janeiro de 2019

107 viagens
no total

20 viagens
internacionais

346 dias em viagem
em 1 014 dias de governo (122 fora do país)

371 103 quilômetros
percorridos, que é o equivalente a:

- **454 vezes** o trajeto de ida e volta à Estação Espacial Internacional
- ou **9 viagens** em torno do planeta Terra

Fontes: *Portal Brasileiro de Dados Abertos e Painel de Viagens do Ministério da Economia*

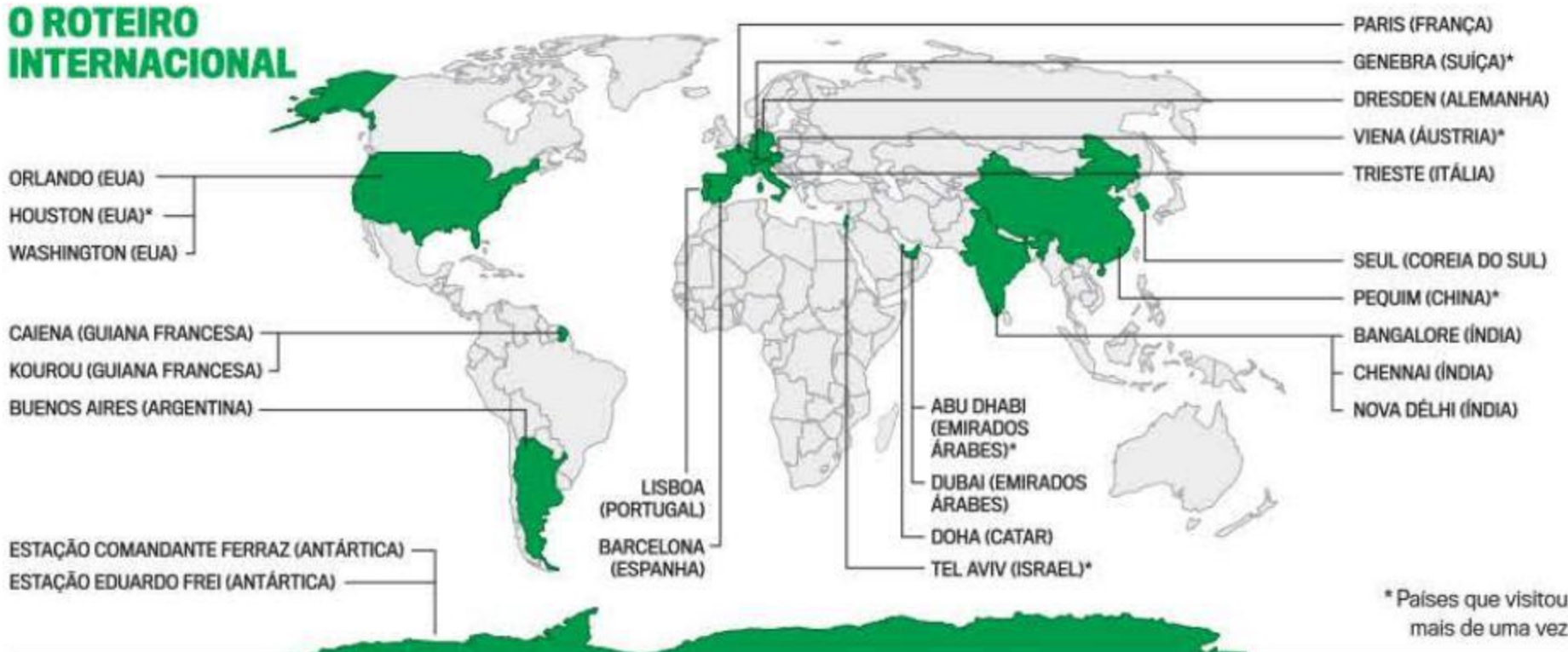
BILL INGALLS/NASA/GETTY IMAGES

ALESSANDRO DAHAN / GETTY IMAGES

cluiu o Brasil no Projeto Artemis, da Nasa, foi assinado por ele em Brasília. No total, o ministro ficou afastado para viagens em um a cada três dos pouco mais de 1000 dias no cargo. Em março, ele estava na Índia quando Bolsonaro vetou trecho de lei que impedia a retirada de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, maior fonte de financiamento do setor. "Com o ministro viajando, tivemos de articular a derrubada do veto no Congresso", diz Celso Pansera, secretário executivo da Iniciativa para a Ciência e Tecnologia no Parlamento.

Preservar o investimento em ciência sempre foi difícil no Brasil, mas isso se agravou no período em que Pontes está no comando. Com pouca influência no Congresso e dentro do próprio governo, ele viu o orçamento da pasta, que era de 13,6 bilhões de reais quando assumiu, cair para 8 bilhões de reais neste ano. "Pontes deveria usar todo o prestígio que eventualmente possa ter com o presidente para mudar esse quadro", critica Renato Janine Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Quando soube do último corte, o ministro estava em outra viagem, a São Paulo, com Bolsonaro, em uma feira sobre nióbio. Na quarta 13, disse na Câmara que foi pego de surpresa e que vai tentar reverter com o presidente. Mas já preparava as malas para uma viagem de duas semanas para Dubai, a partir da sexta-feira 15. "Ele expõe suas divergências de forma pública, mas faz parte de um governo que nega a ciência", diz o deputado Aliel Machado (PSB-PR), presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia. Falta de verba, porém, nem é o único problema. Em agosto, a CGU viu falhas de execução e planejamento em dois projetos prioritários: o acelerador de partículas Sirius e o Laboratório Nacional de Nanotecnologia (LNNano). Treze problemas apontados terão de ser corrigidos no processo em andamento.

Outra iniciativa de Pontes foi a promessa de desenvolver uma vacina nacional contra a Covid-19, o que ainda não ocorreu. Duas delas, a Versamune (parceria com a USP) e a SpiNTec (UFMG), aguardam autorização para estudos clínicos na Anvisa — a primeira desde março e a segunda desde julho. Para piorar, o corte atingiu toda a verba de 50 milhões de reais que iria para o Centro Nacional de Vacinas, em Belo Horizonte, que é estratégico para esses projetos e cuja pedra fundamental foi lançada por ele e Bolsonaro em 30 de setembro.

A situação desafia o ministério, que desde 2011 carrega no nome a palavra "Inovações", que pode ser entendida como a aplicação do conhecimento para obter ganhos de eficiência. A combalida ciência nacional, resiliente a anos de subfinanciamento, aguarda que o conceito vire realidade na pasta, sob pena de acentuar um efeito deletério: de 2019 a 2020, o Brasil caiu de 45º para septuagésimo lugar em retenção de cérebros, segundo a instituição francesa Insead. São pessoas que buscam o aeroporto por motivos diferentes daqueles que movem o ministro. E que talvez demorem a voltar. ■

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

FOCADO Marcos Rogério: o parlamentar diz que não espera apoio de Bolsonaro em razão de sua defesa do governo na CPI

O SUCESSOR DO "PIT BULL"

O bolsonarista Marcos Rogério (DEM) mira o governo de Rondônia e pode abrir caminho ao "Rei dos Precatórios", suplente que foi o mecenas de sua campanha **CAÍQUE ALENCAR** E **TULIO KRUSE**

QUEM ASSISTE às sessões da CPI da Pandemia, que deve votar o seu relatório final na quarta, dia 20, já constatou que Jair Bolsonaro tem uma diminuta tropa disposta a protegê-lo, sendo que o soldado mais escandalosamente dedicado à causa é o senador Marcos Rogério (DEM-RO). Com voz de locutor, com a qual ganhou a vida no rádio, ele atormenta os oposicionistas com seguidos questionamentos sobre o foco no governo federal e provocações como tentar convocar depoentes que corroboram coisas como tratamento precoce e ataques à vacina e ao distanciamento social. Na Casa, fora da CPI, sua atuação se baseia na defesa de armas e pautas conservadoras, como o questionamento de ações pró-diversidade (tenta derrubar decisão do STF que equipara homofobia a racismo e tem projeto para permitir que religiosos se recusem a celebrar casamentos de pessoas do mesmo sexo). Também atua em favor de agricultores ao propor legalizar terras da União já ocupadas, enquanto tenta qualificar invasões de propriedades por sem-terra como atos terroristas.

Ex-deputado federal por oito anos e senador de primeiro mandato, Rogério se prepara para alçar um novo voo: quer disputar o governo de Rondônia em 2022, alavancado pelo bolsonarismo que abraçou no Congresso. Nas pesquisas locais, o senador aparece na segunda colocação, atrás do governador Marcos Rocha (PSL). Evangélico da Assembleia de Deus, Rogério, apesar de associado cada vez mais ao bolsonarismo, diz não esperar engajamento do presidente na eleição. "A defesa que faço do governo é fruto de minhas convicções políticas", jura.

Se o seu projeto for vitorioso, o Senado perderá o ex-radialista, ex-repórter de TV e ex-fotógrafo de casamentos que fustiga a oposição no papel de "pit bull" do governo e ganhará o milionário "Rei dos Precatórios". Quem assumirá o posto é o advogado

TRE-RO

DIPLOMADO Araújo: 855 000 reais na eleição e perspectiva de virar senador

Samuel Pereira de Araújo, primeiro suplente em sua chapa e, não por acaso, o maior doador da campanha (855 000 reais). Araújo fez fortuna (53 milhões de reais) com operações envolvendo precatórios. Dono de empresa de factoring, ele compra os papéis com descontos e briga no Judiciário para obter valores muito maiores, o que está dentro da legalidade. Mas esse tipo de negócio já lhe rendeu um problema na Justiça. Em dezembro de 2018, foi apontado como autor de ameaça de morte contra o presidente do TJRO, Walter Waltenberg, por uma disputa sobre precatório. A representação do promotor Geraldo Henrique Guimarães está no Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Posteriormente à denúncia, em carta ao CNJ, o magistrado tentou pôr panos quentes na história: disse que era amigo de Araújo e que o áudio no qual relatava a ameaça não passara de brincadeira. Em janeiro deste ano, Waltenberg morreu vítima de Covid-19.

Há um certo mistério sobre como o "Rei dos Precatórios", hoje filiado ao PSDB, virou mecenas e suplente do senador. Marcos Rogério diz que a parceria com Araújo foi fruto de uma negociação dentro da composição político-partidária. Já o PSDB tem outra versão. "A indicação é pessoal do Marcos", garante Expedito Junior (PSDB), candidato ao governo pela coligação. Antes disso, Araújo e Rogério haviam sido companheiros no PDT — o primeiro se tornou suplente de deputado estadual em 1998 e o segundo foi deputado federal. Araújo assinou a ficha para entrar no PSDB um dia antes do prazo final estipulado para concorrer ao pleito de 2018.

Para um parlamentar conhecido pelo discurso moralista e conservador, Marcos Rogério já teve o constrangimento de ter de devolver dinheiro ao Senado quando se descobriu que pagava para a ex-mulher um aluguel de 4 600 reais mensais por um imóvel em Ji-Paraná (RO), onde supostamente tinha um escritório político. Na eleição, a empresa com a qual Rogério mais gastou foi a Supergraf, de Izaias Alves Pereira Júnior, investigado pela Polícia Civil por participação em um esquema de financiamento de campanhas em troca de indicações de funcionários fantasmas em gabinetes. A saia-justa mais recente envolveu o assessor Marcelo Guimarães Cortez Leite, demitido em setembro por Marcos Rogério depois de ele ter sido alvo de uma operação da PF sobre tráfico de drogas. Na semana passada, durante um bate-boca na sessão da CPI da Pandemia, Rogério Carvalho (PT-SE) lembrou o episódio. Marcos Rogério retrucou: "Ninguém monitora o que um assessor ou outro faz ou deixa de fazer". Agir como "pit bull" é fácil. Difícil é explicar a coincidência de possuir tantas ligações polêmicas. ■

O SUPLENTE

Quem é Samuel Pereira de Araújo

+ PROFISSÃO
Advogado

+ ATIVIDADE
Tem uma empresa de factoring, que usa para conceder empréstimos e comprar precatórios

+ IDADE
64 anos

+ PARTIDO
No PSDB desde 2018. Foi filiado ao PDT entre 1998 e 2016

+ ELEIÇÕES ANTERIORES
Teve 1 567 votos para deputado estadual em Rondônia em 1998 e se tornou suplente

855 000 reais
ele doou para a chapa com Marcos Rogério para o Senado em 2018

+ PATRIMÔNIO
53,4 milhões de reais
é o total de bens declarados à Justiça Eleitoral em 2018, divididos em dinheiro de precatórios (35 milhões de reais), empréstimos que tem a receber (15,8 milhões de reais) e direitos creditórios em ações judiciais (2,2 milhões)

Fonte: *TSE*

SUPERPODER Plenário do STF: o presidente da República poderia indicar de uma vez só quatro novos ministros

ELES NÃO CANSAM

Deputados bolsonaristas desarquivam projeto de lei que amplia de onze para quinze o número de ministros no Supremo Tribunal Federal **RAFAEL MORAES MOURA**

ÀS VÉSPERAS de eleições, certos políticos costumam tirar da cartola projetos mirabolantes para iludir a plateia ou servir como ardil para impulsionar ideias desatinadas — às vezes as duas coisas. A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP) apresentou, em 2013, uma proposta que alterava a composição, a competência e a forma de nomeação dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). O número de cadeiras passaria de onze para quinze, a Corte ficaria encarregada de julgar exclusivamente causas constitucionais e os quatro novos ocupantes das vagas seriam nomeados pelo Congresso, a partir de listas tríplices elaboradas pelo Conselho Nacional de Justiça, pelo Conselho Nacional do Ministério Público e pela Ordem dos Advogados do Brasil. Depois de oito anos parado, o projeto foi desarquivado recentemente pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados (CCJ). Não foi obra do acaso.

Alterar a composição do STF era um ideia de Jair Bolsonaro desde a campanha de 2018. O então candidato chegou a dizer certa vez que pensava em ampliar para 21 o número de cadeiras, o que lhe permitiria nomear dez novos ministros apenas nos quatro anos de seu mandato. A promessa estapafúrdia tinha ficado até agora no campo da retórica. Com o resgate do projeto de Luiza Erundina, a pregação do presidente por mudanças na Corte ganhará tração. Além de ampliar o número de vagas, a proposta esvazia as funções do tribunal, que perderia, por exemplo, as atribuições de julgar processos envolvendo políticos. "A mudança visa a aperfeiçoar o funcionamento das instituições que compõem a cúpula do nosso Poder Judiciário", explicou a parlamentar quando protocolou o projeto. Na época, a presidente era a petista Dilma Rousseff.

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROVOCAÇÃO Bia Kicis: ela desencavou o projeto de Erundina para atacar o STF

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

MANOBRA Bragança: a proposta também esvaziaria as funções do Supremo

Hoje, com Bolsonaro no poder, Erundina suspeita que há algum ardil por trás da iniciativa: "Como é uma proposta minha, parlamentar da oposição, antibolsonarista, certamente vão desvirtuá-la e usá-la para algum propósito antidemocrático como se eu a estivesse corroborando", adverte Erundina. Presidente da CCJ, a deputada Bia Kicis (PSL-DF) é crítica ferrenha da atuação do Supremo. Foi ela quem desarquivou o projeto e entregou a relatoria ao deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PSL-SP), também um aliado do Planalto. O parlamentar afirma que, pessoalmente, é contra a ampliação do número de ministros, mas, para não mutilar em demasia o texto original do projeto, pretende propor duas pequenas alterações. A primeira é que os quatro novos ministros seriam necessariamente juízes de carreira. A segunda, nada sutil, é que os ministros seriam indicados pelo presidente da República. Se aprovado, Bolsonaro poderia contabilizar seis ministros nomeados em sua gestão. Eis o pulo do gato.

Nos últimos anos, o STF tem sido um importante pilar de sustentação das instituições brasileiras, do regime democrático e da Constituição. O tribunal reforçou o protagonismo político em defesa de minorias, dos direitos humanos e da saúde pública, especialmente durante a pandemia. Também se envolveu em decisões controversas, particularmente no âmbito do inquérito das *fake news*, que desagradaram ao governo e reacenderam a discussão sobre os limites não apenas da liberdade de expressão mas também da atuação da própria Corte. Ministros do tribunal ouvidos por VEJA, no entanto, não veem no projeto desarquivado uma ameaça real. "É apenas mais um gesto de provocação. Um governo que não consegue aprovar um indicado para o STF vai conseguir emplacar uma PEC para aumentar vagas que ele mesmo preencheria?", desdenha um magistrado da Corte, referindo-se às dificuldades enfrentadas pelo advogado André Mendonça para ter a sabatina marcada pelo Senado.

Em 2015, o Congresso ampliou de 70 para 75 anos a aposentadoria compulsória dos ministros do STF. O projeto ganhou o apelido de PEC da Bengala e foi aprovado sem maiores turbulências, apesar da certeza de que, por trás da mudança, havia um interesse casuístico. Na época, Dilma Rousseff teria direito de substituir até o final de seu mandato cinco ministros que atingiriam a idade-limite. Se isso acontecesse, a Corte contaria com dez de seus onze membros nomeados pelos governantes petistas. Para a oposição, uma supremacia extremamente perigosa. A mudança foi efetivada, Dilma, como se sabe, logo depois sofreu um processo de impeachment e quatro dos ministros mais antigos acabariam atingindo a idade-limite nos governos seguintes — dois no atual e outros dois no que será empossado em 2023. Portanto, se reeleito e supondo que o projeto da deputada Erundina seja aprovado, Bolsonaro indicaria oito magistrados para uma Corte que passaria a ter quinze membros. Mesmo sem estardalhaço (desta vez, dentro da lei e sem ataques antidemocráticos), os radicais bolsonaristas não desistem de tentar controlar o Supremo. ■

NELSON JR./SCO/STF

INSTAGRAM @CLAUDIOCASTRORJ

CASTRO-LULA O governador *(à esq.)* com Quaquá: o vice-presidente do PT mostra empolgação com a nova aliança

FLERTANDO COM O INIMIGO

Empenhado em se reeleger, o governador fluminense Cláudio Castro sinaliza trocar o apoio do Planalto pelo do PT. Dispostos a ganhar palanques para Lula, os petistas reciprocam **CÁSSIO BRUNO**

ALÇADO ao Palácio Guanabara pelo impeachment de Wilson Witzel, o até então desconhecido vice dele, Claudio Castro (PL), cantor gospel católico vindo de dois anos de obscuridade na Câmara dos Vereadores, agarrou sua chance: pôs-se imediatamente a trabalhar para, encerrado o mandato-tampão, se reeleger governador do Rio de Janeiro. A primeira providência foi agradar à família Bolsonaro — abraçou-se sobretudo com o senador Flávio, empilhou aliados do presidente e dos filhos no Palácio Guanabara e, por um momento, até flertou com o negacionismo em meio à pandemia da Covid-19. Ao ver Jair Bolsonaro patinar nas pesquisas, Castro, em nome de seu projeto, iniciou um gradativo descolamento do clã, tomando o cuidado de não acirrar a ira e a retaliação bolsona-

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

DESCOLAMENTO Flávio: o elo de Castro com o Planalto se esgarça

ristas. Ao mesmo tempo, voltou-se para o extremo oposto: agora se movimenta na direção da centro-esquerda e do ex-presidente Lula.

Na trilha da mudança de lado, Castro tem evitado citar Bolsonaro e aparecer junto a ele nas redes sociais. Na briga do presidente com os governadores a respeito da alta da gasolina, pôs-se a criticar o Planalto e a política de preços da Petrobras. Também assinou a carta-protesto contra a afirmação de Bolsonaro de que "todos os estados, sem exceção", aumentaram impostos, contribuindo para a subida no preço dos combustíveis. Virou a casaca na questão da vacina, abandonando a cartilha bolsonarista e publicando no Instagram foto sua sendo imunizado, com a legenda: "Vacina boa é com a segunda dose". Enquanto isso, a operação Castro-Lula vai se desenvolvendo discretamente, encabeçada por Rodrigo Abel, um petista de raiz que hoje dá as cartas no governo fluminense, na posição de secretário estadual do Gabinete do Governador.

O objetivo do grupo político de Castro é construir uma aliança informal com Lula e a partir daí solidificar o apoio dos principais nomes da articulação eleitoral no Rio: o presidente da Assembleia Legislativa (Alerj), André Ceciliano (PT), e o prefeito da capital, Eduardo Paes (PSD). Com Ceciliano a parceria já tem meio caminho andado: o deputado costurou para o governador uma ampla aliança com pelo menos dezesseis partidos. Mais que depressa, eles se beneficiaram do loteamento de secretarias, subsecretarias e órgãos estaduais, garantindo em troca apoio às ambições de Castro em 2022. Paes já é osso mais duro de roer, visto que tem um candidato próprio, Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, para a sucessão estadual. Mas seus aliados dizem que a aproximação com o governador não está descartada — reeleito com um empurrão do prefeito, Castro retribuiria deixando-lhe caminho livre para o mesmo cargo em 2026.

No PT, o trunfo de Castro é a disposição da sigla de obter aliados onde quer que eles se apresentem. Altineu Côrtes, deputado federal e presidente regional do PL, o partido do governador, admite abertamente a possibilidade de uma aliança informal: "O PL nacional irá com Bolsonaro. Mas existe, sim, um movimento para juntar Castro e Lula no Rio". Do outro lado, também. "Formalmente, o partido deverá apoiar Marcelo Freixo (PSB) para governador. Mas a prioridade do PT é eleger Lula. Queremos que ele tenha mais de um palanque nos estados", confirma Ceciliano, um dos coordenadores da pré-campanha do ex-presidente. Neste cenário, Lula pediria votos no Rio para Freixo e ainda para Felipe Santa Cruz, para Rodrigo Neves (PDT), ex-prefeito de Niterói — e, no melhor dos mundos castrista, para ele próprio, o azarão do bolo centro-esquerda. Em agosto, postado ao lado do governador em um evento, o vice-presidente nacional do PT, Washington Quaquá, gritou, empolgado: "É Castro-Lula, é Castro-Lula!". Constrangida, no dia seguinte a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, despistou: "É uma posição absolutamente pessoal de Quaquá".

Assim como em outros estados, a definição do palanque no Rio deve acontecer por volta de maio de 2022. Com as finanças estaduais turbinadas pela venda da Companhia de Água e Esgoto e pelos royalties de petróleo, Castro negocia a reformatação da monumental dívida do Rio com a União, de mais de 170 bilhões de reais. "Até o início do ano que vem, quando a questão da dívida deve estar resolvida, ele ficará com um pé em cada canoa, entre Bolsonaro e Lula", prevê uma pessoa próxima a ele. "Internamente, fala: 'Eu não posso trair o Bolsonaro, mas estou torcendo para que ele me traia'", acrescenta. Aliás, isso é bem possível. Bolsonaristas mais radicais gostariam de lançar um nome como Hamilton Mourão ao governo fluminense. Procurado, o governador disse em nota que se empenha em "consolidar melhorias para a população do Rio" e em "unir o estado com diálogo e realizações". Em resumo: faltando um ano para a eleição, Castro, o novato, mostra que conhece política tanto quanto seus pares mais maduros. ■

SOLUÇÃO INFLAMÁVEL

Projeto que muda o ICMS para os combustíveis passou na Câmara, mas não ataca as raízes do aumento nos preços e pode criar outros problemas

VICTOR IRAJÁ E **FELIPE MENDES**

O filósofo e matemático francês René Descartes (1596-1650) resumia bem um dos grandes dilemas para as questões importantes: não existem respostas fáceis para problemas difíceis. É uma máxima que se aplica bem às alternativas buscadas pelo governo federal e pelo Congresso para tratar da forte alta dos combustíveis, um componente relevante na disparada da inflação que mina a popularidade do presidente Jair Bolsonaro. Os preços nos postos viraram um assunto inflamável nos corredores do Palácio do Planalto e da Câmara dos Deputados. Dono de uma linha de raciocínio simples — quando não simplória —, Bolsonaro tenta repassar a responsabilidade para os governadores, uma vez que o ICMS dos estados é o imposto que tem mais peso na composição do preço final dos combustíveis.

A REBOQUE DO DÓLAR Posto de combustíveis: altas contínuas

De fato, a tarifa é alta e varia entre 25% a 34% do preço, de acordo com a unidade da federação. Mas na composição do elevado preço atual apenas reflete o aumento do custo do petróleo internacional — que é utilizado como referência para a política de preços da Petrobras — e a disparada do dólar, por causa das instabilidades fiscais e políticas causadas pelo governo Bolsonaro. E, para prejudicar ainda mais o raciocínio, em cinco anos a participação média do ICMS no preço da gasolina caiu de 28% para 27,5%, enquanto os impostos federais Pis/Pasep, Cofins e Cide subiram de 9% para 11,3%.

Na quarta-feira 13, o presidente da Câmara e apoiador do governo, Arthur Lira (PP-AL), conseguiu, em mais uma blitzkrieg no plenário, aprovar um projeto de lei para alterar o cálculo do ICMS, que passaria a ser fixado anualmente considerando a média de preço dos dois anos anteriores, e não mais como uma porcentagem em relação ao preço de venda, calculada a cada quinze dias. Em mais uma demonstração do poder de influência que possui na Casa que preside, Lira conseguiu aprovar a matéria, depois de três horas de articulações,

BLITZKRIEG
Lira: três horas de negociação e aprovação do projeto por ampla margem

CRISTIANO MARIZ

pelo placar de 392 votos a 71 e 2 abstenções. Segundo as contas apresentadas pelo deputado, a medida permitiria reduzir o custo da gasolina em 8%; do etanol em 7%; e do diesel em 3,7%. A perda cairia, portanto, nas costas dos estados. Um levantamento da Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais aponta um rombo, já neste ano, entre 7 bilhões de reais e 10 bilhões de reais no ICMS, que é uma das principais fontes de arrecadação dos estados. Há quem tema que o governo federal, no futuro, precise socorrer diversas gestões da perda da arrecadação, como aconteceu no passado recente. "O problema maior é a alta do dólar. Com esse tumulto, incerteza, despesas eleitorais, além da insegurança institucional, a moeda americana sobe apesar do aumento das exportações. Se caísse, o que seria o normal, isso compensaria a alta do preço internacional dos combustíveis", diz o secretário de Fazenda de São Paulo, Henrique Meirelles.

A escolha do ICMS como vilão maior foi feita por Bolsonaro depois de ameaçar, no começo do ano, intervir na política de preços da Petrobras. Implementada na gestão de Pedro Parente, que comandou a petroleira entre 2016 e 2018, a política de preços baseada na cotação internacional do preço do barril do petróleo é considerada correta pelo mercado financeiro. Lira também tem posto essa política em xeque, ao declarar que a empresa deve ter também uma função social. Raciocínios semelhantes levaram a políticas intervencionistas desastrosas como a que aconteceu entre 2011 e 2014, durante o governo da presidente Dilma Rousseff. A medida não só não conteve a inflação como deu severos prejuízos à estatal.

O projeto aprovado por Lira — que segue para apreciação no Senado, onde os governadores têm maior poder de pressão — não é visto com maus olhos pelo Ministério da Economia. Mas técnicos da equipe econômica admitem que seus impactos serão apenas imediatos. Por isso, defendem uma solução estrutural, por meio da concessão de distribuidoras e refinarias ao setor privado e o aumento da concorrência — uma alternativa muito mais complexa e que levará tempo para ser implementada e ter efeitos sobre o preço dos combustíveis. Lira chegou a falar até na privatização da Petrobras (essa, sim, uma grande ideia). "Quanto mais competitivo for o setor, melhor para o consumidor", diz Décio Oddone, ex-diretor-geral da ANP. As reformas econômicas também são consideradas uma saída mais eficaz. "O país precisa reduzir gastos e impostos sobre o consumo como um todo com uma reforma tributária coerente", afirma Marcelo Mesquita, membro do conselho de administração da Petrobras. É um caminho mais complexo, mas com resultados mais efetivos. ■

FESTA INTERROMPIDA

Depois de um ano marcado por recordes e com empresas movimentando a bolsa em ritmo inédito, a instabilidade do país leva a uma retração nas aberturas de capital **LUISA PURCHIO**

ANTES MESMO de começar, o ano de 2021 prometia ser historicamente positivo para a Bolsa de Valores de São Paulo, a B3. Aproveitando o interesse inédito do brasileiro pela compra de ações, devido aos juros baixos que tornavam os outros investimentos pouco atrativos e estimulavam a tomada de riscos, a expectativa era bater recorde atrás de recorde. E a promessa se cumpriu. O Ibovespa atingiu, neste ano, pela primeira vez a marca de 130 700 pontos. Além disso, o número de empresas que realizaram suas ofertas públicas iniciais (IPOs, na sigla em inglês) de ações só ficou atrás do recorde de 2007: até setembro, foram 31, acima dos 25 de 2020.

Companhias de diversos perfis corriam para a bolsa como forma de se financiarem para poder fazer mais investimentos, aquisições, pagar dívidas durante a pandemia ou simplesmente remunerar os seus donos. O volume levantado nessas aberturas de capital atingiu 36,3 bilhões de reais. Foi cerca 10 bilhões de reais acima do volume das ofertas iniciais realizadas em 2020. Ao que tudo indicava, a festa ainda estava em seu início e estabeleceria marcas mais impressionantes. Mas, de umas semanas para cá, o clima esfriou. E, ironicamente, o ano de 2021 bateu também um recorde negativo, o de empresas que desistiram de realizar suas ofertas iniciais: já são 51 delas, ante as vinte do último ano.

O derradeiro IPO realizado na B3 ocorreu no dia 2 de setembro, feito pelo grupo Vittia, que possui empresas de biotecnologia ligadas ao agronegócio. Nesse momento, muitas candidatas à bolsa já haviam percebido que a situação mudava radicalmente. O termômetro principal era que só haveria interessados para as suas ações se elas fossem vendidas a um valor bastante inferior ao precificado inicialmente. Um levantamento da consultoria Economatica feito para VEJA mostrou que vinte empresas, mais da metade das que abriram capital neste ano, estavam com desempenho negativo nas ações até a segunda-feira 11. Para não correr o risco de ver derreter seus papéis, a rede de academias Bluefit, por exemplo, desistiu de fazer o IPO marcado para setembro. A empresa fixou o preço de seus papéis entre 12,25 e 15,25 reais, porém

MERCADO PARADO
Pregão da B3: recordes de valores e de desistências de abertura de capital

A EVOLUÇÃO DOS IPOs

Aberturas de capital na B3

	OPERAÇÕES REALIZADAS		DESISTÊNCIAS
	Número de ofertas	*Volume (em bilhões de reais)*	*Número de ofertas*
2017	7	6,98	3
2018	3	3,42	6
2019	4	3,24	2
2020	25	26,13	20
2021*	31	36,33	51

* Até setembro

CRIS FAGA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

AMBIPAR

teve de baixá-los para 9,20 reais após sentir a mudança da temperatura. No fim das contas, desistiu.

Mais recentemente, foi a vez de a Environmental ESG Participações, empresa de gestão de resíduos da Ambipar, seguir o mesmo caminho. Este era um dos processos mais esperados do mercado para o segundo semestre, com capacidade de levantar 3 bilhões de reais. A Ambipar adotou uma estratégia agressiva, chamando a atenção para seus negócios, a ponto de convidar a supermodelo Gisele Bündchen para ser acionista e parte do comitê de sustentabilidade da empresa, mas alegou que não seguiria com o IPO no momento por "condições desfavoráveis dos mercados financeiros de capitais".

APOSTA SEM RESULTADOS
Gisele Bündchen em publicidade da Ambipar: IPO adiado

As explicações para tamanha mudança de humor passam por questão nacionais e internacionais. De um lado, a instabilidade política e econômica do país se transformou em fonte de preocupações no mercado financeiro. Ao mesmo tempo, investidores internacionais começaram a ser mais cautelosos quanto a investir em países em desenvolvimento e mais instáveis. "A bolsa brasileira vinha em um momento muito bom e tomou uma ducha de água fria com a inflação e os ruídos de 7 de setembro. Isso tem trazido muita volatilidade, mas ainda temos liquidez no mercado e empresas mostrando resultados fortes", diz Ricardo Lacerda, CEO do banco de investimentos BR Partners. A expectativa do mercado é que, mesmo diante das incertezas, a má fase nas aberturas de capitais não vai durar para sempre. ■

O FIM DA LUA DE

SARAHBETH MANEY/GETTY IMAGES

EM BAIXA Biden: trapalhadas, reprovação popular e racha no Partido Democrata que emperra a aprovação de projetos

Eleito presidente com base em plataforma de uma nota só — derrotar Donald Trump —, Joe Biden, político experiente que é, deveria saber que precisava causar impacto para imprimir uma marca em seu governo. Nos primeiros seis meses, pôde contar com a curva descendente da pandemia, resultado da vacinação em massa contra a Covid-19, para se manter nas boas graças do eleitorado. Mas agora a inevitável realidade se impôs, trazendo consigo a também inexorável queda de popularidade — só que, no caso de Biden, deixando um gosto mais amargo do que o habitual. Em agosto, pela primeira vez desde que se instalou na Casa Branca, sua taxa de aprovação caiu abaixo dos 50%, produto de um grande — e desastrado — gesto: a caótica retirada das tropas americanas do Afeganistão e a retomada do poder pelos fundamentalistas do Talibã.

Um novo surto de casos de Covid-19 transmitidos pela variante delta e a divulgação de imagens chocantes de imigrantes haitianos desabrigados e sendo chicoteados por patrulheiros ao cruzar a fronteira com o México tiraram mais lascas do cacife do presidente, que amarga agora um recorde de desaprovação de 53%, com apenas 38% dos americanos a favor de sua atuação — o mais baixo índice neste estágio desde Bill Clinton, praticamente empatado com o do antecessor Trump. A crise da imigração continua a assombrar, intensificando-se a cada dia, sem solução à vista. E o enrolado Biden se debruça sobre mais um enrosco: a aprovação no Congresso de dois pacotes trilionários, cru-

E MEL

Passados os primeiros meses do governo, Joe Biden enfrenta crises e vê sua popularidade cair, o que é normal. Anormal é precisar pacificar o próprio partido para aprovar seus projetos

JULIA BRAUN

PAUL RATJE/AFP

CHOQUE Imigrantes haitianos na fronteira: problema que se agrava a cada dia

ciais para implementar sua agenda econômica e melhorar a imagem de sua administração, mas que viraram motivo de briga feia entre deputados e senadores de seu próprio partido.

A primeira iniciativa é um plano de 1,2 trilhão de dólares para renovação da infraestrutura com a construção e reforma de rodovias e sistemas de saneamento, projetos de moradia e expansão de energias renováveis — um pacote ambicioso que, de quebra, criaria empregos e daria fôlego à economia. Enxugado para metade da proposta original e aprovado pelo Senado há dois meses, o texto, antes de ser assinado por Biden, precisa passar pela Câmara dos Deputados — e aí mora o perigo. Uma rixa ideológica entre as alas progressista e moderada do Partido Democrata está emperrando toda e qualquer votação na Casa, onde a maioria requer 218 votos e o bloco democrata inteiro tem 220 cadeiras.

O pacote da infraestrutura nem é problema. Praticamente todo o Congresso, até os "inimigos" republicanos, concorda que ele contribuirá para uma saída mais rápida do abismo econômico cavado pela pandemia. Mas o estridente grupo da chamada esquerda democrata condiciona seu apoio à aprovação de um segundo pacote, mais farto — começou em 3,5 trilhões de dólares e está hoje no patamar dos 2,3 trilhões — e bem mais polêmico, voltado para a expansão dos investimentos em proteção do meio ambiente, garantias a imigrantes, expansão da educação e saúde gratuitas e outras questões sociais.

Batizado de Build Back Better (BBB), o projeto prevê bancar parte da gastança com um aumento dos impostos das corporações, de 21% para 28% ao ano, e dos milionários — quem ganha acima de 400 000 dólares anuais estaria sujeito a tributos de até 39,6%. Os democratas progressistas, puxados pela voz radical do senador Bernie Sanders, ainda não engoliram o corte de recursos já acertado por Biden e lutam por uns milhões de dólares a mais. Os moderados advogam gastos que caibam no orçamento federal e alta de tributos mais suave. Para piorar, dois senadores democratas, Joe Manchin e Kyrsten Sinema, batem o pé para que o total a ser investido não passe de 1,5 trilhão de dólares e os impostos cobrados das empresas tenham um teto máximo de 25%. "O impasse no Congresso tem a complexidade de um jogo de xadrez. Basta um voto contrário entre os democratas para afundar os dois projetos de uma vez só", diz James Thurber, analista político da American University, na capital, Washington.

A tensão é tão grande que, durante uma reunião com o presidente, um deputado chegou a sugerir trancar Sanders e Manchin em uma sala até que eles chegassem a um acordo. "Seria como pedir para que um homicídio aconteça", teria respondido Joe Biden, segundo fontes que acompanharam o diálogo. O presidente joga com a expectativa de que as duas alas em litígio no Partido Democrata deponham as armas, firmem uma trégua e aprovem pelo menos parte das medidas propostas em nome de um projeto maior: as eleições legislativas de 2022, na qual os democratas correm o risco de perder sua precaríssima maioria na Câmara e no Senado. E com o Congresso dominado pelos republicanos mão-fechada, Biden pode dar adeus a seus planos trilionários. ■

CERCO FINAL

O julgamento de um guarda de campo de concentração em Berlim mostra como é difícil a caçada aos carrascos nazistas e retrata o encerramento de uma era **CAIO SAAD**

APOIADO em um andador, com o rosto coberto por uma pasta, o alemão Josef Schuetz, 100 anos, caminhou calmamente até sua cadeira no tribunal de Brandemburgo sob o olhar atento de uma plateia composta de sobreviventes e familiares de vítimas do Holocausto. Passados 76 anos do fim da II Guerra Mundial, Schuetz, guarda do campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim, começou neste mês a ser julgado por cumplicidade no assassinato de 3 518 prisioneiros entre 1942 e 1945 no local onde ocorreram os primeiros experimentos de extermínio em massa e que também servia de centro de treinamento da SS, a aterradora força paramilitar do regime nazista.

As 21 sessões, às quais o acusado — que passou décadas trabalhando como chaveiro na Alemanha, sem despertar atenção — comparece por no máximo três horas, devem se encerrar em fevereiro e ouvir o depoimento de sete sobreviventes de Sachsenhausen. A idade avançada de todos os personagens faz deste um processo particularmente sensível: está se fechando a janela de tempo para levar agentes do nazismo aos tribunais e muitos escaparam impunes. "Este é o último julgamento para meus amigos, conhecidos e entes queridos que morreram assassinados. Espero que nele o último culpado seja condenado", declarou Leon Schwarzbaum, 98 anos, sobrevivente do Holocausto, ao depor no primeiro dia.

Existem atualmente dezessete processos de agentes do regime nazista em andamento na Alemanha, todos com réus de 95 anos ou mais. A demora na prestação de contas desses crimes na Justiça do país se deve ao fato de que, até dez anos atrás, um acusado, sobretudo se tivesse servido no baixo escalão da hierarquia, só era levado aos tribunais se houvesse provas de seu envolvimento direto em assassinatos. O princípio só seria revisto em 2011, no julgamento do ucraniano John Demjanjuk, outro ex-guarda que obteve cidadania americana e demorou décadas para ser deportado. Nele, a acusação fez valer o princípio de que qualquer indivíduo em posição de força em um campo de extermínio é um exterminador, qualquer que seja sua função. "Ter servido em um local onde está claro e evidente que ocorriam assassinatos sistemáticos constitui, em si, uma cumplicidade passível de punição, desde que sejam apresentadas provas suficientes", explica Thomas Will, chefe do Escritório Central de Investigação de Crimes do Nazismo, agência do Departamento de Justiça alemão que, desde então, tem encaminhado em média trinta nomes por ano para investigação e possível processo judicial.

Todos os países da Europa ocupados pelas tropas de Hitler promoveram julgamentos em massa de criminosos nazistas — só a Polônia processou 40 000 e condenou 5 000 por atrocidades cometidas em seu território. Na Alemanha, no entanto — país elogiado pela franqueza com que encarou o passado nazista —, a Justiça lenta e cheia de brechas permitiu que muitos escapassem sem punição. O acerto de contas com a barbárie nazista, entretanto, começou justamente lá, na cidade de Nuremberg, onde

FIM DA LINHA Schuetz no tribunal: punição e memória dos crimes cometidos pelo nazismo

uma corte internacional especialmente criada pela primeira vez colocou no banco dos réus boa parte da alta cúpula — militar, jurídica, política — de um regime.

O Tribunal de Nuremberg, entre 1945 e 1946, julgou 24 acusados de crimes de guerra, dos quais doze foram executados, sete receberam penas de dez anos a prisão perpétua, três foram absolvidos e dois tiveram as acusações retiradas. Desse processo revolucionário nasceram os conceitos de "crime contra a humanidade" e "genocídio", utilizados desde então contra déspotas e regimes sanguinários até então impunes. O Holocausto — com seus 6 milhões de judeus assassinados por nazistas — é um crime que "supera e esfacela todos os sistemas legais", escreveu Hannah Arendt, a pensadora germano-americana que

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

GPO/GETTY IMAGES

ATROCIDADES Eichmann: imagem da "banalidade do mal" definida por Arendt

cunhou a definição "banalidade do mal" ao acompanhar outro julgamento célebre: o de Adolf Eichmann, tenente-coronel de Hitler capturado pelo serviço secreto israelense na Argentina e processado em Jerusalém em 1961. Ele tentava justificar seus atos alegando ser um homem comum que cumpria ordens (foi condenado e enforcado no ano seguinte). "Mais do que punir, a principal função dos julgamentos de nazistas é abrir os olhos do público para seus crimes, algo especialmente importante neste momento em que o antissemitismo se intensifica e os sobreviventes estão acabando", diz Rainer Schulze, professor de história europeia moderna da Universidade de Essex. Centenários, acusado e acusadores do julgamento em Brandemburgo estão entre os últimos a servir a esse propósito. ■

INVESTIMENTO INDIGESTO

Parecia um baita negócio, tanto que **MARÍLIA GABRIELA** e os filhos, Cristiano e Theodoro, investiram mais de 1 milhão de reais (três cotas de 375 000) no Paris 6, rede de bistrôs famosa muito mais pelos clientes-celebridades do que pela excelência gastronômica. A receita desandou e agora, sete anos depois, a jornalista e o empresário Isaac Azar, dono da marca, travam uma renhida batalha jurídica. Marília quer reaver o investimento e o acusa de ter dado uma pedalada na reestruturação da empresa, escondendo balancetes. Azar diz que não há atraso e que ela "vazou" o caso (que corre em segredo de Justiça) para pressioná-lo a pagar antecipadamente. "Os valores serão restituídos no prazo em contrato, no final do primeiro semestre de 2022", afirma o dono dos três Paris 6 de São Paulo, sobreviventes da rede que chegou a ter oito endereços próprios.

INSTAGRAM @GABI_MARILIAGABRIELA

PATRICK VAN KATWIJK/GETTY IMAGES

TUDO BEM EXPLICADINHO

Ela só tem 17 aninhos e nenhum namoro conhecido, mas já está oficialmente informada: se resolver se casar com uma mulher, tudo bem. A surpreendente liberação conjugal da princesa **CATHARINA-AMALIA,** herdeira do trono da Holanda (primeiro país a aprovar o casamento gay, em 2001), foi promulgada pelo primeiro-ministro Mark Rutte, respondendo a uma interpelação de deputados que, por sua vez, queriam esclarecer de uma vez por todas a questão levantada em um livro recém-lançado. "O gabinete não acha que o herdeiro do trono ou o rei tem de abdicar se quiser se casar com uma pessoa do mesmo sexo", disse Rutte. E como fica a sucessão hereditária neste caso? Aí já foi demais – Rutte deixou a resposta para quando a ocasião se apresentar.

HARPER SMITH

CHEGA DE RECLUSÃO

Melhor amiga de Cazuza, com quem fazia longas "baratonas" pelos botequins da Zona Sul do Rio bem antes de o termo ser inventado, **BEBEL GILBERTO,** 55 anos, andava quietinha após dois baques em sequência – a morte da mãe, Miúcha, em 2018, e do pai, João Gilberto, seis meses depois. Vacinada e com a pandemia arrefecendo, ela prepara o retorno às noitadas – em cima do palco. Dando um tempo na produção de um secretíssimo disco em homenagem ao pai, Bebel cantará músicas de Cazuza no festival que celebra os quarenta anos do rock nacional no dia 31, no Rio. É certo que vai se emocionar. "No fim da vida, ele passava muito tempo concentrado, lendo, compondo. Estava querendo aproveitar cada minuto que tinha", lembra a cantora, hoje pacata moradora do Leblon, onde frequenta livrarias e faz caminhadas à beira-mar.

MISSÃO IMPOSSÍVEL

JEFF CHIU/AP/IMAGEPLUS

Ultraeconômico nas aparições públicas, o ator **TOM CRUISE,** 59 anos, não teve outra saída: sorriu, acenou e tirou selfies ao ser identificado na arquibancada de um jogo de beisebol em Los Angeles. Apesar da simpatia, as redes sociais não perdoaram: todos os comentários se concentraram no rosto inchado como nunca se viu, sem uma ruga para contar a história. As especulações vão de excesso de preenchimentos a cirurgia plástica completa, do pescoço à testa. Seja o que for, é bom que não atrase ainda mais as filmagens de *Missão: Impossível 7*. Depois de parar durante meses por causa da pandemia e, de novo, em junho devido a um caso de Covid no set, o filme tem estreia prevista para maio de 2022. ■

ENFIM, A RETOMA

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

AO VIVO
Futebol com moderação: público em 50% dura até novembro

DADO PHOTOS/SHUTTERSTOCK

PÉ NA ESTRADA
Turismo: reservas crescem e 600 000 vagas no setor serão abertas

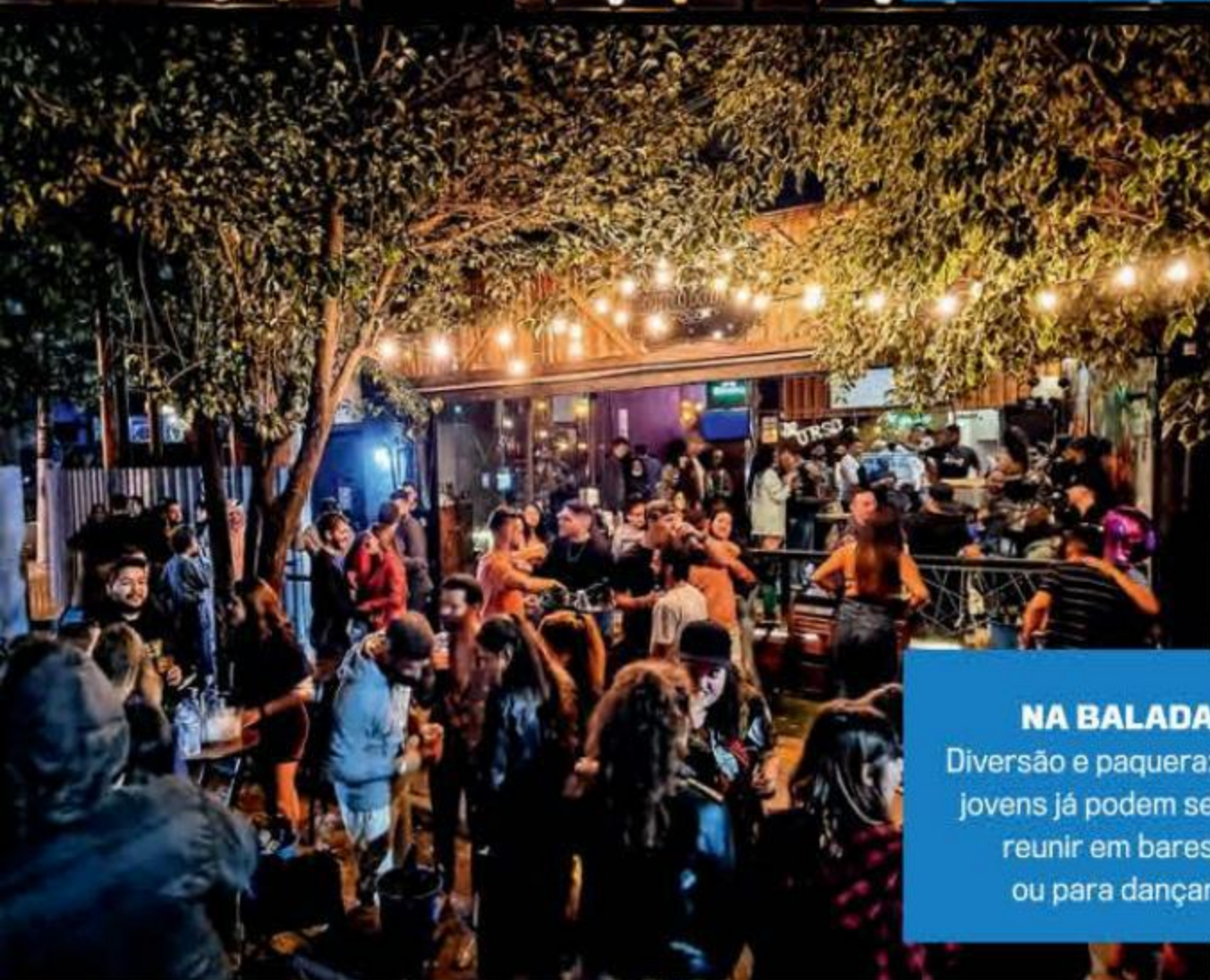
CAPA: FOTO DE KLAUS VEDFELT/GETTY IMAGES

ADA

Com o avanço da vacinação e a queda consistente no número de mortes, países reabrem as portas aos brasileiros, escolas retornam 100% presenciais, shows e peças voltam aos palcos e a vida, aos poucos, recomeça em todo o Brasil

CILENE PEREIRA E **SIMONE BLANES**

CÍNTIA CARVALHO/FOLHAPRESS

ESPETÁCULOS
Shows e musicais voltam aos palcos: agenda cheia para o ano de 2022

EGBERTO NOGUEIRA/IMÃFOTOGALERIA

NA BALADA
Diversão e paquera: jovens já podem se reunir em bares ou para dançar

Em um dos trechos mais conhecidos do clássico *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, o personagem Riobaldo sintetiza o que é a passagem da vida. "O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem." Há quase dois anos, a humanidade aprende, dia a dia, o que significam as palavras do jagunço criado pela cabeça brilhante de Guimarães Rosa. O medo de um vírus desconhecido, a angústia do isolamento, a esperança com a vacina e a montanha-russa de emoções com o sobe e desce de casos nos colocaram em um ciclo que parecia infinito de esquenta e esfria, de aperta e afrouxa, de sossega e desinquieta. Hoje, porém, depois de 22 meses de pandemia, na escala de Riobaldo estamos mais perto do sossega. Aos poucos, a vida retorna sem tanto sobressalto e comemoramos, enfim, a retomada. É um retorno que vem cheio de questionamentos e emoções inesperadas. Surpreende, por exemplo, a alegria de poder ir de novo ao mercado e escolher a fruta preferida sem medo – ou com menos medo. Ou o prazer ao ver o time de novo da arquibancada. Boa parte do mundo está vivendo essa experiência de renascer de um jeito diferente. No Brasil, já se planeja o Carnaval de 2022, enquanto nos Estados Unidos o infectologista Anthony Fauci, conselheiro para assuntos de saúde do governo americano, liberou a criançada para brincar no Halloween. "Se você estiver vacinado, pode aproveitar a brincadeira", disse Fauci.

ANDRE COELHO/GETTY IMAGES

À ESPERA DO NATAL Compras: crescimento esperado de 60% em dezembro

O caminho para chegar até esse ponto não foi fácil e ele só se tornou possível graças aos enormes sacrifícios feitos para a adoção de temporadas de isolamento social e da histórica contribuição da ciência no desenvolvimento de imunizantes em tempo recorde. Mas o fato é que a atmosfera está completamente diferente da vivida há um ano — e o Brasil tem também motivos para uma comemoração cautelosa. É verdade que o governo fez de tudo para sabotar as medidas necessárias de combate à doença, mas, quando ficou claro que a esmagadora maioria da população queria vacina no braço (e não a cloroquina propagandeada por Bolsonaro), a oferta de doses de proteção foi se multiplicando e a campanha de imunização mostrou-se efetiva para reduzir números de óbitos e de contaminações. Chegou-se a ponto de algumas cidades começarem a discutir o afrouxamento das regras de uso de máscara de proteção em ambientes ao ar livre, sem que isso soe como negacionismo. Estimulados por essa perspectiva otimista, comércio e turismo, dois dos segmentos mais afetados pela pandemia, preparam-se para um retorno que deverá ser suficiente para injetar o fôlego necessário para a recuperação. As projeções de Glauco Humai, presidente da Associação Brasileira de Shopping Centers, dão o tamanho da expectativa. "Vai ser um grande Natal", diz. "Neste ano, esperamos crescer em vendas cerca de 60% em relação ao ano passado, ficando próximo do aumento registrado em 2019", diz. Empresários do setor de turismo têm esperanças semelhantes. Os cruzeiros, por exemplo, estarão de volta, gerando 35 000 empregos e 2,5 bilhões de reais em receitas, segundo a Associação Brasileira de Cruzeiros Marítimos. O segmento todo calcula a criação de 600 000 postos de trabalho e o aumento das receitas em 4,6% nes-

AOS POUCOS, O RETORNO

Setores fortemente impactados pela suspensão das atividades presenciais voltam a ganhar fôlego

TURISMO

- Estimativa de que **600 000 postos de trabalho** formais sejam recuperados até o fim do ano
- Projeção de **4,6%** do crescimento das receitas em 2021 em relação a 2020
- Perspectiva de recuperação do setor no **primeiro semestre** de 2022
- No Airbnb, no segundo trimestre de 2021 as reservas ultrapassaram os níveis pré-Covid-19. Em cidades de até 50 000 habitantes, aumentaram em **50%** em comparação ao mesmo período em 2019

COMÉRCIO/ SHOPPINGS

- O faturamento dos centros comerciais deve crescer **35%** no quarto trimestre de 2021. No ano, o crescimento real é estimado em **61%,** após queda de **36,1%** em 2020
- Até o fim do ano, a circulação de pessoas aumentará **25%**
- Espera-se **36%** de aumento na contratação de trabalhadores temporários, com a admissão de **98 000 pessoas.** Cerca de **60%** só para o Natal
- Calcula-se que o ticket médio gasto em compras subirá de **188 reais** em 2020, para **200 reais**

PEDRO ACCIOLY

AULAS E AMIGOS Presença obrigatória: classes e colegas na escola, e não mais on-line

te ano comparado a 2020. Um bom termômetro são os índices do Airbnb, plataforma de aluguel de imóveis. As reservas ultrapassaram os níveis dos tempos pré-Covid e, em municípios com mais de 50 000 moradores, subiram 50%. Fernando de Noronha e Ilhabela, duas das ilhas mais famosas do país, estão apostando nas comemorações de fim de ano depois de passarem o réveillon de 2021 sem festas. Em Ilhabela, no Litoral Norte paulista, não há mais barreira sanitária para visitantes desde agosto. Em Noronha, a reabertura gradual começou em setembro do ano passado. “Estamos em uma situação que nos deixa tranquilos e esperançosos para a retomada”, afirma o administrador do arquipélago, Guilherme Rocha. A Pousada Zé Maria, a mais famosa da ilha, ainda vende ingressos para a sua concorrida festa de réveillon, mas não tem mais vagas para hospedagem nesse período.

Durante os quase dois anos de pandemia, as engrenagens do circuito de shows e eventos também foram duramente afetadas. Felizmente, o vento mudou para quem trabalha no segmento. Em São Paulo, a partir do dia 1º de novembro não haverá mais restrições para a lotação de público em casas de shows e serão permitidos espetáculos ao vivo com as pessoas em pé. O primeiro grande evento do estado sem limitações será o tradicional rodeio de Jaguariúna, em novembro e dezembro, na cidade do interior paulista. A expectativa é de um público de 30 000 pessoas por dia. Os responsáveis pelo estádio do Palmeiras, o Allianz Parque, que em 2017 foi o espaço com maior concentração de megashows do mundo, preveem superar todos os recordes em 2022. O local tem 48 datas de shows reservadas. Também voltaram à cena na metrópole os musicais e a etapa brasileira da Fórmula 1, prevista para novembro, em Interlagos. Na festa da retomada, há espaço ainda para o retorno dos Carnavais. No Rio de Janeiro, o prefeito Eduardo Paes garantiu a folia do próximo ano e o Rock in Rio, um dos festivais de música mais conhecidos do Brasil e que recebe cerca de 100 000 pessoas por dia, vai acontecer, com shows já confirmados de Demi Lovato, Justin Bieber, Iron Maiden, Dua Lipa, Ivete Sangalo, entre outros. Luiz Calainho, sócio de casas de shows como Blue Note e do Teatro Riachuelo, está otimista. Em 1º de outubro, depois de mais de um ano fechados, ele reabriu os negócios. “Tenho convicção de que, quando retornar, a curva de crescimento será ascendente sempre”, afirma. Em geral, o exigido para a entrada em eventos públicos é o passaporte de vacinação, documento fornecido depois da vacinação com

EVENTOS

+ Projeção de terminar 2021 com **50% dos serviços** operando
+ Retomada de **100%** da programação em 2022 com a realização de **440 000** eventos
+ O São Paulo Expo, espaço de 100 000 metros quadrados para feiras e exposições, tem **70% do calendário** reservado para 2022
+ **Boat Show 2021,** em São Paulo, e **Bienal do Livro,** no Rio de Janeiro, acontecem em novembro e dezembro, respectivamente

ECONOMIA CRIATIVA

+ Criação de **590 000 postos de trabalho** no segundo trimestre de 2021, **9%** a mais em relação ao mesmo período de 2020
+ O total de empregados chegou a **6,8 milhões,** bem perto dos **6,9 milhões** contabilizados antes da pandemia
+ Tecnologia da informação foi o setor que mais cresceu, com a abertura de **232 000 postos**
+ Na área de moda foram criados **198 000 postos.** Na de arquitetura, **43 000**

Fontes: Associação Brasileira de Bares e Restaurantes; Associação Brasileira das Operadoras de Turismo; Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo; Airbnb; Associação Brasileira de Shopping Centers; Associação Brasileira dos Promotores de Eventos; Itaú Cultural; GL Events

ROBERTO RICCIUTI/REDFERNS

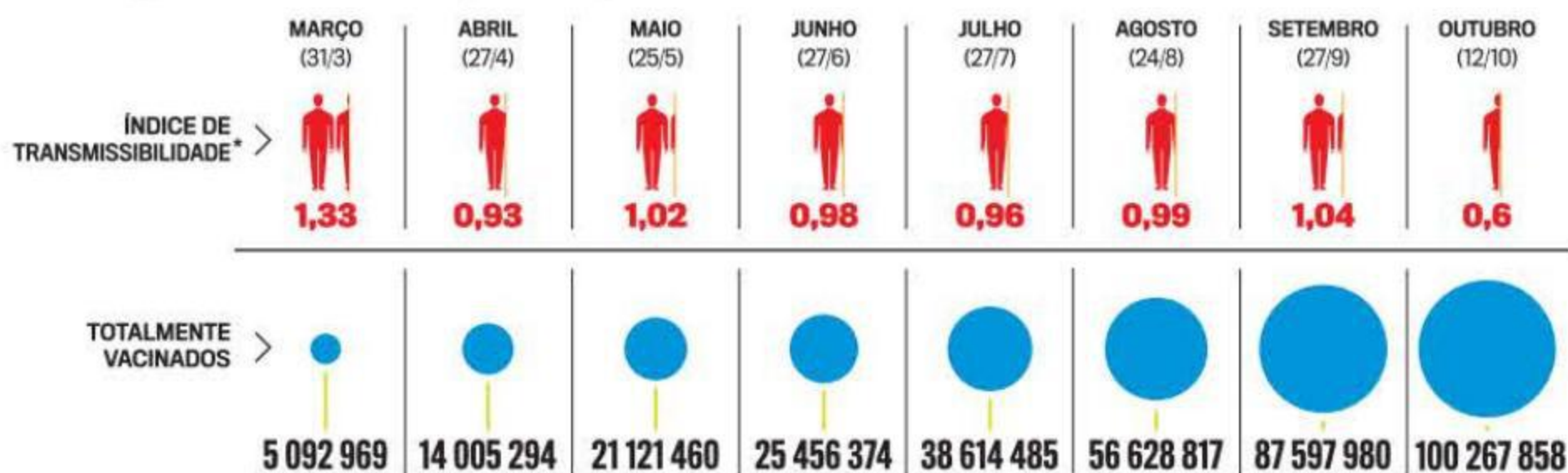
PERCALÇO Genesis no Reino Unido: a turnê foi adiada porque quatro músicos da banda foram contaminados

duas doses ou dose única, no caso da vacina da Janssen. E uso de máscaras (ao menos, por enquanto).

Nas escolas, depois do longo inverno provocado pela Covid, vê-se hoje a volta do ensino 100% presencial, que começa de forma obrigatória em todo o estado de São Paulo na próxima segunda-feira. "Observamos a vontade muito forte da maioria das famílias, que gostariam que os filhos retornassem ao convívio pelos impactos que a situação estava causando na vida de crianças e jovens", conta Eduardo Flauzino, diretor-geral dos colégios do Grupo SAEA — Sociedade Agostiniana de Educação e Assistência (colégio Agostiniano Mendel, um dos mais tradicionais de São Paulo). Na Universidade de São Paulo, as aulas presenciais foram retomadas na semana passada, depois de a universidade investir 150 milhões de reais em reformas para atender às exigências dos protocolos sanitários. O retorno prioriza alunos de cursos que exigem trabalho de campo ou em laboratório. Na avaliação do reitor, Vahan Agopyan, não era mais possível manter os estudantes fora do campus, sob pena de ocorrer grande prejuízo ao aprendizado.

Vale lembrar sempre: tudo isso não seria possível sem o avanço con-

EVOLUÇÃO ESTÁVEL

O avanço da vacinação mantém constante o nível de transmissibilidade do vírus

*Aponta o total de pessoas que cada grupo de 100 contaminados irá infectar. Há margem de erro de 3 pontos para cima ou para baixo

Fontes: *Imperial College London e Ministério da Saúde*

FIONA GOODALL/GETTY IMAGES

NOVA REALIDADE Nova Zelândia: o país desistiu de plano Covid-19 zero depois de registros de casos em *lockdown*

sistente da vacinação — hoje, 47% dos adultos brasileiros estão totalmente imunizados — e a queda do índice de transmissibilidade do vírus no país. Na terça-feira 12, a taxa chegou ao menor patamar desde o primeiro caso por aqui: 0,60. Em abril de 2020, ele havia batido em 2,81. Depois da catástrofe provocada pelos picos da doença, especialistas renomados chegaram a projetar que poderíamos alcançar o patamar de 5 000 mortes diárias. Ainda bem que essas previsões mais trágicas não se concretizaram, mas é um engano relaxar totalmente as medidas protetivas acreditando que a pandemia está totalmente sob controle. Não está, como mostra a média ainda alta de 300 óbitos por dia registrados hoje no Brasil. "O mundo já teve algumas surpresas nas iniciativas de flexibilização. Quando surgiram as variantes gama por aqui, a delta na Europa e nos Estados Unidos, quem estava abrindo teve de fechar novamente", lembra o médico Renato Kfouri, presidente da Sociedade Brasileira de Imunização. De fato, a performance entre países que iniciaram a retirada de restrições não é uniforme. Na Holanda e em Israel, os números cresceram depois da flexibilização. No Reino Unido, os casos se mantêm estáveis. Mesmo assim, há percalços. A esperada turnê de retorno da banda Genesis, por exemplo, teve de ser adiada após o primeiro show em Glasgow, em 7 de outubro, porque quatro músicos testaram positivo para Covid-19. Em muitos países, há o desafio imenso de vencer os antivacina e ampliar a taxa de imunizados para 90% da população, caso dos Estados Unidos e dos países pobres, onde o ritmo da vacinação é desolador. Em alguns, não passa de 2% o total de habitantes que receberam a primeira dose. E enquanto o mundo todo não estiver protegido, a sombra da Covid-19 permanecerá.

Aliás, a devastação provocada pela doença jamais poderá ser esquecida — até agora, foram cerca de 5 milhões de mortes no mundo, entre as quais, infelizmente, 600 000 de brasileiros. Também é um equívoco imaginar um mundo sem Sars-CoV-2. O vírus da Covid-19 veio para ficar e cabe a nós aprender a conviver com ele assim como vivemos com o *Influenza*, o vírus da gripe. Jacinda Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia, país que até agora tinha se mantido firme no controle de casos com a adoção de *lockdowns*, entendeu isso. Depois do registro de infecções mesmo com o fechamento das atividades, ela compreendeu que não há condições para a implantação de um plano Covid zero e suspendeu as restrições. Assim, a retomada impõe-se com a vacinação das pessoas e com a observação e o tratamento dos doentes. Por aqui, estamos nesse caminho. Com as devidas doses de responsabilidade para minimizar os riscos à saúde, nós brasileiros já podemos finalmente desfrutar a alegre experiência de retorno à vida. Ou como diria Riobaldo: "desinquietar". ■

Colaboraram Caíque Alencar e Felipe Cruz

ESTÁ SEM CLIMA

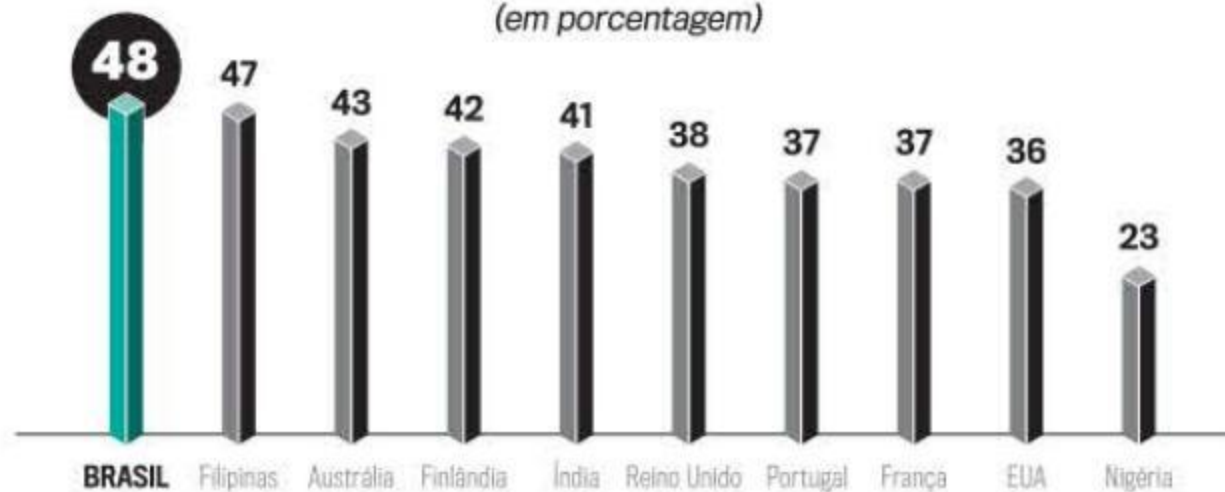
Sob efeito da "ansiedade climática" provocada pelo agravamento do aquecimento global, os jovens — brasileiros inclusive — estão optando por não ter filhos **NATHALIE HANNA**

OS RISCOS acarretados pelo aquecimento global foram, durante muito tempo, vistos pela maior parte das pessoas como um problema a ser enfrentado por seus netos, talvez bisnetos. Faltou combinar com os vilões do clima. Apressadas pela inação dos governos e pela apatia das populações, as mudanças climáticas ganharam força e se puseram a incendiar florestas, derreter geleiras, inundar cidades e cravar temperaturas inclementes com fúria devastadora. Diante desse cenário, uma nova mentalidade se impôs: para as novas e novíssimas gerações, o futuro passou a ser um ponto de interrogação. A consequência mais impactante da chamada "ansiedade climática" que acomete boa parte dos jovens no mundo todo é a pouca disposição para ter filhos, seja pela sobrecarga ambiental de colocar mais um indivíduo no planeta, seja pela insegurança sobre como e em que condições criar a criança. Essa tendência, somada ao envelhecimento populacional já evidente na Europa e previsto para se repetir em muitos países, preconiza uma chacoalhada demográfica de grandes proporções — com o Brasil possivelmente formando a linha de frente.

A projeção foi reforçada por uma pesquisa sobre ansiedade climática realizada pelas universidades Stanford, na Califórnia, e de Helsinque, na Finlândia, em conjunto com mais cinco instituições. Segundo o estudo, que ouviu 10 000 pessoas entre 16 e 25 anos em dez países, 48% dos brasileiros disseram que as mudanças climáticas afetam negativamente a intenção de ter filhos — a maior proporção da lista, bem acima da média de 39% entre as nacionalidades pesquisadas *(veja o ranking abaixo)*. "Nota-se na juventude um despreparo emocional para assumir compromissos de longo prazo, um medo de não dar conta do recado", observa Tatiana Carvalho, professora de psicologia da PUC-Rio.

ALTA ANSIEDADE

Em pesquisa em dez países, os jovens brasileiros são os que mais têm receio de ter filhos por causa das mudanças climáticas

(em porcentagem)

Fontes: *Universidades Stanford e de Helsinque*

ALEXI ROSENFELD/GETTY IMAGES

VIDA A DOIS
Casais em parque de Nova York: as novas gerações têm receio de se tornar pais

O MEDO DO AMANHÃ

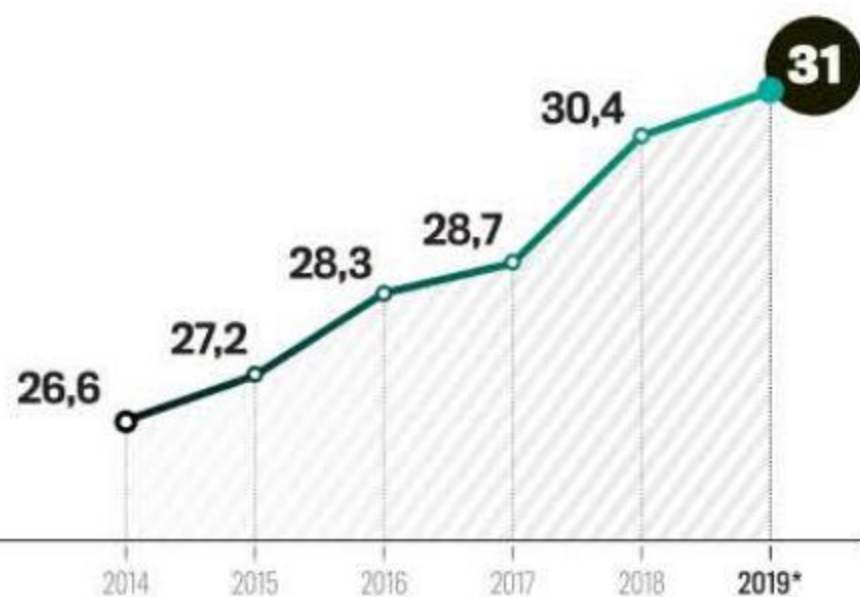
O casal Anderson Resende, 21 anos, estudante de engenharia nuclear, e Thaiane Maciel, 28, engenheira ambiental, não pensa em aumentar a família porque enxerga um futuro cheio de incertezas. "Como será a vida de um filho meu neste mundo?", indaga-se Resende.

ARQUIVO PESSOAL

Uma fartura de previsões e estatísticas tem contribuído para elevar o nível de preocupação dos jovens com o futuro do planeta, sendo a mais recente delas um relatório da Organização Mundial da Saúde alertando sobre o fato de que as mudanças no clima "constituem o maior risco à saúde que a humanidade tem pela frente", pelo potencial de danos e mortes causados por ondas de calor, excesso de chuvas, desabastecimento, doenças e problemas mentais. "As mesmas escolhas insustentáveis que estão matando nosso planeta também estão matando as pessoas", afirmou o diretor da OMS, Tedros Ghebreyesus. É o tipo de advertência que abala casais como Anderson Resende, 21 anos, e Thaiane Maciel, 28, quando o assunto é ter filhos. "Não tenho segurança de que as coisas podem melhorar e seria egoísta da minha parte criar alguém em um lugar que não é bom", argumenta Resende, estudante de engenharia nuclear na UFRJ. "Quanto mais esses eventos extremos se tornam frequentes, mais preocupada eu fico", acrescenta Thaiane, engenheira ambiental. "Os fenômenos climáticos despertam uma sensação de incerteza que se espalha pelas novas gerações", confirma a psicóloga clínica Fernanda Esteca, especialista em casais e famílias.

O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão ligado à ONU, mostra que os fenômenos climáticos extremos vão avançar, com temperaturas mais altas e secas intensas e prolongadas. "A atmosfera muda em uma

DOIS É BOM

Cresce a cada ano o número de casais sem filhos no Brasil (em milhões)

*Último número disponível

Fonte: *IBGE*

ARQUIVO PESSOAL

PREOCUPAÇÃO CONSTANTE

Estudantes de cinema na Califórnia, os brasileiros Raphael Thomé, 23 anos, e Maria Luiza Pizzatto, 24, são veganos, cuidam do meio ambiente e pensam, no máximo, em adotar uma criança algum dia. "Ver de perto o impacto das mudanças climáticas é um tormento diário", diz Maria Luiza.

velocidade mais rápida que há duas décadas, sinal de que temos de agir rapidamente", afirma o climatologista Carlos Nobre. Alguns dos impactos sobre o clima levarão séculos para ser totalmente revertidos, como a elevação do nível do mar e a maior acidez das águas. O choque pode ser ainda mais sentido nos países tropicais, como o Brasil, onde as temperaturas já são bastante altas. O Acordo de Paris, um compromisso mundial para conter as alterações climáticas firmado em 2015 por quase 200 países, pretende impedir um aumento de 2 graus na temperatura global, mas o mundo caminha para ultrapassar a barreira de 1,5 grau uma década antes do previsto.

Na mesma linha de desastres anunciados, o consumo de recursos da natureza é 74% maior do que ela é capaz de recuperar, o que significaria que seria preciso 1,7 planeta Terra para manter o estilo de vida atual, ou três Terras até 2050, de acordo com a projeção do Banco Mundial. Outro estudo, conduzido em 2017 por pesquisadores da Universidade de Lund, na Suécia, dá o clima, com o perdão do trocadilho, das aflições modernas: ele concluiu que uma criança a menos no planeta contribui para reduzir o nível médio de dióxido de carbono na atmosfera em 58,6 toneladas por ano, muitíssimo mais do que as outras três opções analisadas: viver sem carro (menos 2,4 toneladas), evitar viagens aéreas (menos 1,6 tonelada) e adotar uma dieta vegetariana (menos 0,8 tonelada). Namorados há quatro anos, Maria Luiza Pizzatto, 24 anos, e Raphael Thomé, 23, ambos estudantes de cinema na Califórnia, levam fatores como esses em conta na vida sustentável a dois que pretendem levar. "Tentamos fazer nossa parte. Nós nos tornamos veganos e não queremos ter filhos, pois sabemos que isso aumentaria a pegada de carbono e contribuiria para o colapso mundial", diz Maria Luiza. "Se em algum momento quisermos ser pais, pretendemos adotar. Assim estaremos ajudando não só o planeta como também a criança", completa Thomé.

Ao preferir não ter filhos, as novas gerações agravam as consequências da queda persistente nas taxas de natalidade que o Brasil vem registrando. O saldo de nascimentos no país acusou uma diminuição de 6% entre 2016 e 2020, de acordo com a Arpen Brasil. O número de casais com crianças, por sua vez, reduziu-se em 2,6% de 2014 para 2019, último dado disponível nas estatísticas do IBGE. No mesmo período, os casais sem filhos se tornaram bem mais comuns, com uma subida de 16,5% no período *(veja o gráfico na pág. ao lado)*. "Uma das características destes tempos é a grande variedade de modelos de família, o que é bom, visto que um dos imperativos das próximas décadas será desenvolver novos parentescos com pessoas que não são consanguíneas", antecipa o professor de ciências sociais Matthew Schneider-Mayerson, da Universidade Yale-NUS, em Singapura. Pelo jeito, não são só os fenômenos climáticos que seguem em ritmo acelerado. Na esteira das mudanças trazidas por eles, o fim da sociedade tal qual a conhecemos também parece estar cada vez mais perto. ■

INSTAGRAM @PAMELLAHOLANDA

"EU ME ARREPENDI DE NÃO DENUNCIÁ-LO ANTES"

Pâmella Holanda, de 27 anos, foi agredida pelo ex-marido, o DJ Ivis, enquanto amamentava a filha do casal

DENUNCIAR as diversas agressões que sofri nas mãos do meu ex-marido Iverson de Souza Araújo, o DJ Ivis, foi a última gota de amor-próprio que me restava. Ele era uma pessoa explosiva, grosseira, bruta e violenta. Meu sentimento é de vergonha por mim e pela minha mãe, que presenciou algumas dessas violências. Uma delas foi registrada pelas câmeras de segurança que ele próprio instalou em casa. Era para filmar as babás cuidando da nossa filha, Mel, quando estivéssemos fora. No vídeo que eu entreguei à polícia, e que depois viralizou, ele puxa meu cabelo e me bate enquanto eu amamento nossa filha de apenas 2 meses (hoje, ela tem 1 ano). Na época, eu ainda estava no puerpério e contraí Covid-19. Ele não queria que eu amamentasse, mesmo com os médicos dizendo que eu não deveria parar.

Conheci meu ex-marido em 2018, pelo Instagram. Em 2019, começamos a namorar e, em janeiro de 2020, engravidei. Logo fomos morar juntos. No ano passado, quando suas músicas ficaram entre as mais tocadas, ele ganhou fama muito rápido. Mas nunca soube lidar com o sucesso, não estava preparado para isso. Desde o início, já demonstrava sinais de agressividade. Aos poucos, a violência comigo foi ficando banalizada. Eu achava que, com o nascimento da nossa neném, tudo iria melhorar. A mulher sempre acha que vai ter uma mudança no relacionamento e no temperamento do agressor. Mas isso nunca aconteceu.

Sair de um relacionamento assim é muito difícil. Eu era dependente dele financeira e emocionalmente. Era muito submissa. Só saía de casa se fosse com ele. Só fazia as coisas se ele me permitisse. Sem perceber, me coloquei em uma situação vulnerável. Eu nunca tinha morado com ninguém, e fomos viver juntos no meio da pandemia.

Quando, depois de mais uma agressão, eu finalmente criei coragem para denunciá-lo, pedi a ele que não voltasse para casa e entrei com uma medida restritiva na Justiça, com base na Lei Maria da Penha. Percebi que, se não fizesse isso, algo pior poderia acontecer comigo. O final de um relacionamento abusivo quase sempre é a morte. Só me arrependi de não tê-lo denunciado antes. Dias depois, na véspera de ele ser preso, eu mesma tive de sair da casa, porque meu ex tinha parado de pagar as prestações e a construtora pediu o imóvel de volta. Para piorar, recebi inúmeras ameaças nas redes sociais dos fãs dele. Eu e minha mãe ficamos com muito medo. Diziam que iriam nos matar e ameaçaram até minha filha. Fiquei escondida por mais de um mês. Até hoje tem alguns conhecidos meus aqui em Fortaleza, no Ceará, que não sabem onde eu estou morando. Se não fossem os vídeos, acho que ninguém acreditaria na minha história. Espero que ele fique preso ainda por bastante tempo.

Logo após tudo isso, eu quis me afastar das redes sociais, pois elas são um ambiente muito tóxico. Mas sou uma influenciadora digital e esse é meu trabalho, de onde vem minha renda. Percebi que tenho um papel social e posso usar essas plataformas para encorajar outras mulheres a também denunciar casos semelhantes. Quem vive um relacionamento abusivo é anulado o tempo inteiro, mas eu sou um indivíduo. Eu trabalho, eu estudo, eu sou mãe. Existem milhões de possibilidades para a minha vida. Não quero carregar a bandeira da mulher agredida. Toda mulher sai desacreditada e com a fé abalada quando isso acontece. É um peso muito grande. Isso foi algo ruim que aconteceu comigo, mas ficou no passado. Quero olhar para o futuro e superar tudo. Sonho em ser arquiteta e, no próximo semestre, vou voltar para a faculdade, que tranquei por causa do casamento. Acredito que o pior já passou. ■

Depoimento dado a Felipe Branco Cruz

PAÍSES (MAIS) BAIXOS

A Holanda segue tendo as pessoas mais altas do planeta, mas recente estudo apontou o encolhimento da população — o suficiente para intrigar pesquisadores **LUIZ FELIPE CASTRO**

A HOLANDA é um país admirado pela beleza de suas tulipas, pela genialidade de artistas como Van Gogh e Rembrandt, por craques do futebol como Johan Cruyff, por seus deliciosos queijos gouda, pelos inconfundíveis moinhos de vento e até como referência em inovação e mobilidade urbana. Por ironia, os Países Baixos, como são chamados por razões geográficas (se localizam parcialmente abaixo do nível do mar), também são conhecidos como uma terra de gigantes. Há mais de meio século, o povo holandês é apontado por estudos científicos como o mais alto do planeta. Uma recente pesquisa, no entanto, causou certa preocupação pelos lados de Amsterdã: os holandeses seguem no topo do ranking de estatura, mas estão encolhendo.

MICHAEL LOCCISANO/GETTY IMAGES

NA FILA Crianças separadas por estatura nos EUA: americanos estão menores

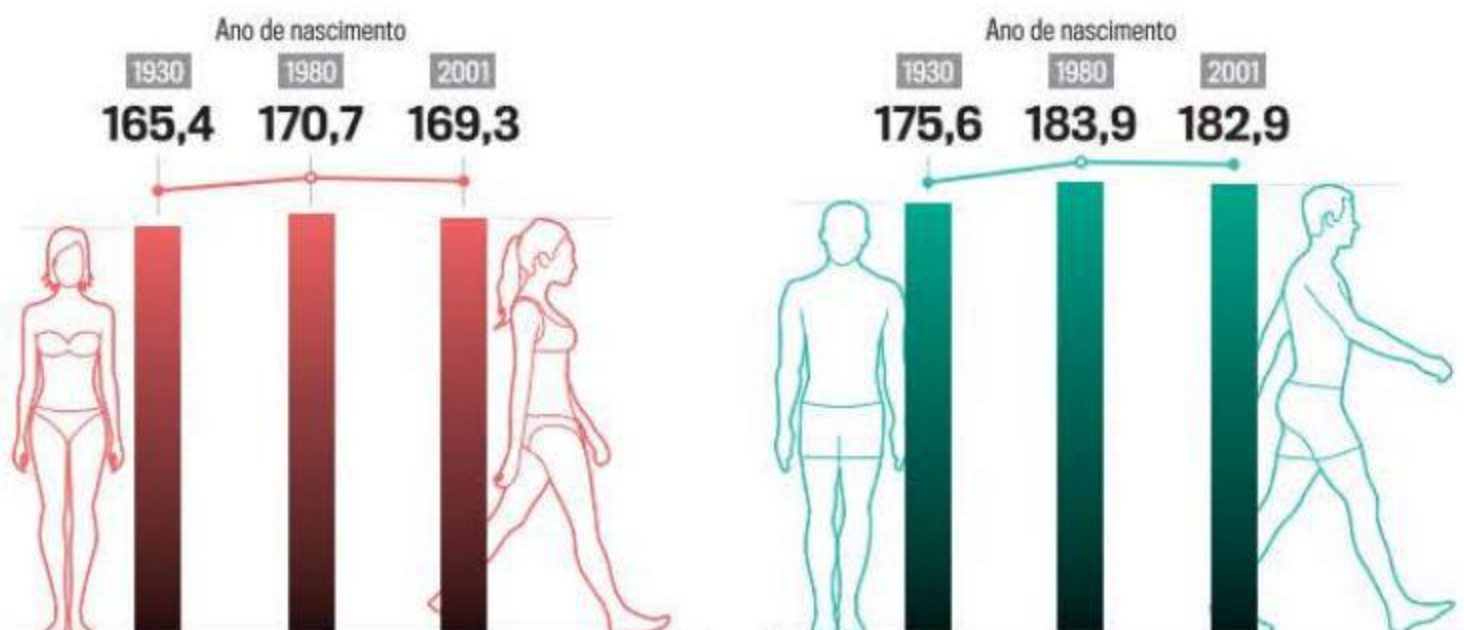
O Escritório Central de Estatísticas dos Países Baixos (CBS, na sigla local) analisou os dados de 719 000 pessoas de 19 a 60 anos nascidas na Holanda e mostrou que, na média, os jovens de hoje são pelo menos 1 centímetro mais baixos que os de quatro décadas atrás *(confira a tabela abaixo)*. Freou-se, portanto, uma trajetória notável. Até o início do século XX, os holandeses eram considerados baixos para os padrões europeus, enquanto noruegueses e suecos faziam jus às lendas nórdicas sobre gigantes vikings. No entanto, o investimento em bem-estar social e saúde pública, aliado a fatores genéticos e programas que difundiram a alimentação saudável, fez a população espichar. Hoje em dia, um a cada cinco holandeses jovens ultrapassa 1,90 metro de altura e apenas 12% têm menos de 1,75 metro, o que os coloca no topo do mundo. Entre as mulheres, uma a cada dez está acima de 1,80 metro. O país tem até um clu-

ROBIN UTRECHT/EPA/EFE

DE BOM TAMANHO?

Pela primeira vez em décadas, eles ficaram menores

(altura média, em centímetros)

Fonte: *CBS (2021)*

CLUBE DE GIGANTES Nas alturas: em evento, holandeses tentam quebrar recorde de maior reunião de pessoas altas

be exclusivo para grandalhões, o Lange Mensen, fundado em 1958.

O resultado negativo de 2021, portanto, causou enorme surpresa e imediata corrida por explicações. A principal delas diz respeito ao aumento da imigração de grupos não ocidentais e geneticamente mais baixos, como árabes e asiáticos. A tese, no entanto, é contestada pelo fato de ter havido estagnação ou leve redução de tamanho entre holandeses sem histórico de miscigenação. Em entrevista a VEJA, Gert Stulp, professor de ciências do comportamento e sociais da Universidade de Groningen e um dos responsáveis pelo levantamento, cita outras hipóteses. "Um fator provável são os maus hábitos alimentares, como a popularização de fast foods", diz Stulp, reforçando que, assim como nos Estados Unidos, onde também houve queda recente na altura dos jovens, na Holanda há taxas crescentes de obesidade. "A desigualdade social, estimulada pela crise financeira de 2008, é outro potencial motivo, embora ainda especulativo."

Não é mistério que a redução da miséria e a melhora nos serviços de saúde impactam no tamanho dos povos. É por isso que países emergentes têm os maiores índices recentes de crescimento, de acordo com levantamento feito pela universidade britânica Imperial College, do qual o Brasil foi um dos destaques. A estatura média dos jovens brasileiros de 19 anos está em 1,75 metro para homens e 1,62 metro para mulheres, com um salto de cerca de 4 centímetros para cada grupo em um espaço de 35 anos. O líder de crescimento no período foi a China: 8 centímetros.

Para Daniel Magnoni, cardiologista e nutrólogo do Hospital do Coração e do Instituto Dante Pazzanese, o resultado era esperado. "Inegavelmente, o Brasil teve uma melhora no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), na realização de exames pré-natais e em programas de vacinação e cuidados com a alimentação infantil", ressalta. Ele também aponta a redução da ocorrência de doenças, infecções e verminoses como um fator relevante. Ainda na esteira socioeconômica, as nações mais pobres do sul e sudeste da Ásia, da América Latina e da África Oriental têm, não por acaso, a população mais mirrada. Em países como Timor Leste e Laos os homens beiram 1,60 metro. "Genética, boa alimentação e assistência sanitária são a chave", aponta Magnoni. No Brasil, ainda temos muito a crescer. ■

SAÚDE DE FERRO

Depois de entrar no ramo de farmácias, a Amazon pretende lançar seu próprio serviço de telemedicina. Movimento expõe poder de fogo das empresas de tecnologia **SABRINA BRITO**

AS CIRURGIAS realizadas no hospital Houston Methodist, no Texas, Estados Unidos, passaram a contar recentemente com os ouvidos atentos de um sistema de ativação por voz semelhante ao que equipa a Alexa, da Amazon. Também desenvolvido pela empresa de Jeff Bezos, o dispositivo registra as etapas vitais do procedimento, permitindo ao médico confirmar verbalmente as ações realizadas, como a aplicação de anestesia ou uma incisão específica. No final da operação, o sistema produz um relatório eletrônico sobre o trabalho executado pelo corpo clínico e o comportamento do paciente. Erros são notificados para eventuais correções de rota. Nos consultórios, a mesma tecnologia escuta — e grava — as trocas de informações. "Em vez de digitar a anamnese no teclado do computador, eu me concentro no que a pessoa do outro lado da mesa tem a dizer", relatou um médico que participa do experimento.

As iniciativas descritas acima correspondem a apenas uma parte do novo e ambicioso plano da Amazon: ser uma das maiores, senão a maior, empresas de saúde do Estados Unidos. No fim do ano passado, o gigante já havia lançado o serviço de farmácia on-line para a entrega de medicamentos em território americano. A operação logística eficaz, que a permite chegar rapidamente a qualquer lugar, e sua escala monumental, o que faz com que seus preços sejam mais baixos, deverão em breve tornar a Amazon líder na venda de remédios, superando inclusive redes de farmácias tradicionais. A empresa, portanto, vale-se de sua infraestrutura formada por um império de depósitos e milhares de motoristas de entrega para repetir, no setor farmacêutico, o que faz no delivery de eletrônicos.

Agora, o foco da companhia está voltado para a área mais reluzente da saúde: a telemedicina. A expectativa é que, entre o fim de 2021 e o início de 2022, grandes centros urbanos possam contar com o serviço, cujo modelo operacional é mantido a sete chaves pela companhia. Segundo a imprensa americana, a empresa estuda também a abertura de clínicas para atendimentos de urgência e exames laboratoriais. "Se a Amazon descobrir como decifrar os segredos da saúde, será melhor sair da frente", disse o analista Brent Thill, do banco de investimentos Jefferies, em entrevista ao jornal *Financial Times*. Na verdade, ela está interessada em um mercado que movimenta 4,2 trilhões de dólares por ano nos Estados Unidos e que tem gargalos a serem explorados.

O apetite da Amazon por novos negócios é o retrato de uma característica marcante do mundo corporativo neste século: a concentração de poder em um grupo pequeno de empresas. As chamadas Big Techs — designação que inclui, além da Amazon, colossos como Apple, Facebook, Google, Microsoft e Netflix — desfrutam um poder de fogo provavelmente só comparável aos monopólios da era dos barões do petróleo. O tamanho extraordinário dessas empresas pode ser compreendido a partir de simples comparações. O valor de mercado da Amazon, estimado em cerca de 1,6 trilhão de dólares, supera o tamanho da economia brasileira.

BIG DEMAIS?

Os números e as divisões de negócios da empresa

Valor de mercado

1,6 trilhão de dólares – é mais do que o PIB do Brasil

Número de funcionários

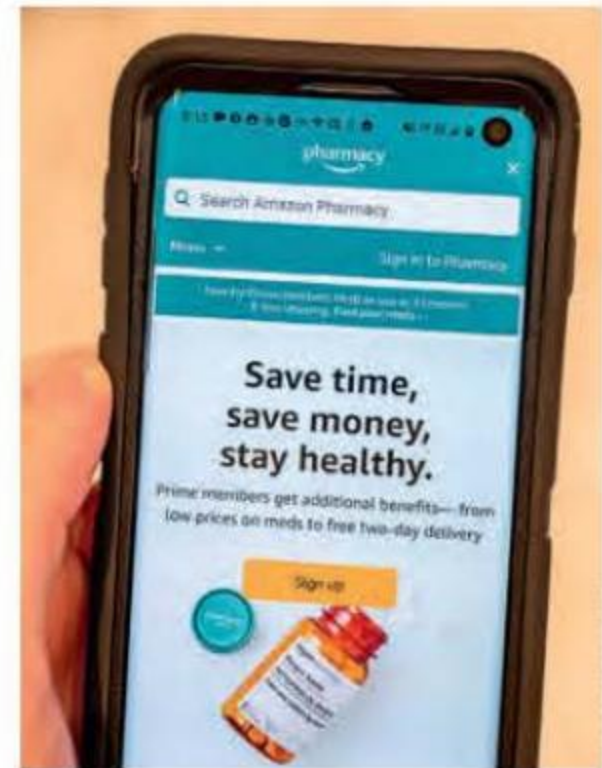
1,3 milhão – é quase a população inteira de Porto Alegre

Principais áreas de atuação

Comércio eletrônico, plataforma de streaming, estúdios de cinema e televisão, editora de livros, loja de departamentos, fabricação de dispositivos tecnológicos, computação em nuvem, rede de farmácias e, agora, serviço de telemedicina

ISTOCK/GETTY IMAGES

WANG HE/GETTY IMAGES

NA CHINA Alibaba: o gigante criou inteligência artificial que faz diagnósticos

GADO/GETTY IMAGES

EM ALTA Médico remoto e app: mercado de 4,2 trilhões de dólares

Como as Big Techs ficaram tão grandes? Elas são resultado da ascensão da tecnologia, que passou a permear praticamente todas as atividades humanas. Com o tamanho, vem o poder. Uma simples mudança no algoritmo de buscas do Google influencia decisões de compras de consumidores. Uma pane nos sistemas do Facebook paralisa atividades econômicas em diversas partes do mundo, exatamente como se viu há duas semanas. Os preços praticados no marketplace da Amazon regulam o mercado e dão pouca margem de manobra para os rivais. Ser gigante, porém, não significa ser infalível. Não há Big Tech que não tenha errado em algum momento de sua trajetória. Lançado em 2019, o Google Glass foi um fiasco monumental. A Amazon tentou ingressar no mercado de smartphones, mas não conseguiu. Como será agora na área da saúde? É impossível saber com certeza. Na China, o Alibaba tem vários braços no ramo médico, e todos são bem-sucedidos, especialmente o diagnóstico de doenças feito por uma inteligência artificial. A Amazon quer seguir o mesmo caminho. Como se vê, saúde financeira para isso não falta. ■

JOSE ROMERO/BLUE ORIGIN/AFP

A MAIOR JORNADA

William Shatner, ator que interpretou o capitão Kirk na série *Star Trek*, enfim entra em órbita e prova que o turismo espacial é uma possibilidade cada vez mais real **SABRINA BRITO**

"EU ESPERO nunca me recuperar disso. É algo muito maior do que eu e a vida, a mais importante e profunda experiência que já tive." Foi assim, em êxtase, que o ator William Shatner descreveu o que sentiu durante os breves onze minutos do voo a bordo da nave New Shepard, que o levou na semana passada para um passeio no espaço, de onde contemplou a imensidão azul da Terra. A emocionante declaração não partiu de um viajante qualquer. Shatner tem 90 anos — é agora a pessoa mais velha a entrar em órbita — e foi uma das estrelas da série de televisão *Star Trek* (conhecida no Brasil como *Jornada nas Estrelas)*, interpretando o astuto capitão James Kirk. Supõe-se, portanto, que não faltaram experiências fantásticas na longa e produtiva vida de Shatner. Mesmo assim, nenhuma delas, como ele mesmo destacou, se compara ao que viveu nos últimos dias.

A viagem de Shatner foi uma jogada de mestre do empresário Jeff Bezos, fundador da Amazon e da Blue Origin, a empresa que está cumprindo a promessa de levar pessoas comuns para o espaço. Desde o nascimento da companhia astronáutica, no ano 2000, Bezos havia assegurado que não demoraria para o turismo espacial virar realidade. Muitos duvidaram, mas ele estava certo. Na verdade, foram necessárias apenas duas décadas para o projeto ser levado adiante — quase nada em face de sua complexidade. O primeiro voo suborbital da Blue Origin com tripulantes foi realizado em 20 de julho, data que também marca o aniversário da chegada do homem à Lua. Bezos era um dos passageiros da nave.

Se estivessem vivos, como reagiriam o soviético Iuri Gagarin (1934-1968) e o americano Neil Armstrong (1930-2012), protagonistas da corrida espacial no auge da Guerra Fria, ao saber que um famoso ator nascido na mesma época que eles também contemplaria a Terra de cima, sem jamais ter se preparado para isso, apenas por diversão e uma certa dose de marketing? Nunca saberemos a resposta, mas o fato é que as viagens espaciais entraram em uma nova era, impulsionada pela iniciativa privada.

É inegável o potencial financeiro de programas turísticos como esses. Bezos não revela valores, mas estima-se que a Blue Origin cobrará 250 000 dólares para o passeio orbital de dez minutos. Empresários e profissionais bem-sucedidos, portanto, não teriam dificuldade para com-

PARAMOUNT TELEVISION

REALIDADE E FICÇÃO Shatner *(à esq., de boné)* e na pele do capitão Kirk *(de marrom)*: a maior experiência da vida

ROSCOSMOS/EPA/EFE

NAS ALTURAS A atriz russa Yulia Peresild: a caminho da Estação Espacial

NÃO É TÃO DIFÍCIL ASSIM

Quanto custa e o que é preciso fazer para entrar em órbita com a Blue Origin

PREÇO DA VIAGEM

250 000 dólares

PERFIL FÍSICO

O astronauta deve medir entre **1,52 e 1,93 metro de altura** e pesar entre **50 e 101 quilos**

REQUISITOS

Ser capaz de subir sete lances de escada em menos de noventa segundos (o equivalente a cerca de oitenta degraus) e colocar e tirar o cinto de segurança em quinze segundos, entre outros

PREPARAÇÃO

14 horas de treinamento, incluindo resposta a incêndios e entrada e saída da nave em momentos de emergência

prar os bilhetes. "Trocamos uma corrida espacial bipolar nos anos 1960 por iniciativas comerciais que não dependem de dinheiro público", diz Rodrigo Nemmen, professor de astrofísica da Universidade de São Paulo.

O espaço, de fato, tem se tornado uma nova fronteira financeira. Elon Musk, dono da Tesla, garante que a sua SpaceX levará civis para Marte em um futuro não muito distante — e certamente cobrará caro por isso. Richard Branson, fundador do Grupo Virgin, criou um braço astronáutico, a Virgin Galactic, que pretende transportar turistas para a Estação Espacial Internacional, acirrando a corrida que, ao menos por ora, vem sendo liderada pela Blue Origin, de Bezos.

A indústria do cinema quer aproveitar a onda e, por ironia, parece disposta a resgatar os velhos embates da Guerra Fria. No último dia 5, a atriz Yulia Peresild e o diretor Klim Shipenko, ambos russos, chegaram à Estação Espacial Internacional para rodar o primeiro filme a ser produzido no espaço. A missão resultará no longa-metragem *The Challenge* (O Desafio, em português), em que Yulia interpretará uma médica cuja presença foi solicitada na Estação para salvar a vida de um cosmonauta. Shipenko afirma sonhar com a realização de uma sequência do longa, desta vez filmado em Marte. Shatner e o capitão Kirk poderiam participar do projeto. Spock, outro inesquecível personagem de *Star Trek*, ficaria orgulhoso. ■

BRAUNS/GETTY IMAGES

CURTO E EFICAZ Picos e descanso: alternar períodos curtíssimos de corrida com caminhada é uma das opções

TEMPO NÃO É MAIS DESCULPA

O *snack fitness*, novo modelo de treino físico, melhora a saúde e o condicionamento a partir de vinte segundos de exercícios intensos. Dois novos estudos mostram sua eficácia **CILENE PEREIRA**

DEPOIS DE ANOS vivendo sob a máxima de que os primeiros benefícios do exercício físico para o organismo só viriam após vinte minutos de atividade, a ciência apresenta um novo conjunto de informações mostrando que não precisa de tanto tempo assim. Na verdade, vinte segundos de movimentação intensa três vezes por dia já é o suficiente para melhorar o condicionamento físico e a saúde cardiovascular. É o que os estudiosos estão chamando de *snack fitness*, expressão em inglês que, em português, pode ser entendida como treino curto que pode ser repetido. Como um petisco saboreado aos poucos. A modalidade é uma evolução do HIIT *(high intensity interval training*, em inglês), sistema que intercala exercícios de alta intensidade com períodos de descanso. Ele começou a fazer sucesso nos anos 2010, por combinar redução de tempo — um circuito completo pode ser executado em vinte minutos — com resultados evidentes.

Aos poucos, porém, percebeu-se que o tempo total gasto não era assim tão menor do que o usado em um treino convencional, de sessenta minutos. Entre trocar de roupa, subir na esteira ergométrica ou na bicicleta, completar o aquecimento e, ao final, esperar o corpo voltar ao ritmo normal, lá se vai pelo menos meia hora. Evidentemente, gastar trinta, quarenta minutos no total, com os mesmos benefícios de uma hora, é vantajoso. Mas, para as pessoas resistentes aos exercícios, esse tempo ainda é insuficiente para motivar a sair da inércia.

Embora existam muitos atletas, um pedaço considerável da humanidade prefere gastar seu tempo com qualquer outra coisa que não sejam abdominais,

VOCÊ TEM UNS MINUTOS?

As sugestões abaixo devem ser repetidas três vezes por semana

20 SEGUNDOS

Subir três lances de escada vigorosamente, pisando degrau por degrau. **Repetir três vezes por dia,** com intervalo de uma a quatro horas

5 MINUTOS

30 segundos de agachamento livre
30 segundos de abdominal reto
30 segundos de flexão de braços
30 segundos de polichinelo
30 segundos de intervalo
Repetir duas vezes

11 MINUTOS

60 segundos de polichinelo para aquecer
60 segundos de barra, mas sem flexão de braços
60 segundos de descanso andando sem sair do lugar
60 segundos de elevação de joelhos correndo no mesmo lugar
60 segundos de descanso andando no mesmo lugar
60 segundos de agachamento + salto
60 segundos de descanso andando sem sair do lugar
60 segundos de elevação de joelhos correndo no mesmo lugar
60 segundos de descanso andando no mesmo lugar
60 segundos de polichinelo
60 segundos andando para esfriar

15 MINUTOS

3 minutos em velocidade baixa na bicicleta para aquecer
30 segundos de subida de velocidade e carga
60 segundos de velocidade e cargas baixas
6 repetições da etapa intercalada
3 minutos em velocidade baixa para esfriar

Fontes: *educador físico Emerson Shigueaki Horii; Universidade McMaster, Canadá;*

flexões ou corridas. Por isso, dois centros de pesquisa resolveram investigar qual o mínimo de tempo necessário para obter os benefícios dos exercícios e, dessa maneira, tirar mais gente do sedentarismo. A pergunta não tinha resposta desde que a Organização Mundial da Saúde deixou a informação em branco quando atualizou as diretrizes para o assunto, em 2018.

Dois estudos, porém, trouxeram importantes — e muito positivas — novidades. O primeiro foi liderado por Martin Gibala, professor de cinesiologia da Universidade McMaster, no Canadá. Gibala estuda a relação entre tempo, intensidade e o impacto dos exercícios no corpo há cerca de vinte anos. Desta vez, ele resolveu testar em 24 adultos sedentários a eficácia do *snack fitness* com o seguinte treino: vinte segundos pedalando em intensidade máxima, intercalados com descanso entre uma a quatro horas, três vezes por dia, três vezes por semana. Como comparação, metade dos participantes executou outro modelo, quase igual, à exceção dos intervalos: eles tiveram dez minutos para cumprir os três ciclos de vinte segundos na bicicleta. Os resultados foram parecidos. No primeiro, a melhora no funcionamento do sistema cardiovascular foi de 9%. No segundo, 13%. "O mais importante é termos mostrado que cada movimento conta. Os ganhos para o organismo começam assim que o indivíduo inicia os exercícios", disse a VEJA Martin Gibala.

O segundo estudo também reforçou a certeza de que o esforço, por mais breve que seja, ajuda o organismo. Na Universidade do Texas, nos Estados Unidos, os pesquisadores colocaram jovens adultos para pedalar em alta intensidade durante quatro segundos, seguidos por intervalos de quinze a trinta segundos. Cada ciclo foi repetido trinta vezes, somando dez minutos de trabalho físico. No final, todos apresentaram ótimo desempenho da atividade aeróbica. "A performance atlética e as condições cardiovasculares apresentaram boa evolução", afirma Remzi Satiroglu, autor principal do trabalho.

A expectativa de Remzi e Gidala é que as evidências trazidas pelos seus trabalhos ajudem a tirar muita gente do sofá. Um dado é certo: não há dúvida de que essas pesquisas derrubam os argumentos de quem procura justificativa para não se mexer. Pelo menos daqueles que se dizem ocupados demais, sem tempo para ir a uma academia ou comprar roupa de ginástica. "A beleza do *snack fitness* é esta. Você pode praticá-lo em qualquer lugar, andando por dois minutos ou subindo três lances de escada de forma vigorosa, por exemplo", diz Scott Lear, da Universidade British Columbia, parceiro de Gidala. "E nem precisa trocar de roupa porque não vai suar." De fato, só precisa mesmo é de vontade e, como afirmam os cientistas, da convicção de que alguns minutos de sacrifício podem fazer uma grande diferença. ■

TRAMA DELICADA

Museu belga celebra o requinte e o encanto da renda, um raro artigo produzido por mulheres que virou febre na Idade Média e sobrevive até hoje como símbolo de luxo **DUDA GOMES**

FINÍSSIMA expressão de arte, leveza e habilidade manual, a renda entrou no cotidiano dos europeus, e dele para o mundo, pela porta da sofisticação e do luxo. Confeccionada inicialmente por freiras para arrematar as vestimentas dos clérigos com bordas elaboradas em fios de linho entremeados de ouro e prata, a trama de pontos requintados alternados com espaços vazios conquistou a aristocracia, tornou-se parte obrigatória das roupas e acessórios de homens e mulheres nas famílias ricas e, entre os séculos XVI e XVIII, um importante artigo de exportação de Itália, França e Bélgica, principalmente. Neste último país, a produção explodiu quando o rei Carlos V, do Sacro Império Romano-Germânico, ordenou que todos os conventos e escolas de meninas passassem a ensinar a arte de fazer renda.

Muitas cidades se especializaram em desenhos e pontos específicos e tiveram seus nomes atrelados a padrões que se tornariam famosos, como a renda de Bruxelas e a mechlin, originária de Mechelen. Já em Antuérpia, vibrante entreposto comercial sustentado pelo movimento de navios em seu porto, as rendeiras se dedicaram a uma produção mais eclética e menos reconhecida, embora intensa — a certa altura do século XVII, mais de um quinto da população trabalhava no ramo e a cidade dominava o mercado exportador. Para reparar a injustiça histórica em relação ao papel das rendeiras locais, o Museu de Moda (MoMu) organizou a exposição *P.LACE.S — Um Olhar Através da Renda da Antuérpia*, com os destaques de seu vasto acervo de peças antigas. "A Antuérpia nunca teve o lugar merecido na história da renda", disse Wim Mertens, curador da exposição, a VEJA.

HULTON FINE ART/GETTY IMAGES

EM AÇÃO *Mulheres Fazendo Renda*, de Giacomo Ceruti: raro nicho feminino

A indústria rendeira nasceu — ou, pelo menos, se organizou e ganhou fama — em Veneza e de lá se espalhou pela Europa, com uma característica inusitada para a sociedade da época: era uma atividade exclusiva de mulheres, que ganhavam dinheiro com uma habilidade requisitada por nobres e plebeus ricos. Conta-se que, no Reino Unido, a rainha Elizabeth I, sempre retratada com rufos — a gola alta, engomada e plissada — de renda, não permitia que ninguém em sua corte usasse o mesmo padrão. Seu sucessor, o rei James I, apropriou-se do adorno e extrapolou — os seus empregavam até 23 metros de renda. A atividade rendeira atingiu seu apogeu na França, onde até hoje são produzidas as variedades mais caras e cobiçadas. "Para ter uma ideia, 1 centímetro quadrado da renda francesa Alençon demora até sete horas para ficar pronto", diz Vera Felippi, doutora em design e pesquisadora de rendas.

As rendas produzidas em Antuérpia eram feitas com bilro, um pequeno instrumento de madeira ou metal capaz de trançar vários fios e movimentado, em geral, sobre uma almo-

STANY DEDEREN/MUSEU DA MODA - ANTUÉRPIA

CAPRICHO Detalhe de colcha rendada: horas de trabalho

fada — cenas de mulheres nessa atividade são tema de diversas pinturas da época. Outra variedade de renda é produzida com agulha sobre um único fio de linha. Com o tempo, os desenhos geométricos simples foram dando lugar a figuras e até cenas perfeitas e delicadas, executadas ponto a ponto com extrema habilidade, aplicadas em vestidos, casacos, gravatas, luvas, almofadas, xales e mantas. Do complexo trançado com bilros saem as nobres rendas francesas chantilly, leve e romântica, e guipir (adaptação de Guipure, onde ela nasceu), mais encorpada — ambas aplicadas hoje em dia em vestidos de noivas dispostas a pagar um preço salgadíssimo, que pode chegar a 200 euros (1 300 reais) o metro. “É um artesanato muito bonito e delicado, e combina com a proposta de graça, frescor e beleza dos vestidos de noiva”, explica a consultora de moda Glória Khalil.

O reinado da renda artesanal chegou ao fim quando, em 1809, o britânico John Heathcoat inventou uma máquina capaz de produzir uma trama em rede que não se desfazia inteira ao ser cortada. O produto industrial se sobrepôs aos fios manipulados pelas rendeiras tradicionais — que, no entanto, sobrevivem em nichos valorizados pela excelência de sua produção. No Brasil, a renda de bilro feita sobretudo no Nordeste é exportada para vários países. Na França, a alta-costura segue fiel aos enfeites rendados — presentes, entre outras, na coleção que a Louis Vuitton apresentou na Passage Richelieu, no Louvre, na recém-encerrada semana de moda de Paris. Em Antuérpia, o trabalho secular de trançar fios e criar beleza virou obra de arte em museu, comprovando mais uma vez que, no universo das maravilhas em forma de tecido, não há como não se render à renda. ■

FACEBOOK @QUINTADAROMANEIRA

O DESCOBRIMENTO DE PORTUGAL

Em busca de qualidade e boas oportunidades de negócios, brasileiros compram vinícolas no país europeu e passam a produzir rótulos de ótima qualidade **ALESSANDRO GIANNINI**

GERMANO LÜDERS

ANDRÉ ESTEVES
Sócio do BTG Pactual, ele foi um dos pioneiros da invasão brasileira em terras portuguesas. Há dez anos, ele comprou 80% da Quinta da Romaneira, no Douro, que produz tintos, brancos e até azeites de ótima reputação

OS VINHOS portugueses construíram nos últimos anos uma sólida reputação. Além da enorme quantidade de castas — são cerca de 300, entre nativas e estrangeiras —, eles se tornaram conhecidos pela qualidade recorrente das safras e pelos terroirs classificados pelo mercado como de "alto pedigree". Não à toa, Portugal possui duas regiões protegidas pela Unesco como patrimônios mundiais da humanidade: a região do Alto Douro, onde é produzido o famoso vinho do Porto, e a Ilha do Pico, no Arquipélago dos Açores, onde nascem os também admiráveis vinhos do Pico. Com 192 000 hectares de área dedicada ao cultivo de uvas para produção vinícola, Portugal é hoje um dos principais mercados vitivinicultores da Europa. No ano passado, o país produziu 6,3 milhões de hectolitros, dos quais 47% foram exportados, o que resultou na movimentação de 846 milhões de euros — o mercado interno é maior, da ordem de 1,2 bilhão de euros.

Números como esses, associados à excelência lusitana no ramo, chamaram a atenção de diversos empresários brasileiros, que passaram a investir pequenas fortunas nas quintas portuguesas, como são chamadas as fazendas produtoras. O movimento ganhou ímpeto na mesma medida que os vinhos portugueses ganharam

JOSE CARLOS CARVALHO

ALBERTO WEISSER E GABRIELA MASCIOLI
O ex-CEO global da Bunge e sua mulher são donos da Herdade de Coelheiros, propriedade no Alentejo que tem como foco produzir rótulos exclusivos. Eles agora possuem seis marcas próprias

relevância no cenário internacional. "Os empresários buscam produzir vinhos de alta qualidade, e não apenas fazer bons negócios", diz Frederico Falcão, presidente da ViniPortugal, entidade que tem a missão de difundir os rótulos do país. "Eles também acabam virando embaixadores dos vinhos portugueses, o que cria uma onda positiva entre os outros produtores locais." É um ganha-ganha para todos os lados da história.

O empresário mineiro Rubens Menin, dono da construtora MRV e da CNN Brasil, e o executivo Cristiano Gomes, integrante do conselho de administração do Banco Inter, se associaram para comprar duas vinhas na região do Douro, a Quinta da Costa de Cima e a Quinta do Sol. "Não queríamos diletantismo ou aventura", diz Gomes, que se mudou para Lisboa a fim de conduzir os negócios da Menin Wine Company. "Tinha de ser um negócio viável." Após investimentos de cerca de 30 milhões de euros, as quintas foram modernizadas e profissionalizadas, e outras propriedades, como a tradicional Horta Osório Wines, também no Douro, acabaram sendo compradas. Entre os vinhos lançados pela Menin Douro Estates está o Douro's New Legacy, vendido no mercado brasileiro por cerca de 2 000 reais.

A ideia de produzir rótulos exclusivos é o que motivou o alemão-brasileiro Alberto Weisser, ex-CEO mundial do grupo Bunge, a adquirir a Herdade de Coelheiros, uma propriedade com 800 hectares no Alentejo e cuja história remonta ao século XV. Ele e a mulher, Gabriela Mascioli, queriam levar o negócio a outro patamar. Para isso, reestruturaram a quinta e contrataram enólogos profissionais, além de reduzir a produção anual de 400 000 garrafas para 60 000 e eliminar catorze marcas para ficar com apenas seis. Um dos indicativos do sucesso obtido pelo casal foi o aumento da pontuação dos vinhos na escala do renomado crítico Robert Parker, que vai de zero a 100: o tinto Tapada de Coelheiros Garrafeira, por exemplo, atingiu 93 pontos e pode ser encontrado a 1 140 reais.

Um dos pioneiros em terras portuguesas, o empresário André Esteves, sócio do BTG Pactual, está no ramo há quase uma década. Em 2012, após comprar a vinícola Argiano, em Montalcino, na região italiana da Toscana, ele entrou como sócio de um grupo de investidores na Quinta da Romaneira, que tem 412 hectares de área e mais de 3 quilômetros à beira do belíssimo Rio Douro. Apaixonado por vinhos, Esteves comprou 80% da propriedade por um valor estimado em 20 milhões de euros. Dirigida pelo britânico Christian Seely, ela possui um portfólio que inclui vinhos tintos, brancos, rosé, do Porto e até azeites. A maior parte das bebidas tem pontuação maior ou igual a 90 na escala de referência do americano Robert Parker — e a operação é lucrativa. Os vinhos continuam sendo portugueses, mas eles agora ao menos contam com um retrogosto brasileiro. ■

FACEBOOK @MENINDOUROESTATES

RUBENS MENIN
O dono da construtora MRV se uniu a Cristiano Gomes, conselheiro do Banco Inter, para comprar duas quintas no Douro que deram origem à Menin Wine Company. Um de seus tintos mais conhecidos, o Douro's New Legacy, é vendido por 2 000 reais

O MILAGRE DO RENASCIMENTO

Depois de quase três anos de restauração na Itália, a *Pietà Bandini*, escultura renegada pelo genial Michelangelo, tem todo o seu esplendor devidamente resgatado para o mundo **AMANDA CAPUANO**

CLAUDIO GIOVANNINI/OPERA DI SANTA MARIA DEL FIORE

PROJETAR o próprio túmulo não é das ideias mais efetivas para se distrair da morte, mas foi o passatempo escolhido por um já idoso Michelangelo (1475-1564) para manter-se ativo. Segundo narra o discípulo e biógrafo Giorgio Vasari, o gênio renascentista começou a moldar uma escultura para adornar sua tumba aos 72 anos, visando assim a ocupar a mente e se manter são. Durante oito anos, debruçou-se noite adentro sobre um bloco de mármore, fazendo emergir dele o corpo de Jesus Cristo crucificado e amparado pela Virgem Maria, por Maria Madalena e pelo fariseu Nicodemos — na face do qual esculpiu seu autorretrato. O plano era doar a peça à igreja de Florença onde queria ser enterrado. Mas a obra nunca chegou a ser concluída. Relata Vasari que Michelangelo — capaz de passar meses nas montanhas de Carrara em busca do mármore perfeito — se irritou com o bloco destinado à escultura e tentou destruí-la em um acesso de fúria. Hoje batizada de *Pietà Bandini*, a obra sobreviveu — sem nunca alcançar, claro, a notoriedade da Pietà

BRILHO REVELADO A obra após o restauro: a figura do alto é um autorretrato do artista

CLAUDIO GIOVANNINI/OPERA DI SANTA MARIA DEL FIORE

LIMPEZA A restauradora Paola em ação: trabalho minucioso diante do público

mais famosa, um dos tesouros do Vaticano. Agora, porém, o término da primeira restauração da obra renegada em mais de 470 anos prova que a aversão do mestre era exagerada — ela é soberba. "Não há restaurações documentadas antes desta, a não ser a realizada por volta de 1560 por Tibério Calcagni, sem o qual a obra nunca teria chegado a nós", conta Paola Rosa, à frente do processo no Museu do Duomo, em Florença.

Com posição de destaque na instituição, no centro da Tribuna di Michelangelo, a *Pietà Bandini* começou a ser restaurada em 2019 ali mesmo, com todo o processo feito diante dos olhos dos visitantes. Um extenso diagnóstico mostrou que a obra estava coberta por camadas de cera oxidada e gesso, removidas com um trabalho minucioso de limpeza e reconstrução que reavivou as cores originais. "O objetivo era obter uma superfície agradável e uniforme, que passasse a imagem da Pietà esculpida em um único bloco, como provavelmente Michelangelo pensou", explica a restauradora, que também tem no currículo o reparo do inigualável *David*. "Tive o privilégio de recuperar outras obras de Michelangelo, e é sempre uma grande emoção aliada a uma enorme responsabilidade", diz. Mesmo com o processo finalizado, o "laboratório" de restauração seguirá em exposição até março de 2022, dando aos visitantes a chance de desfrutar de tours guiados sobre uma das peças mais menosprezadas de Michelangelo.

Abandonada por seu criador em 1555, a Pietà foi doada ao serviçal Antonio da Casteldurante, que pediu a Tiberio Calcagni, pupilo de Michelangelo, que completasse a figura de Maria Madalena. Foi, então, vendida ao banqueiro Francesco Bandini, de quem herdou o nome, e exposta nos jardins de sua casa até 1649, quando passou a adornar o palácio de um cardeal em Roma. Em 1671, foi comprada por Cosimo III de Medici e retornou a Florença, onde passou quase cinquenta anos escondida na cripta da Basílica de São Lourenço, antes de ser exposta na parte de trás do altar da Catedral de Santa Maria del Fiore. "A *Pietà Bandini* é menos valorizada do que outras obras de Michelangelo porque por muito tempo esteve quase invisível", conta Paola. Isso só melhorou a partir de 1933, quando passou a ser mais exposta, ainda que timidamente. Em 1981, foi enfim transferida ao Museu do Duomo, e desde 2015 se impõe com maestria no centro do salão, sobre uma base que evoca o altar fúnebre ao qual seria destinada originalmente.

HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

PERFECCIONISTA Michelangelo: obsessão em achar o mármore perfeito

Com quatro figuras esculpidas em um único bloco de 2,25 metros e 2,7 toneladas, a peça confirma a habilidade de Michelangelo no trato do material, e também traz luz sobre sua relação obsessiva com o mármore. A restauração revelou que o mestre tinha razão: a pedra, de fato, não era da melhor qualidade. Nem sequer veio de Carrara, mas de Seravezza, a cerca de 16 quilômetros dali. Seus veios e rachaduras podem tê-lo levado a desistir do trabalho. Perfeccionista, ele escreveu em um de seus sonetos que "nem o melhor dos artistas tem qualquer concepção que um único bloco de mármore não tenha", sugerindo que a imagem se revelava a ele através da pedra. Curiosamente, os restauradores não encontraram vestígio de que ele tenha de fato destruído a obra a marteladas. O milagre do renascimento trouxe de volta ao mundo a obra-prima escondida — sem que ela perdesse sua aura de mistério. ■

O TIPO CERTO DE VIAGEM

O fiasco antológico do filme de 1984 cercou o novo *Duna* de apreensão. Motivos não faltavam – mas a criação monumental e mesmerizante de Denis Villeneuve dispersa todos eles

ISABELA BOSCOV

VISÕES Chalamet se vê com Zendaya em um de seus transes: a natureza dúbia das profecias

WARNER BROS.

Trinta e sete anos depois de seu lançamento, a adaptação de David Lynch para *Duna*, o clássico de 1965 do escritor americano Frank Herbert, ainda provoca espanto — e não no bom sentido. Sempre um excêntrico, mas em qualquer outro caso um cineasta notável, no filme de 1984 Lynch viajou no exagero, no grotesco e na incoerência, e cunhou um desastre tão retumbante (ainda que cheio de personalidade) que se tornou, ele próprio, um clássico entre os desastres. Daí a apreensão que cercou a nova adaptação do livro — o que torna assistir ao ***Duna*** *(Dune,* Estados Unidos, 2021) do canadense Denis Villeneuve, em cartaz a partir da quinta-feira 21, muito mais que um alívio. Essa, sim, é a viagem que um aficionado esperaria: aquela que transcende a sua imaginação, assombra (agora no melhor sentido possível) e conjura outros mundos com tal vividez que vê-los é estar neles.

Mundos como Arrakis, um planeta de areias infinitas que escondem vermes imensos, capazes de engolir plataformas de refinação inteiras, com as quais disputam a riqueza desse deserto — a "especiaria", substância que aguça a percepção de forma a permitir a navegação estelar. Sem a especiaria não há circulação entre mundos nem comércio; nada tem tanto valor. Por ela, há oito décadas o barão Harkonnen (Stellan Skarsgard) persegue e tenta exterminar os Fremen, a população indígena de Arrakis. Mas, agora, a exploração acaba de passar por decreto imperial à linhagem Atreides. O duque Leto Atreides (Oscar Isaac) suspeita que as razões por trás da oferta sejam sinistras, mas não pode recusá-la. Sua mulher, Jessica (Rebecca Ferguson), acha que o destino está se cumprindo: educada em uma seita mística, ela crê que seu filho, Paul (Timothée Chalamet), seja a figura central de um vaticínio, e o instruiu nas estranhas artes da sua ordem.

WARNER BROS.

AQUI HÁ MONSTROS Um dos "vermes de areia" emerge: eles disputam com os homens a preciosa "especiaria"

Não há surpresa em dizer que a chegada dos Atreides a Arrakis será uma calamidade: os sonhos proféticos de Paul com uma jovem Fremen (Zendaya) de olhos inteiros azuis — efeito da especiaria — e sua fuga dos Harkonnen rumo ao deserto profundo é que deflagram o enredo. E esse era o primeiro e maior desafio de *Duna*, a trama imensa e intrincada de Frank Herbert. Mas Villeneuve o vence sem esforço aparente e com brilhantismo, atendendo às necessidades expositivas em algumas cenas-chave (nunca se viu tal tensão no gesto de pedir um copo de água à mesa do café da manhã) e deixando que a imagem cuide do resto. Colocados entre as paisagens e estruturas gigantescas, austeríssimas, os seres humanos não são mais do que insignificantes. E, no entanto, é às ambições e disputas deles que elas devem sua existência. A tensão entre a vastidão do universo e a fragilidade e a imperiosidade humanas, os círculos perpétuos de poder, opressão e revolta, e a imprevisibilidade daquilo que há de intangível no interior de uma pessoa — os sonhos, o instinto, a crença — são a matéria de que Herbert fez *Duna*, e toda ela está na tela, viva.

CHIA BELLA JAMES/WARNER BROS.

SONHO MATERIALIZADO Villeneuve, com Javier Bardem: a imagem é tudo

Mesmo entre outros cineastas que hoje trabalham nessa proporção operística, Villeneuve ocupa um lugar só seu na concepção das imagens. Seja mergulhando no narcotráfico, como em *Sicário*, retomando um futuro ficcional, como em *Blade Runner 2049*, ou ainda imergindo em um presente paralisado pela intrusão de outras inteligências, como em *A Chegada*, é na imagem que reside a parte crucial do que ele tem a dizer: no seu extraordinário senso de escala e de volume, na sua fusão do colossal com o minimalista, na maneira penetrante com que sua câmera se aproxima dos atores — todos aqui excelentes nos seus papéis — e no instinto notável com que ele encomenda trilhas sonoras que ora ampliam as imagens, ora discordam delas. Seu *Duna* é uma espécie de apogeu. Mas — e esse é um "mas" e tanto — está incompleto: só a primeira metade do livro é coberta aqui. O desfecho é apropriadamente indefinível, poético — e frustrante, dado que a Parte II não passa ainda de um plano que talvez se materialize, talvez não. Em se tratando de *Duna*, nunca se podem ter só boas notícias. ■

PATRICK REDMOND/20TH CENTURY STUDIOS

FORÇA NA PERUCA Driver e Damon se enfrentam para decidir uma acusação de estupro: de amigos a inimigos figadais

EMBATE FRUSTRANTE

Em *O Último Duelo*, Ridley Scott recria um episódio do século XIV com produção impecável e pretensão a um #MeToo medieval. Mas o verdadeiro combate, aqui, é de canastrice

NA EXIGÊNCIA dedicada à produção, Ridley Scott costuma ser intransigente. Para ***O Último Duelo** (The Last Duel*, Inglaterra/Estados Unidos, 2021), já em cartaz nos cinemas, ele escolheu como locação algumas das edificações medievais mais impressionantes das regiões francesas da Borgonha e da Dordonha — esta, a fronteira entre os domínios da Inglaterra e França na época da Guerra dos 100 Anos (1337-1453), em que se passa a trama. Erguidos entre os séculos X e XII, os castelos de Beynac, Fénelon e Berzé são exemplares particularmente bem preservados da arquitetura maciça e severa do período — uma fidelidade que se completa nos figurinos de Janty Yates, que trabalhou com Scott em *Gladiador, Cruzada* e *Robin Hood*, na decoração de set de Judy Farr, veterana de *Downton Abbey* e *A Coroa Vazia*, no desenho de produção de Arthur Max, colaborador de longa data do diretor, e na fotografia primorosamente lúgubre e austera do polonês Dariusz Wolski.

Matt Damon, com quem Scott fez *Perdido em Marte*, vive Jean de Carrouges, guerreiro que, em razão dos modos bruscos e da mania de acusar qualquer menosprezo à sua pessoa (e, talvez, por causa do péssimo penteado), nunca encontra favor com seu senhor, o libertino conde d'Alençon (Ben Affleck). Nesse quesito, quem se sai bem é Jacques Le Gris (Adam Driver), irmão de armas de Carrouges. Corroída aos poucos, a amizade vira ódio quando Le Gris afana uma propriedade que iria para Carrouges no casamento com Marguerite de Thibouville (Jodie Comer) — e, então, com a acusação de Marguerite de que Le Gris a estuprou. Le Gris nega, Marguerite insiste, e Carrouges pede que a questão seja decidida em duelo. Não daqueles encontros ao amanhecer entre cavalheiros, mas uma justa com cavalos, lanças e machados.

À maneira de Akira Kurosawa em *Rashomon*, Scott encena a versão de cada um dos três envolvidos (Affleck, Damon e Nicole Holofcener dividiram o roteiro entre si). Ao contrário de Kurosawa, porém, resulta repetitivo e converte em óbvio o que deveria ser subjetivo. Jodie Comer se safa, mas Damon e Driver se enfrentam mesmo é na canastrice (secundados, naturalmente, por Affleck). Rígido, desajeitado e pomposo, este *Duelo* range, na tela, mais que armadura enferrujada. ■

Isabela Boscov

A GRANDEZA DAS PALAVRAS

Nos artigos reunidos em *Desafios da Democracia*, o jornalista Merval Pereira aponta, com elegância, o peso do mau uso da linguagem na corrosão da política nacional **VINICIUS MÜLLER**

A ÚLTIMA FRASE de *Desafios da Democracia*, o novo livro de Merval Pereira, é reveladora de todo o percurso que o experiente jornalista de *O Globo* e membro da Academia Brasileira de Letras traça nas quase 450 páginas anteriores: "E a mania de falar palavrão pode significar apenas que é uma pessoa mal-educada". A pessoa em questão é o presidente da República. Mas, mesmo que não soubéssemos, continuaria sendo a síntese do trabalho do autor em cinquenta anos de carreira: a palavra é a fonte de quem se dedica à defesa de uma imprensa democrática. E nunca pode ser vilipendiada, sob o risco de expor a falta de educação de quem a professa.

FATOS Merval: análises lúcidas que vão dos malfeitos da era Lula ao gosto por palavrões do atual presidente

TOMAS RANGEL

Nos 144 artigos reunidos no livro, o imortal ocupante da cadeira que foi de Moacyr Scliar expõe a conta-gotas os últimos dezessete anos da vida política brasileira, sem se arvorar no papel ocupado pelos moralistas. Merval e suas palavras não precisam ter razão, pois revelam em textos curtos e no calor dos acontecimentos as vozes dos agentes da história. Sejam eles os homens e mulheres, sejam agrupamentos sociais — ou mesmo ideias. Essa sutileza revela-se na insistência em usar palavras de outros intelectuais para dar vida a seus argumentos. Como se reconhecesse que as suas próprias não seriam tão esclarecedoras quanto aquelas aprendidas com outras pessoas. É marcante a intimidade que ele revela ter com ideias e livros dos mais variados. Assim, salta aos olhos a naturalidade com a qual retrata a opinião do historiador Kenneth Maxwell sobre a Rússia de Vladimir Putin ou como enxerga a utilidade da obra do economista chileno Carlos Matus (1931-1998) para entender o Brasil dos anos Lula.

O formato do livro, que apresenta os textos em ordem cronológica e não agrupados por temas, torna mais difícil identificar o fio condutor de suas ideias. Mas algumas pistas são insti-

DESAFIOS DA DEMOCRACIA,
de Merval Pereira
(Topbooks;
450 páginas;
83,90 reais)

gantes. Há inúmeras citações ao historiador José Murilo de Carvalho, dono de uma consistente obra sobre a trajetória política do país. Assim, identifica o mesmo teatro de sombras que Carvalho define como palco da política nacional. E sabiamente mostra que o mau uso das palavras e de seus significados — como a imprudente acusação de que Fernando Henrique Cardoso legou uma "herança maldita", que o chavismo venezuelano era "democrático" ou que as propostas de resolução das distorções do Estado brasileiro são sempre "neoliberais" — é, na verdade, parte do veneno que adoece a democracia. Em um dos artigos, cujo título não por coincidência é "Palavras", Merval discute como elas são distorcidas na política brasileira: "Geralmente tudo o que se diz pode significar o contrário".

A essa contundente conclusão, Merval soma uma sutil provocação aos operadores do marketing político que contribuem para o enfraquecimento da democracia, comparando o publicitário João Santana ao marqueteiro político americano Lee Atwater em um texto de título sugestivo, "João 'Bicho-Papão' Santana". E segue com elegantes críticas à imprensa, aos efeitos deletérios da tecnologia e à contribuição do nosso triste atraso educacional para a manutenção do pior tipo de populismo assistencialista. Esse quebra-cabeça oferecido por Merval Pereira só se revela quando todas as peças estão encaixadas. E o recado é que o desprezo, o mau uso e as distorções provocadas pelas palavras erradas contribuem para a corrosão da democracia, iluminando como a Nova República chegou à encruzilhada que enfrenta hoje. Em suma, é a linguagem da democracia que está sob ameaça. ■

WALCYR CARRASCO

COMO PAREI DE FUMAR

Cada um tem uma força íntima, e alavancá-la depende de nós

NAS ÚLTIMAS décadas, todas as madrugadas acendia meu charuto. Durante umas duas horas contemplava o vazio, apreciando a fumaça. Se viajava, antes me certificava de que o hotel tinha varanda, terraço. Sempre comentava que fumar me ajudava a refletir sobre a vida. De fato, era viciado. Pirava sem charuto. Cheguei a comprar uns horrendos, em banca de revista, do fumo mais inferior, para não passar sem. Mas... a vida tem reviravoltas. Há meses um médico comentou que eu tinha risco de enfisema pulmonar. Raciocinei: "É só um risco e, afinal de contas, ele é gastro!". E acendi um charuto. Detalhe: sempre os de bitola larga, para o prazer durar mais. Mas há duas semanas fui a Portugal. Aviões e aeroportos proíbem espirais de fumaça. Preparei-me psicologicamente, viajei a noite inteira sem sentir falta. Eu realmente não andava bem de saúde, sempre cansado... Aquelas duas horas na madrugada às vezes eram cansativas. Ainda exausto da viagem, não fumei no dia seguinte. No terceiro, pensei: "Se suportei dois dias, mais um será fácil". De um em um, não fumo há semanas.

"Todo mundo admira quem se livra de um vício. Vale a pena. Não só pela saúde, mas pelos elogios"

Sei que estou apresentando uma versão açucarada. Como se fosse facílimo. Não é. Imagino inclusive que cigarros são mais difíceis de largar que charutos. Passei a infância com meu pai tentando largar os dois maços por dia. Só parou mesmo quando ficou muito doente. Vários amigos e amigas tentam parar, não conseguem. É um dia de sofrimento, depois acendem "só mais um...".

Para mim, foi uma questão de determinação. É assim que tudo acontece na minha vida. Quando resolvo, voltar atrás seria uma espécie de derrota. Foi o que aconteceu com o charuto. Resolvi que não. Pronto, é não. Nem todo mundo é assim. Nunca tive talento para guru de autoajuda, não me transformarei em um agora. Mas garanto: cada um de nós tem uma força íntima. Alavancá-la é um processo que muda de pessoa para pessoa. A gente tem uma enorme capacidade de decisão, só às vezes não tem consciência disso. E não funciona para tudo. Há anos tento erguer as alavancas para gostar de malhar. Meu sonho é perder a barriga. Está muito mais difícil que o charuto. Hoje mesmo me levantei cheio de energia. Vontade de cuidar do meu shape. Botei roupa leve e tênis. Quando fui para fora... estava chovendo! Adiei a decisão. (Tenho esteira em casa, mas nem olhei para ela.) A desculpa é que desejava caminhar ao ar livre. Preciso focar. Como agora com o charuto.

Sinto falta? Óbvio. Mas ganhei duas horas no dia. Voltei a ler, tenho visto filmes. Esses dias assisti a um com o Anthony Hopkins de exorcista. Em certo momento, ele mesmo é possuído pelas feras infernais e passa boa parte do filme fazendo caretas, gritando e lançando olhares de horror. Garanto: o charuto seria mais agradável. Mas é a vida! Continuo em frente. Nem que seja pelo orgulho de dizer em alto e bom som: parei de fumar. Descobri: todo mundo admira quem se livra de um vício. Vale a pena. Não só pela saúde, mas pelos elogios, que fortalecem o ego. ■

INSTAGRAM @MADONNA

CINEMA

COWBOYS **(Estados Unidos/ 2020. Disponível em plataformas como Now e iTunes)**

Acuada por trás de longas madeixas loiras, Joe (Sasha Knight), 10 anos, brada ao pai, Troy (Steve Zahn): "Eu nasci no corpo errado, sou um menino". Ao contrário da mãe, que se recusa a aceitar a transição da garota, Troy, um homem rústico mas sensível, não demora a trocar os pronomes e a chamá-lo de filho. A crise chega ao extremo quando os dois fogem em uma errática aventura pelas montanhas rumo ao Canadá. A atuação exemplar da dupla casa com a doçura da direção de Anna Kerrigan, que foge dos clichês ao embalar a trama familiar em um belo faroeste moderno.

SAMUEL GOLDWYN FILMS

FAMÍLIA Knight e Zahn em *Cowboys:* amizade de menino trans e seu pai rústico

TELEVISÃO

MADAME X TOUR, **de Madonna (disponível no Paramount+)**

Em seu mais recente trabalho, Madonna assumiu uma nova persona: a Madame X, uma fictícia agente secreta feminista que luta pela liberdade, e ainda dá aulas de chá-chá-chá. O registro visual da turnê, gravado no início de 2020 em Lisboa (onde ela vive hoje), mostra a afiada performance da artista e também os bastidores, com dezenas de trocas de figurinos e cenários que retratam a "viagem ao redor do mundo" da tal agente secreta. Junto com o filme, também foi lançado um álbum ao vivo (já disponível nas plataformas de streaming) com vinte faixas, entre elas clássicos como *Vogue*, *American Life* e *Like a Prayer*. Aos 63 anos, Madonna segue mais criativa que nunca e deixou-se influenciar pela cultura ibérica. No espetáculo há até uma faixa, *Fado Pechincha*, interpretada por ela em português.

BOA FORMA Madonna, como Madame X: documentário e disco gravados ao vivo em Lisboa

LIVRO

MENINAS, **de Liudmila Ulitskaia (tradução de Irineu Franco Perpetuo; Editora 34, 168 páginas; 49 reais)**

Na União Soviética dos anos 40 e 50, garotas no fim da infância amadurecem sob a propaganda stalinista e alheias aos conflitos da época, como a II Guerra. De um pai que volta traumatizado do front até a desigualdade social que não condiz com a pregação comunista, elas observam a vida em Moscou a partir da periferia da história — mas sentem em cheio seus efeitos colaterais. Aposta constante para o Nobel de Literatura, a autora russa é cirúrgica e sagaz ao tecer os seis contos desta coletânea. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [2 | 28#] PARALELA
2. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [3 | 111#] FARO EDITORIAL
3. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [5 | 12#] GALERA RECORD
4. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [6 | 40#] TODAVIA
5. **O PROCESSO** Franz Kafka [0 | 1] ANTOFÁGICA
6. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [7 | 164#] VÁRIAS EDITORAS
7. **INDOMÁVEL (TRILOGIA DAMAS REBELDES – LIVRO 3)** Julia Quinn [0 | 1] ARQUEIRO
8. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** V.E. Schwab [8 | 6] GALERA RECORD
9. **O LADO FEIO DO AMOR** Colleen Hoover [0 | 1] GALERA RECORD
10. **MALIBU RENASCE** Taylor Jenkins Reid [0 | 3#] PARALELA

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 78#] ROCCO
2. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [2 | 134#] OBJETIVA
3. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [7 | 244#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
4. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [6 | 41#] DARKSIDE
5. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [3 | 8#] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** Laurentino Gomes [8 | 18] GLOBO LIVROS
7. **SUZANE: ASSASSINA E MANIPULADORA** Ullisses Campbell [5 | 10#] MATRIX
8. **SOCIEDADE DO CANSAÇO** Byung-Chul Han [0 | 16#] VOZES
9. **RESPIRE** Rickson Grace [0 | 1] HARPERCOLLINS BRASIL
10. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [0 | 248#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **REBELDES TÊM ASAS** Rony Meisler e Sergio Pugliese [0 | 7#] GENTE
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [2 | 129#] CITADEL
3. **ORGANIZAÇÕES INFINITAS** Junior Borneli; Cristiano Kruel; Piero Franceschi [0 | 1] GENTE
4. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [3 | 51#] HARPERCOLLINS BRASIL
5. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [4 | 343#] SEXTANTE
6. **DNA REVELADO DAS EMOÇÕES** Elainne Ourives [1 | 2] GENTE
7. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [5 | 253#] OBJETIVA
8. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 72#] ALTA BOOKS
9. **QUEM PENSA ENRIQUECE – O LEGADO** Napoleon Hill [0 | 1] CITADEL
10. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** Brené Brown [8 | 54#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **OS DOIS MORREM NO FINAL** Adam Silvera [0 | 1] INTRÍNSECA
2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [2 | 31#] SEGUINTE
3. **MENTIROSOS** E. Lockhart [1 | 23] SEGUINTE
4. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [5 | 76#] SEGUINTE
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [9 | 316#] ROCCO
6. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [3 | 16#] INTRÍNSECA
7. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** Karen M. McManus [7 | 18#] GALERA RECORD
8. **A SELEÇÃO** Kiera Cass [0 | 90#] SEGUINTE
9. **ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO** Benjamin Alire Sáenz [0 | 11#] SEGUINTE
10. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** Sarah J. Maas [8 | 50#] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

SENADO EM FOCO

NAS REUNIÕES políticas que vem fazendo em busca de reforço para a disputa de 2022, o ex-presidente Luiz Inácio da Silva tem destacado duas prioridades em seu projeto de voltar ao Palácio do Planalto: conquistar uma bancada ampla de senadores e dar atenção especial aos eleitorados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, não necessariamente elegendo governadores do PT.

O entendimento exposto por Lula aos interlocutores é o de que presidentes não precisam de governadores, ao contrário, pois a dependência de verbas federais assegura harmonia política. Em relação aos senadores é diferente: os presidentes precisam, e muito, de uma base sólida no Senado. Para quase tudo de importante na República.

Passam pelo crivo desses parlamentares as indicações ao Supremo Tribunal Federal, a agências reguladoras, ao Ministério Público, a embaixadas, entre outras funções da alta administração federal. É atribuição dos senadores autorizar operações financeiras externas de interesse de todos os entes federativos. Também é deles a prerrogativa de julgar processos de crimes de responsabilidade envolvendo o presidente, o vice, ministros do Supremo, comandantes das Forças Armadas, o procurador-geral e integrantes dos conselhos nacionais de Justiça e do MP.

Em tese, e na hipótese de raciocinar com juízo, Jair Bolsonaro seria o primeiro a concordar, dadas as dificuldades que enfrenta num Senado que, além de uma CPI de efeitos explosivos para o Planalto ainda não totalmente medidos, tem barrado iniciativas de interesse do governo oriundas da Câmara. Sem contar o fato de a Casa ser presidida por um potencial adversário na disputa de 2022, cujo ativo é o exercício do cargo.

Na próxima eleição, estará em jogo um terço das vagas do Senado. Uma disputa peculiar, pois majoritária e sem chance de segundo turno, como ocorre com o presidente e os governadores. É um "mata-mata" que, na avaliação do líder da oposição na Câmara, deputado Alessandro Molon (PSB-RJ), terá caráter plebiscitário de rejeição ou aprovação do governo Bolsonaro.

> **"Para Lula, é mais útil eleger senadores que se empenhar na conquista de muitos governadores"**

Nos dois estados em que o PT pretende fazer o investimento mais pesado, a palavra de ordem é deixar de lado as pretensões hegemônicas e investir na política de alianças. Minas e Rio são os dois maiores colégios eleitorais do país depois de São Paulo, o que já justificaria a preocupação, mas há mais.

O eleitorado mineiro é tido como definidor de vitórias e derrotas — basta lembrar que Aécio Neves não ganhou de Dilma Rousseff em 2014 porque perdeu a eleição "em casa". Já o Rio na próxima eleição vai requerer especial dedicação de todos os concorrentes, dado o interesse de impor uma derrota a Jair Bolsonaro no reduto dele e de dois de seus filhos políticos. Ali ganhou de lavada em 2018, com quase 70% (67,95%) dos votos.

Lula, por ora o favorito para enfrentar o atual presidente, enfrenta uma situação peculiar no estado. Enquanto as pesquisas dão a ele uma dianteira folgada em relação a Bolsonaro no âmbito nacional, entre os fluminenses a condição é de empate dos dois num patamar em torno de 30%, segundo dados do instituto Big Data.

Em nome da necessidade, em Minas e no Rio as tratativas para a formação de chapas locais requerem mais esforço do PT no quesito desapego. Em São Paulo nada indica que o partido desistirá da candidatura de Fernando Haddad para o governo, mas em terras mineiras e fluminenses a receita prescrita é composição.

O carioca Marcelo Freixo, por duas vezes candidato a prefeito da capital e hoje o mais bem posicionado nas pesquisas para o governo, caminha para receber o apoio dos petistas, em cujos planos pode ser incluída a candidatura de Alessandro Molon ao Senado para se confrontar com um bolsonarista como, por exemplo, o ex-prefeito Marcelo Crivella ou mesmo Romário, se o ex-jogador buscar novo mandato.

O bem avaliado prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), é objeto de desejo do PT para uma coligação que poderia incluir o empresário Josué Gomes para vice na chapa presidencial.

Uma jogada de aceno forte ao centro. Kalil é do partido de Gilberto Kassab e Josué, filho de José Alencar e futuro presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), repetiria o simbolismo da chapa de 2002 e 2006, quando Lula chamou Alencar para vice a fim de sinalizar ao empresariado que não haveria nada a temer com o PT no poder. ■